

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Ednelson Florentino da Silva

**NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO: subjetividade e
singularidade do narrador**

Taubaté
2008

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Ednelson Florentino da Silva

**NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO: subjetividade e
singularidade do narrador**

Dissertação apresentada como parte dos
requisitos para a obtenção do título de mestre em
Linguística Aplicada. Orientador: Prof. Dr.
Robson Bastos da Silva.

Taubaté
2008

EDNELSON FLORENTINO DA SILVA
NARAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO: SUBJETIVIDADE E SINGULARIDADE DO
NARRADOR

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre pelo Curso de Lingüística Aplicada do Departamento de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, Área de Concentração:

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.: _____ Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a): _____ Universidade _____

Assinatura: _____

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Messias, pelo carinho e apoio nos momentos mais difíceis.

Ao Prof. Ms. Jeferson José Ribeiro de Moura, porque esse trabalho só ocorreu a partir dele, grande amigo e incentivador.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui.

Ao prof. Dr. Robson Bastos pelo apoio, confiança e, principalmente, paciência.

Aos meus amigos que foram fundamentais para a conclusão desse trabalho.

À Prof. Ms. Soraya Myra Reis, sempre encorajadora.

Ao Prof. MS. Gerson Mário, pelas trocas de experiências e trabalhos.

À Patrícia Dovigo, por ter apoiado e indicado os caminhos burocráticos para a conclusão desse mestrado.

À Prof. Dr. Elzira, pelo apoio e conselhos, nos momentos mais difíceis.

À jornalista Ana Paula Moura, grande amiga, e ao Prof. Ms. Robson Monteiro, que no papel de chefes souberam entender as necessidades que tive para a conclusão do curso.

Ao amigo Wanderson Neves outro grande incentivador.

Ao Prof. Francisco Assis pela atenção e apoio.

À minha namorada Polyana Gonzaga, aos amigos José Luiz Bittencourt Júnior, Thiago Amaral e aos meus alunos que torceram por mim.

RESUMO

Este trabalho analisa a narração esportiva realizada pelos locutores de duas rádios AM e a forma como ocorre a construção dessa narrativa. A linguagem radiofônica, a utilização das linguagens verbal e não verbal, a formação profissional e a constituição do sujeito narrador são consideradas como fatores que contribuem para a composição desse discurso. Para essa análise, foram utilizadas narrações de duas partidas de futebol, realizadas por dois narradores diferentes, de duas emissoras paulistas também diferentes, para que se pudesse observar a regularidade discursiva e a constituição, a partir da subjetividade, da singularidade do narrador de futebol. Para isso, buscou-se encontrar as marcas enunciativas e entender a articulação das idéias no momento da descrição das jogadas e a intenção de realizar, a partir delas, a interlocução com o ouvinte/torcedor. Outro ponto considerado na formulação desse discurso foi a relação existente entre os personagens da transmissão esportiva, desde o plantonista, passando pelos repórteres, comentaristas, os atletas, técnicos, até chegar ao narrador, responsável pela condução da jornada. Procurou-se entender como se dá essa relação e que modificações ela promove em seus participantes. Para esse entendimento, foram utilizadas as teorias da Análise de Discurso de linha francesa, essenciais para a compreensão dos sujeitos presentes nessa interlocução, as formas de recepção dos enunciados e as modificações de sentido promovidas neles e a partir deles. Diante dessa proposta, entende-se que a contribuição pode ocorrer quanto ao entendimento da narrativa do futebol no rádio, enquanto gênero do discurso e o papel de todos os envolvidos, inclusive do ouvinte, que é um interlocutor que age de forma responsiva, que interfere na transmissão sem, muitas vezes, o entendimento de seu papel nesse processo.

Palavras Chave:

Linguística Aplicada. Análise de Discurso. Linguagem Radiofônica. Narração Esportiva. Futebol. Rádio.

ABSTRACT

This work analyses the sportive narration by the two AM radio announcers and the way the narrative construction occurs. The radio language, the use of verbal and non-verbal languages, the professional background and the constitution of the narrative character are considered factors which contribute on the composition of this speech. For this analysis, two narrations, of two different soccer games, done by two different announcers, from two also different radio stations of São Paulo, Brazil were used, so that the discursive regularity and the constitution, considering the subjectivity and singularity of the soccer game announcer, could be observed. Announcing highlights were found and the ideas articulation on the moment of describing the players' moves, as the intention of holding , through them, the communication exchange with the listener / sport supporter were studied. Another considered aspect in the formulation of this speech was the existent relationship among the characters involved in the sport transmission, starting with the attendant, passing by the reporters, commentators, the athletes and coaches, reaching the announcer, responsible for the conduction of the journey. It was intended to understand how these relations take place and what changes they promote on their members. To comprehend this, French speech analyses theories were used, being essential for the understanding of the characters present on this communication exchange, the speech reception ways and the sense changes promoted on them and by them. Through this proposal, it is understood that the contribution can occur on the radio soccer narration, as a genre of the speech, and on the role of all involved, including the listener, who is an communication exchanger, acts responsively, and interferes on the transmission not, at many times, understanding their role on this process.

Key words:

Applied Linguistics. Speech Analyses. Radio Language. Sport Narration. Soccer. Football. Radio.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1. HISTÓRIA | 12 |
| 1.1. Lingüística Aplicada e Comunicação Social | 12 |
| 1.2. Rádio: Veículo de Massa | 15 |
| 1.2.1 O Rádio e seus Vários Inventores | 16 |
| 1.2.2 O Rádio e sua História no Brasil | 18 |
| 1.3 Rádio e Futebol, desde Início, uma Fórmula de Sucesso | 24 |
| 1.4 Formação Profissional | 27 |
| 2. ANÁLISE DE DISCURSO, LINGUAGEM E GÊNEROS | 29 |
| 2.1 Definições de Linguagem | 29 |
| 2.2 Discurso | 31 |
| 2.3 Gêneros Discursivos | 34 |
| 2.4 Subjetividade | 36 |
| 2.5 Heterogeneidades Constitutiva e Mostrada | 38 |
| 3. LINGUAGEM RADIOFÔNICA | 40 |
| 3.1 Linguagem Radiofônica Esportiva e Narração Esportiva | 43 |
| 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE CORPUS | 50 |
| 4.1.1. Condições de Produção das Narrações em Foco | 51 |
| 4.1.2. Análise do Corpus | 53 |
| 4.1.2.1. Jogo Corinthians e Botafogo | 53 |
| 4.1.2.2. Jogo Corinthians e Palmeiras | 74 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 84 |
| REFERÊNCIAS | 87 |
| ANEXOS | 90 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da união de duas paixões: o futebol e o rádio. A relação entre ambos é registrada desde o início da implantação desse veículo de comunicação no Brasil, por volta da década de 1920. Aos poucos, ela foi se estreitando e hoje as transmissões de futebol são uma realidade em, praticamente, todas as emissoras instaladas no país. Mesmo com a participação direta das emissoras de televisão, que levam até o ouvinte que não está no estádio a imagem do jogo, o rádio mantém uma audiência que permite obter apoio financeiro, por meio de patrocinadores, que garantam a manutenção das equipes esportivas, responsáveis pela transmissão dos jogos, além, obviamente, do lucro. O torcedor encontra no rádio a possibilidade de acompanhar as partidas do clube pelo qual tem simpatia e, em muitos casos, verdadeira paixão. Em busca de cativar esse ouvinte, que, antes de tudo, é um torcedor, as emissoras apostam em jornadas esportivas que criem antes, durante e depois dos jogos emoções suficientes para que esse ouvinte/torcedor permaneça sintonizado nessa emissora. Nesse sentido, o ouvinte/torcedor passa a ser um interlocutor que desempenha um papel social nessa jornada.

Sendo o rádio um meio de comunicação, observa-se que existe um bom número de publicações que aborda sua estrutura, sua linguagem, mas que pouco espaço dedica às transmissões esportivas. No caso do futebol, a situação é semelhante, pois ao tratarem do tema, nem sempre as publicações dedicam atenção à forma como esse esporte chega até a massa de torcedores que lota os estádios, por todo o país. Diante dessas duas situações, encontramos espaço para discutir a linguagem utilizada por esse veículo de comunicação no momento da transmissão de uma partida de futebol. A análise da linguagem é essencial, desde seus conceitos ligados diretamente ao veículo rádio, como sua forma particular de ordenar frases e palavras, até a utilização de ferramentas que contribuem para a formação da

mensagem radiofônica. Entre essas ferramentas estão as frases curtas, os verbos de ação, os efeitos sonoros, a maneira como ocorre a participação dos membros da equipes esportiva.

As hipóteses apresentadas no presente trabalho são: 1) A narração esportiva é calcada no narrador. 2) O gênero discursivo da narração esportiva é comum ao gênero rádio, independente da emissora, sendo o improviso apenas o instante da narrativa, ou da descrição das jogadas, pois o conjunto dos acontecimentos, como a participação dos demais membros da transmissão, segue regras preestabelecidas. 3) Singularidade do narrador aprece, então, como estilo criado a partir das marcas definidas por ele, que se apresenta, dessa forma, como sujeito na narração.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é encontrar as marcas enunciativas e entender a articularção das idéias no momento da descrição das jogadas e a intenção de realizar, a partir delas, a interlocução com o ouvinte/torcedor.

Nesse sentido, os sujeitos da narração esportiva têm sua participação analisada, a partir figura do narrador, que é o “comandante” de toda a jornada realizada durante a transmissão de uma partida de futebol. Fala-se de sujeitos porque, ao tratar esse esporte, devem ser considerados os conceitos ideológicos, já que o ouvinte, nesse caso ocupando a posição de interlocutor, é, via de regra, um torcedor, que fez, ainda na infância, a escolha por um time, que é comumente chamado de “clube o coração”, por exemplo.

Para essa análise, escolhemos partidas transmitidas por duas emissoras de rádio AM de São Paulo, CBN¹ e Record, por se tratarem de veículos que, há algum tempo, realizam transmissão de jogos que envolvem clubes importantes do futebol brasileiro, e por apresentam linhas editoriais diferenciadas, com público-alvo também distintos.

O primeiro capítulo desse trabalho faz uma breve abordagem do caminho percorrido pela Lingüística Aplicada para se firmar como área de pesquisa independente da Lingüística.

¹ Central Brasileira de Notícias

Também é traçado o percurso histórico do rádio, desde seu surgimento na Europa, sua chegada ao Brasil, a forma como foi se efetivando como veículo de massa e de grande influência na sociedade; sua utilização política por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo; e o início das transmissões esportivas.

No segundo capítulo, são apresentadas as fundamentações lingüísticas que vão delinear os caminhos de análise percorridos por esse trabalho. A opção é pela AD de linha francesa, que fornece subsídios para o entendimento da forma como ocorre o processo enunciativo das transmissões esportivas, suas implicações e as modificações que promove nos participantes dessa enunciação.

O terceiro capítulo traz a apresentação do Corpus de pesquisa, a análise das transmissões de jogos realizadas por CBN e Record que envolveram as equipes de Corinthians, Botafogo e Palmeiras, com foco em alguns dos melhores momentos dos jogos, para que fosse verificada a linguagem.

Nas considerações finais, ocorre a discussão dos resultados obtidos pela pesquisa, a partir da maneira como as teorias lingüísticas contribuíram para a realização das análises que foram feitas.

1 A HISTÓRIA

1.1 Lingüística Aplicada e Comunicação Social

O trajeto percorrido pela Lingüística Aplicada – doravante LA – para alcançar a importância e o reconhecimento que hoje em dia possui não foi tarefa simples. No começo, a LA teria sido vista como a aplicação de teorias e modelos lingüísticos, com destaque à aprendizagem de língua estrangeira. No entanto, com o tempo, seu campo de ação foi se expandindo e as pesquisas foram sendo feitas também em outras áreas do ensino/aprendizagem de línguas, incluindo a língua materna, percorrendo campos como produção de textos e interação em sala de aula.

Cada vez mais, ter a LA como subárea da lingüística já não dava conta de todas as respostas para os questionamentos que surgiam. Na década de 1980, a LA se via atravessadas por diversas outras disciplinas de âmbito social, como a Psicologia e a Sociologia. Na década seguinte, o campo de atuação da lingüística se ampliou e começou a abranger contextos diversos como as relações de trabalho, de negócios, clínicas e terapêuticas, o que ajudava a caracterizar a LA como transdisciplinar (ROJO, 1996).

Segundo Moita Lopes (2002), a definição dos limites de atuação da Lingüística e da LA parecem hoje mais claros do que no passado, e a atenção pode ser voltada a outros pontos que ele considera mais importantes. Um deles seria discutir os paradigmas sob os quais a LA atua. Diante disso, ele expõe os pontos que podem ser considerados para a compreensão de como e onde atua essa linha de pesquisa e cita que tal entendimento é comum a outros autores, como Cavalcanti (1986), Celani (1992) e Kleiman (1992). Assim, para Moita Lopes, a LA é um tipo de pesquisa que possui quatro características distintivas. Vejamos cada uma delas:

A primeira seria a pesquisa de natureza aplicada em Ciências Sociais, que centraria as atenções para os problemas que são enfrentados pelos “participantes do discurso no contexto

social” (MOITA LOPES, 2002), referindo-se a todos aqueles que se utilizam da língua, seja no contexto do ensino/aprendizagem, ou fora dele.

A segunda teria o foco na linguagem do ponto de vista processual, quando a teoria lingüística seria utilizada para o entendimento da interação entre escrita e oralidade, dando “conta dos tipos de competências e procedimentos de interpretação e produção lingüística que definem o ato da interação lingüística” (MOITA LOPES, 2002, p.10).

Quanto à terceira característica, a pesquisa de natureza interdisciplinar e mediadora, seu entendimento é de que as respostas para determinadas questões levantadas durante a pesquisa sobre um problema de linguagem podem não ser dadas apenas pela lingüística, havendo a necessidade dos subsídios teóricos de outras disciplinas.

A quarta e última característica é a da pesquisa, que envolve formulação teórica, sobre a qual o entendimento é de que, apesar de buscar na formulação teórica de outras disciplinas para a aplicação em suas pesquisas, a LA também é responsável pela formulação de modelos teóricos próprios. Isso deixa claro que, a LA, além de trabalhar para “a resolução de problemas específicos, pode contribuir para o desenvolvimento do conhecimento e a formulação teórica tanto quanto à chamada pesquisa básica” (MOITA LOPES, 2002, p.10).

O que se observa com as afirmações citadas é que a LA, enquanto área de pesquisa, possui campos de atuação definidas para aplicação prática de suas teorias, o que permite ao pesquisador responder aos questionamentos que as pesquisas, que venha a desenvolver, formulem.

No caso de pesquisas em LA que envolvam o campo da Comunicação Social a contribuição recebida pela LA é significativa, no instante em que os estudos consideram que a Comunicação Social se faz no uso da linguagem pelos profissionais que têm a 15 responsabilidade de levar a seu público dados e informações, de maneira clara, objetiva, direta, abrindo espaço para o entendimento e a interpretação do que é transmitido pelos profissionais de comunicação. Segundo Castro, ao considerar essa realidade, a Comunicação

Social agiria para o que ela aponta como “contribuição da base multidisciplinar da qual a LA se vale para tratar dos problemas de questões de linguagem” (CASTRO, 2003, p.8).

O fato de a LA não estar fechada em si mesma e apresentar foco diversificado de interesses têm resultado em ganhos para as diversas áreas do conhecimento. No caso da Comunicação Social, esse ganho vai além do que já foi citado. Segundo Castro, as conquistas passam, também, pela oportunidade de poder pensar na formação dos profissionais de comunicação.

No que diz respeito à comunicação social, os ganhos passam principalmente pela possibilidade de um repensar das questões da formação profissional na área e de uma nova compreensão dessas questões, à medida que os profissionais dessa área e, entre esses, principalmente aqueles responsáveis pela formação de outros (futuros) profissionais, os professores de escolas de comunicação social, entram em contato com os conhecimentos gerados na lingüística aplicada. (CASTRO, 2003 , p. 8).

No caso deste trabalho, em que a comunicação, mais especificamente a narração esportiva em rádio, é discutida à luz da Análise de Discurso de linha francesa, espera-se que as contribuições sejam recíprocas entre LA e Comunicação Social.

1.2 Rádio: Veículo de Massa

Como meio de comunicação, o rádio é considerado veículo de massa, pois atinge um número imensurável de ouvintes, devido às suas características. Entre elas, segundo Beltrão (apud ORTRIWANO, 1985), esta a facilidade que o homem possui em captar e reter as mensagens falada e sonora de maneira simultânea, com a realização de outras atividades que não necessariamente receptivas. A ausência de imagem e a utilização da linguagem oral pelo rádio promovem um envolvimento entre locutor e ouvinte, fazendo com que seja criado o que Ortriwano (1985, p.80) chama de “diálogo mental” com o emissor.

A audiência do rádio é rotativa, ou seja, a pessoa que agora está ouvindo uma determinada emissora pode não estar sintonizada nela daqui a alguns instantes. Por essa razão,

as emissoras trabalham na tentativa de manter o ouvinte em sintonia o máximo que puderem, por questões de competitividade e pela necessidade financeira, já que a audiência pode levar à manutenção e conquista de patrocinadores. Nesse sentido, para se manter a atenção do ouvinte, a utilização correta da linguagem é segundo Porchat (1989, p.94), uma arma importante. No entanto, para a composição dessa linguagem, não basta considerar apenas a escolha correta das palavras, mas sim tudo o que envolve as condições de produção do enunciado. Além disso, é preciso considerar que o discurso apresentado pelo locutor só terá efeito se encontrar no ouvinte referências que permitam a decodificação. Ao entender que o enunciado carrega consigo significação, mas que ela só vai se materializar no entendimento do outro, consideramos que marcas sociais e ideológicas (isso será abordado no capítulo 2) participam do processo de compreensão enunciativa. Moura compara a palavra dita de forma isolada, fora de contexto, a um tecido morto:

A palavra enquanto sinal isolado, descontextualizado e sem intenção para com o interlocutor é como um tecido morto, inerte, afastado da dinâmica social. Por isso, quando estudamos enunciados e sua expressão na enunciação devemos levar em conta a posição social do indivíduo, não só no sentido hierárquico e cristalizado de castas, mas na dinâmica das relações e trocas sociais (MOURA, 2003, p. 52).

Sendo assim, a escolha correta da linguagem, como afirma Porchat, é importante, mas o entendimento de como se forma, se transmite e se recebe os enunciados é fundamental para a efetiva relação entre os interlocutores, a ponto de haver a fidelização do ouvinte.

Para alcançar o status de Meio de Comunicação de Massa (MCM), o rádio teve de passar por um processo de estruturação, desde sua criação, até o desenvolvimento que permitisse a captação das ondas eletromagnéticas, na forma como ocorre hoje, por meio de pequenos aparelhos, o que facilitou em muito o acesso a sua programação.

Costella (1984) ressalta que a radiodifusão só alcançou espaço a partir da década de 1920. Até então, a comunicação à distância ocorria por meio do telégrafo mecânico e,

posteriormente, do telégrafo sem fio, precursor das chamadas “transmissões hertzianas complexas”. Foi o experimento de Lee de Forest, que transformou a válvula de diodo criada por John A. Fleming, em 1904, em um produto que permitiria não só a retificação, mas a ampliação dos sinais elétricos, o que significou um grande avanço para a telefonia, para as transmissões do telégrafo sem fio e para o surgimento da radiodifusão, que ganharia força e espaço ao longo da Primeira Guerra Mundial. Durante o conflito, a utilização das ondas hertzianas foi rapidamente absorvida para uso militar, o que, de certa forma, foi positivo, já que houve incentivo para a continuidade das pesquisas nesse campo. Contudo, os experimentos e o desenvolvimento da nova tecnologia só foram colocados à disposição dos civis tempos depois, no período pós-guerra.

De acordo com Costella, em 1919, começam as tentativas de transmissões privadas, o que se iniciou pela Holanda. “Poucas realizações humanas lograram sucesso tão rápido e êxito tão retumbante quanto a radiodifusão” (1984, p.165). Mas, o desenvolvimento teria sofrido variação de uma região para outra do planeta. Enquanto, na Europa, o Estado gerenciava as emissoras, no continente americano a presença da iniciativa privada foi marcante, desde o início.

1.2.1 O Rádio e seus Vários Inventores

Teria sido a descoberta de Benjamin Franklin, em 1780, a respeito da eletricidade o primeiro passo, ou o passo desencadeador, das mais diversas pesquisas a respeito das questões que envolvem as ondas elétricas e eletromagnéticas, e suas formas de condução. Foi a partir das descobertas que se sucederam à descoberta de Franklin que o alemão Henrichi Hertz estabeleceu o que ele chamou de princípio da propagação radiofônica, ao provar que tais ondas podiam levar energia através da atmosfera. Por isso, inclusive, que as ondas eletromagnéticas são chamadas de Hertzianas (COSTELLA, 1984, p.149).

Entre os precursores da radiodifusão, um destaque especial pode ser dado ao padre brasileiro Landell de Moura que, apesar de não ter seus experimentos reconhecidos oficialmente como os primeiros capazes de utilizarem as ondas eletromagnéticas para a transmissão radiofônica, participou ativamente de pesquisas que versavam sobre o assunto. Segundo Fornari (apud COSTELA, 1984, p.156), “entre 1893 e 1894, Landell de Moura fez transmissões de telefonia sem fio em São Paulo”, que chegaram a atingir oito quilômetros de distância entre transmissor e receptor.

Esse experimento seria uma constatação de que o padre brasileiro teria se antecipado, em muito, à exploração do espaço percorrido pelas transmissões à distância, creditada ao italiano Guglielmo Marconi, que, somente no ano seguinte, em 1895, teria conseguido transmitir sinais de Código Morse sem o uso de fios dentro de um pequeno espaço, no quintal de sua casa.

Padre Landell de Moura ainda teria conseguido, em território brasileiro, a patente de número 3.279, que foi concedida de acordo com o documento oficial ao “aparelho apropriado à transmissão da palavra à distância, com ou sem fio, através do espaço, da terra e da água” (COSTELLA, 1984, p.156). No entanto, a receptividade de seus experimentos e suas teorias não foi das melhores e alguns dos fiéis que sabiam de suas proezas acabaram invadindo seu laboratório em Campinas e destruindo seus equipamentos. Ele foi, então, para os Estados Unidos, e lá requereu também a patente por seus inventos. Chegou a obtê-las, mas não garantiu com isso a propaganda de seus feitos. No retorno ao Brasil, em 1905, tentou o empréstimo junto ao governo brasileiro de dois navios para apresentar seus inventos. No entanto, por descrédito, a solicitação lhe foi negada. A negativa, então, fez com que o padre, e pesquisador, desistisse de tudo e deixasse o caminho aberto para que Marconi pudesse desenvolver as teorias que, de certa forma, compartilhavam, mesmo sem se conhecerem, e tornasse-se referência sobre o processo de desenvolvimento da radiodifusão. Todos esses

fatores contribuíram para que o italiano Gugliermo Marconi fosse considerado o inventor do rádio.

1.2.2 O Rádio e sua História no Brasil

Apesar do pioneirismo das pesquisas do Padre Landell de Moura, o rádio, no Brasil, só chegou efetivamente na década de 1920. Embora existam documentos que datam de 1919, e que atestam a inauguração de uma emissora de rádio em Recife, a Rádio Clube de Pernambuco, promovida por Oscar Moreira Pinto (ORTRIWANO, 1984, p.13), oficialmente, se fala em transmissão radiofônica no Brasil a partir da que foi realizada em 1922, durante as comemorações do centenário da Independência, no Rio de Janeiro. Naquela oportunidade, foi feita a transmissão do discurso do então presidente da república, Epitácio Pessoa, que chegou aos 80 receptores importados para o Brasil justamente para as comemorações da data.

É preciso ressaltar que após a transmissão ocorrida naquele 7 de setembro, os equipamentos acabaram desmontados e não se ouviu nenhum tipo de manifestação radiofônica, pelo menos por um ano. Por iniciativa do médico Edgard Roquete Pinto e do professor de física Henrique Morize, em 20 de abril de 1923, tiveram início as atividades de transmissão da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Os ideais de Roquete Pinto para o rádio eram a sua popularização e sua utilização como veículo que promovesse a educação. Desses dois itens, a popularização foi alcançada, mas sua utilização como instrumento de educação não obteve o êxito esperado. Na verdade, o rádio surgiu como veículo da elite. Afinal, era preciso ter certo poder aquisitivo para que se conseguisse importar os aparelhos receptores para a captação das ondas e, dessa forma, poder acompanhar a programação das primeiras emissoras que surgiam. Outro fator que contribuiu para que o rádio iniciasse suas atividades longe do povo e mais próximo da elite era a própria programação, que se baseava, segundo Ortriwano (1984, p.14), em “óperas, com discos

emprestados pelos próprios ouvintes, recitais de poesias, concertos, palestras e etc., sempre uma programação muito ‘seleta’...”.

A popularização do rádio foi resultado da instalação de emissoras em várias partes do país e a diminuição dos custos de transmissão e recepção. Quanto às emissoras, vale ressaltar que as iniciativas eram isoladas e a sua sobrevivência dependia exclusivamente do apoio dos ouvintes e dos novos amantes desse meio de comunicação. Nesse período de implantação do rádio no Brasil, as emissoras tinham em sua denominação as palavras clube e sociedade. Isso se deve ao fato de as estações de rádio serem fundadas por clubes ou associações em decorrência da iniciativa de grupos “idealistas que acreditavam na potencialidade do novo meio” (ORTRIWANO, 1984, p.14), e cujo financiamento, muitas vezes, baseava-se no apoio de pessoas da própria sociedade. Uns doavam, ou emprestavam, discos para serem tocados durante as programações; outros faziam doações em dinheiro, uma espécie de mensalidade, para que se pudesse arcar com os custos das emissoras. No entanto, devido à falta de comprometimento de muitas dessas pessoas, era difícil manter as atividades. Os anúncios pagos eram raros, até porque a legislação não permitia sua veiculação. A falta de entendimento do potencial que o veículo possuía, já que se tratava, naquele momento, década de 1920, de um modelo que não se caracterizava como entretenimento de massa, era uma das principais razões.

“Pioneirismo e primitivismo foram duas palavras que cercaram o rádio brasileiro no início”, afirma Jung, no livro “Jornalismo de Rádio” (2004, p.25). Para se ter uma idéia do amadorismo e da forma rudimentar como as transmissões ocorriam, ele explica que a disputa por espaço e ouvintes entre as rádios Sociedade do Rio de Janeiro e Clube do Brasil era tão grande que elas buscavam irradiar suas programações em períodos diferentes, para evitar uma concorrência direta. “Por isso, enquanto uma ia ao ar segundas, quartas e sextas, a outra ia às terças, quintas e sábados. No sétimo dia, elas descansavam.”

A expansão do veículo rádio era sentida a cada nova emissora que surgia. Em 1925, o interior do Brasil conheceu a sua primeira estação de rádio, que foi a Rádio Pelotense, do Rio Grande do Sul; no Estado de São Paulo surgiram a Educadora Paulista, a Rádio São Paulo e a Rádio Cruzeiro do Sul.

Na década de 1930, as emissoras já se espalhavam pelos Estados do Paraná, Espírito Santo, Minas Gerais, Ceará, Bahia, Pará e Maranhão, o que despertou o interesse no governo por entender a força que o veículo começava a ter, como as perspectivas que apresentava.

Um marco para a história da radiodifusão brasileira e da paulista, principalmente, foi a fundação da Rádio Record, ocorrida em 1931. Jung ressalta que a Record já surgiu em um cenário mais favorável, no início do processo de abertura comercial para as emissoras, o que as tornaria mais profissionais. Foi pelos microfones da rádio Record que César Ladeira “conclamou o povo em favor da causa política” (ORTRIWANO, 1984, p.17), durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Além disso, foi a Record a primeira emissora a adotar uma programação produzida por equipe profissional e exclusiva, que recebia pagamento de remuneração mensal pelos serviços realizados. Esse fato levou as outras emissoras a investimentos em suas programações e, principalmente, a buscar a contratação de astros e estrelas por valores altíssimos, para a época.

Em 1932, o governo federal publicou o primeiro decreto regulamentando a radiodifusão no Brasil, dando às emissoras já existentes o direito de continuar sua atuação e definindo as normas para a instalação posterior de emissoras. Foi esse mesmo decreto que permitiu a veiculação de propaganda paga pelas emissoras. Essa medida mudou, de certa forma, o rádio no Brasil. Segundo Ortriwano, a programação erudita, até então, marca forte das emissoras, passou a ter um caráter mais popular, com uma programação mais voltada à diversão e entretenimento.

O comércio e a Indústria forçam os programadores a mudar de linha: para atingir o público, os “reclames” não podiam interromper concertos, mas passaram a pontilhar entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que foram surgindo e passaram a dominar a programação (1984, p. 15).

A evolução ocorreu naturalmente para o rádio, que acompanhou o desenvolvimento da sociedade. A cultura do consumo começou a surgir e as emissoras foram a alternativa de divulgação dos novos produtos, resultado do processo de industrialização do mercado brasileiro. Com a chegada dos anúncios comerciais, as emissoras passaram a se organizar. O trabalho amador passou a dar espaço à profissionalização.

Toda essa evolução, segundo Taparelli (2003, p.18), resultou em uma ação cada vez maior do governo no controle das emissoras. Um dos resultados dessa ação foi a “criação do Departamento Oficial de Propaganda (DOP), depois transformado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Esse novo departamento tinha, segundo o autor, o poder de “fiscalizar e censurar a programação das emissoras de rádio”.

A cidade do Rio de Janeiro, capital da República, foi cenário principal do início do rádio no Brasil, pois foi sede do maior número de emissoras do território nacional. Em terras cariocas, surgiram rádios como a Jornal do Brasil e Rádio Tupi, que, segundo Moreira (2003, p.45), foi a rádio “pioneira da rede emergente das Emissoras Associadas, vinculadas a grupo impresso Diários Associados, de Assis Chateaubriand”; e a Rádio Transmissora Brasileira, pertencente à gravadora de discos RCA, entre outras.

Em 1936, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, iniciou, oficialmente, suas atividades. Essa emissora foi muito importante para história do rádio no Brasil. Seu surgimento é resultado do processo de desenvolvimento da Sociedade Civil Brasileira Rádio Nacional, fundada em 1933. Para Moreira, alguns fatores foram fundamentais para sua consolidação. Um deles foi a aquisição, em 1935, de equipamentos da Rádio Philips, em decorrência do encerramento de suas atividades em território nacional, iniciadas em 1930, com a intenção de

“incentivar a comercialização de aparelhos receptores produzidos pela mesma fabricante” (2003, p.45). A utilização de equipamentos que permitiam que as transmissões fossem feitas por meio de ondas médias e curtas propiciou que a emissora tivesse sua programação captada em grande parte do território nacional, e em muitos outros países. O rádio foi se firmando como veículo de massa e projetando expectativas futuras.

A Rádio Nacional pode ser considerada a precursora em várias áreas. Foi ela que inovou a relação entre a emissora e os profissionais que nela atuavam, ao firmar uma relação trabalhista, diferente da que existia até então, pois os que trabalhavam no rádio recebiam apenas cachês por participação, e não salários. Com isso, o processo de profissionalização do veículo ganhou força. As outras emissoras também passaram a se estruturar como empresas para captação de recursos e investimentos em capacitação técnica e de mão de obra.

A Rádio Nacional era integrante do grupo “A Noite”, dona do diário impresso de maior circulação no Rio de Janeiro, e de grande força política, fundado em 1911 por Irineu Marinho e Joaquim Marques da Silva. Sua consolidação chamou a atenção do governo federal. As modificações da programação promovidas pela Rádio Nacional a aproximaram da população e isso provocou a tomada de atitude por parte do governo, que constatou, segundo Ortriwano, a necessidade de um controle cada vez maior sobre as transmissões radiofônicas. “À época, às portas do Estado Novo, o rádio já era fenômeno de massas e suas mensagens alcançavam a mais ampla divulgação” (ORTRIWANO, 1984, p.18). Prova dessa preocupação do governo Vargas foi a estatização da emissora por decreto presidencial, assinado por Getúlio Vargas, em março de 1940. Ele foi o primeiro presidente brasileiro a utilizar o rádio como ferramenta política. Para Moreira (2003, p.46), a estatização contribuiu significativamente para que a emissora carioca se tornasse cada vez mais forte, já que o decreto permitia que a estação radiofônica atuasse como estatal e também como emissora

comercial, o que possibilitou a obtenção de duas fontes de receita: a verba pública e o dinheiro obtido pela venda de publicidade à iniciativa privada.

A programação veiculada pela Rádio Nacional ia ao encontro dos anseios e intenções do governo federal, sendo, por muitos, considerada porta voz oficial da ideologia definida como Estado Novo. Na opinião de Goldfeder (apud ORTRIWANO, 1984, p.19), o papel da Rádio Nacional estava definido pelo governo, que sabia exatamente o uso que fazia da emissora:

Cumpre-nos, portanto, compreender a Rádio Nacional no conjunto de mecanismos de legitimação ideológica acionados direta e indiretamente pelo sistema de dominação política, vale dizer, como prática cultural, com autonomia e atuação específicas, destinada, no entanto, em última instância, a reiterar o quadro geral dos valores dominantes no período. Esta emissora deveria atuar como um mecanismo de controle social, destinado a manter as expectativas sociais dentro dos limites compatíveis com o sistema como um todo.

Mesmo sendo porta voz oficial do governo, propagadora da ideologia dominante, pode-se dizer que a Rádio Nacional foi responsável por promover o desenvolvimento das emissoras de rádio em todo o país. Afinal, sua forma administrativa era um modelo bem sucedido e um exemplo a ser seguido.

Nesse cenário, os locutores, apresentadores de programas de auditório e os atores de rádio novela ganharam espaço, já na década de 1940, quando a briga pela audiência começou a surgir. Entrou-se, então, na chamada “era de ouro do rádio brasileiro”. Esse período, que duraria até 1950, recebeu esse nome porque foi o momento em que o rádio atingiu altos índices de audiência, as emissoras apresentavam programações que agradavam ao público e os profissionais que falavam ao microfone eram considerados verdadeiros artistas e ganhavam altos salários, como afirma Fanucchi (2003, p. 22):

Houve um tempo em que o artista de rádio valia o mesmo que vale, hoje, o artista de televisão. Ou, melhor dito: houve um tempo em que o artista de rádio era rei. Quem pretendia ser artista de rádio precisava mostrar aptidão para falar, cantar ou executar um instrumento. (De onde se conclui que o rótulo de “artista” era reservado àqueles que tinham afinidade com microfone. Em relação às demais funções, dizia-se que as pessoas “trabalhavam” no Rádio).

Em 1950, foi inaugurada no Brasil a televisão e sua chegada fez com que o rádio passasse por uma séria crise e por muitas modificações. Essa crise foi motivada entre outras coisas, pela perda da maior parte de seus profissionais. Os artistas que faziam do rádio um grande espetáculo acabaram migrando de veículo e, ao irem para as emissoras de TV, por salários ainda maiores, acabaram fazendo com que o rádio perdesse um pouco do seu charme, afinal, boa parte da programação era baseada nos artistas, nos atores e nas radio novelas. O rádio, enquanto veículo de comunicação, teve de se redescobrir.

1.3 Rádio e Futebol, desde o Início, uma Fórmula de Sucesso

O esporte no rádio respeita as características básicas do veículo ao levar ao ouvinte os acontecimentos no momento em que eles ocorrem, direto das praças esportivas. Assim como em qualquer outro programa, o ouvinte, que liga o rádio em busca da informação esportiva, quer precisão e rapidez na divulgação dos acontecimentos. Porchat (1989) explica o que espera o público que acompanha uma transmissão esportiva pelo rádio e qual o papel do locutor nesse processo.

O ouvinte de um evento esportivo espera uma transmissão esportiva que reflita o clima dos ginásios e campos. Cabe ao locutor e ao repórter captar este clima e transmiti-lo com fidelidade e espontaneidade. [...] O narrador são os olhos do público (PORCHAT, 1989, p. 85).

A relação entre esporte e rádio começou ainda na década de 1920, mas se firmou na década seguinte, 1930, com as primeiras transmissões esportivas, o que é considerado, por muitos, fator importante para transformar o futebol em esporte de massa. Soares (1984), no

livro “A Bola no Ar”, aborda a história da transmissão esportiva, principalmente em São Paulo, mostrando como o esporte e o rádio se relacionaram, ao longo das últimas oito décadas. Para ela, os noticiários esportivos encontraram espaço na programação das emissoras por volta de 1925, e um dos registros históricos aponta para o trabalho realizado por uma emissora paulista, quando “numa tarde de domingo de 1925, a Rádio Educadora de São Paulo transmitiu os resultados de jogos de futebol da ‘capital, interior e estrangeiro’” (SOARES, 1994, p.17).

O ano de 1931 marca o início efetivo das transmissões esportivas detalhadas em São Paulo, durante a realização do Oitavo Campeonato Brasileiro de Futebol que teve Nicolau Tuma (SOARES, 1994, p.17), novamente através da Rádio Sociedade Educadora Paulista, como o primeiro narrador de futebol.

Muita polêmica cerca o início das transmissões esportivas pelo rádio. O pioneirismo de Nicolau Tuma é questionado por alguns autores. Seu pioneirismo é atestado por Soares pelo fato de ter sido o primeiro a ter realizado uma transmissão completa, dos 90 minutos de jogo, dando ao trabalho muito próximo do que é realizado hoje, no acompanhamento direto das jogadas, em um ritmo mais acelerado e na tentativa de passar a emoção dos acontecimentos em campo. Leopoldo Sant’Anna, em 1924, e Amador Santos, em 1927, são alguns dos narradores citados como antecessores de Tuma e verdadeiros pioneiros da transmissão esportiva no rádio. No entanto, as informações são tidas por muitos como contraditórias e a versão sobre Nicolau Tuma é a considerada a mais verdadeira.

Com o investimento das emissoras na diversidade de sua programação, novos produtos começaram a surgir e o esporte foi se tornando cada vez mais interessante como forma de atrair ouvintes e patrocinadores. A força do esporte no rádio se ratifica ao se considerar que, dos produtos criados logo no início da implantação da radiodifusão, como as radionovelas e os programas de auditório, é o único que ainda resiste, e com grande força.

Um aspecto citado por Soares (1994, p.26) como fator importante para o fortalecimento do esporte no rádio é o momento político e social do período de consolidação do rádio no Brasil, a década de 1930.

A autocensura foi instituída, com possibilidade de cassação da concessão das emissoras que se colocassem contra um governo que atravessava uma crise e tinha na imprensa um grande obstáculo para a manutenção do poder; o veículo que tinha necessidade de se firmar junto à sociedade e o futebol, um esporte que também se profissionalizava e necessitava de grandes públicos nos estádios, para uma arrecadação que permitisse bancar os custos (SOARES, 1994).

Em 1938, há o registro da iniciativa de formação de um dos primeiros *pools* de emissoras para uma transmissão esportiva. Segundo Milton Jung, a preocupação do governo com as conseqüências que isso poderia causar, entre elas o fortalecimento das emissoras e uma possível utilização da rede para disseminação de ideologias contrárias ao sistema de governo imposto governo Vargas fez com que não houvesse autorização para que a rede fosse formada.

Aproveitando a oportunidade oferecida pelo esporte e a experiência de algumas emissoras do grupo nas transmissões de futebol, a Byington lançou a Rede Verde-Amarela, durante a cobertura do Mundial da França, em 1938. Dificuldades técnicas, como a precariedade das linhas telefônicas, e a intransigência política (não conseguiram licença do governo Getúlio Vargas para explorar ondas curtas) impediram a consolidação do projeto. [...] A falta de autorização talvez resultasse da desconfiança de que a formação de uma rede de rádios poderia se transformar em força sublevadora (JUNG, 2004, p. 40).

A idéia de formação de uma rede de emissoras de rádio foi retomada pela Rádio Bandeirantes, em 1958, para a transmissão da Copa da Suécia, a primeira conquistada pelo Brasil, com a formação da Cadeia Verde-Amarela Norte-Sul do Brasil, que reuniu cerca de 400 emissoras.

As dificuldades para as transmissões esportivas, principalmente as internacionais, continuaram durante muito tempo. A situação só começou a melhorar a partir da década de

1970, com a evolução do sistema de telecomunicações brasileiro. Para Schinner (200), as Copas do Mundo do México (1970) e da Alemanha (1974) foram dois importantes divisores de águas, digo, das transmissões esportivas. O autor ressalta que na copa de 1970, três emissoras tinham condições de transmitir os jogos da seleção brasileira: a forma de transmissão foi decidida por sorteio e ficou acertado que cada uma das emissoras teria um narrador fazendo a irradiação da partida pelo tempo corrido de 30 minutos. Por conta do revezamento na narração da partida final da copa de 70, um fato curioso é destacado por Schinner. Enquanto Pedro Luiz narrou apenas um gol, e ficou com o microfone no momento mais delicado da partida, quando o Brasil empatava de um a um com a Itália seu sucessor na transmissão, Joseval Peixoto, teve a oportunidade de narrar os gols da vitória brasileira e da festa pela conquista do tricampeonato mundial de futebol.

Sorte de quem transmitiu a última meia hora da final pegando ainda o empate de 1 a 1 entre Brasil e Itália. No rádio paulista, Pedro Luiz, da Bandeirantes, passou o microfone a Joseval Peixoto, da Jovem Pan, que narrou três gols, pegou o golaço espetacular de Carlos Alberto (após um passe extraordinário de Pelé), além, é claro, da histórica conquista do Brasil em solo mexicano. E Pedro Luiz reconheceu publicamente: “Sorte tem quem merece”. (SCHINNER, 2004, p. 24)

A realidade atual é bem diferente da vivida por esses pioneiros, as transmissões via satélite, a utilização de telefones celulares como instrumento de apoio são fatores que apontam para um futuro mais tranquilo, tecnicamente, para as transmissões.

1.4 Formação Profissional

Para se analisar a narração esportiva no rádio é preciso considerar alguns aspectos que não estão diretamente ligados à linguagem do narrador, mas que apresentam certa influência no processo narrativo. Um desses pontos é a formação do narrador esportivo. Geralmente, o narrador é autodidata. Ele aprendeu sozinho o ofício, seja ouvindo rádio ainda durante a infância e imitando seus narradores preferidos, seja como resultado do trabalho em uma

emissora de rádio, como evolução profissional, pois boa parte dos narradores começou sua carreira, ou como repórter de campo, ou como plantonista. Hoje, há cursos que ensinam a narração esportiva como os oferecidos pelo Senac, mas a técnica que é passada nem sempre resulta em um trabalho de sucesso, porque narração é algo construído a partir de características pessoais e profissionais do narrador.

Outro fator interessante é a questão da regionalização da narrativa. Há diferenças de narração, considerando o Estado em que a emissora está instalada. Em São Paulo, as narrações são mais rápidas, há mais velocidade no narrador, enquanto no Rio de Janeiro, por exemplo, a narração é menos acelerada. A questão que envolve a narração esportiva e suas características regionais leva também a um fator interessante, que merece atenção: o bairrismo. Há uma rivalidade entre alguns Estados que vai além da rivalidade entre os grandes clubes do futebol brasileiro. Parte dessa rivalidade se deve, provavelmente, à realização de torneios que no passado colocaram frente a frente os clubes divididos por regiões, como o Rio-São Paulo, na década de 1960. Essas competições acirraram ainda mais a disputa entre os dois Estados, que já mantinham desde a década de 1930, uma luta pela liderança esportiva no país. Como exemplo dessa rivalidade pode ser citado o fato de que na primeira Copa do Mundo de Futebol, em 1930, no Uruguai, apenas um paulista foi convocado para defender a seleção brasileira, pois a sede da então CBD², que dirigia o esporte brasileiro, era no Rio de Janeiro, como hoje é a sede da CBF³, que sucedeu no comando do futebol no país. Essa rivalidade foi assimilada por muitos narradores e, obviamente, pelos torcedores.

² Confederação Brasileira de Desportos.

³ Confederação Brasileira de Futebol.

2 ANÁLISE DO DISCURSO, LINGUAGEM E GÊNERO

2.1 Definições de Linguagem

O estruturalismo e a concepção de Saussure sobre ser a linguagem uma faculdade humana são retomados por Lobato (1986) quando fala sobre o processo cognitivo de aquisição da língua. Passa pelos conceitos de Chomsky, sobre a hipótese do inatismo, e de uma visão restritiva desse princípio, inclusive em relação ao aprendizado de línguas. Tal princípio coloca “a faculdade da linguagem como uma estrutura cognitiva inata, humana e universal, e faz parte da herança genética de cada membro da espécie humana, do mesmo modo que a visão é parte dessa herança. Essa herança, no que tange à linguagem, é o estado mental inicial” (1986, p.26).

Possenti (2001, p.62) cita autores como Jackbson, Austin e Beneviste para marcar o momento em que a língua deixa de ser vista como “instrumento externo de comunicação” e passa a ser considerada como atividade “entre dois protagonistas”. Para ele, é a partir dessa forma de análise que discute-se novas teorias, como a da enunciação, que coloca em questão à atividade do falante e sua apropriação da língua.

Para nós, a linguagem será entendida não das formas expostas, mas sim pela ótica da Análise do Discurso de linha francesa (AD): a linguagem é vista como mediadora e transformadora. Ter a linguagem estudada como produto não cabe neste caso. A intenção da AD é a pesquisa sobre o processo, mas sem deixar de considerar o fato de que ambos caminham juntos, sem separação.

Orlandi (2000) aborda o fato de ser a linguagem marcada pelos conceitos sociais e históricos, além de significar fator fundamental para a interação e relação entre homem e realidade, seja ela de ordem natural ou social. Nesse caso, a autora faz questão de ressaltar que não há o interesse de descaracterizar a linguagem da sua especificidade, mas estabelecer a

diferença da linguagem como um trabalho simbólico. Ao levantar a questão da mediação, Orlandi descarta a idéia dessa concepção receber o significado de instrumento, pois ela entende que a significação mais indicada seria a de transformadora e constitutiva. Para ela, a linguagem vai além da visão de suporte de pensamento, de instrumento de comunicação; como ato social, constitui identidades, gera conflitos, estabelece relações de poder, explicita ideologias. Outro ponto que ela destaca é a forma de apropriação da língua pelo homem. Ocorrendo de forma individual, é na linguagem que o homem se constitui nela, num processo de reprodução do já dito, mesmo que tenha consigo que o que está sendo falado é único, individual, o que não é. Pelo contrário, não é uma questão de domínio do locutor, mas de dizeres que antecederam o enunciado e que agora o compõem.

Para a análise de discurso, o processo de produção da linguagem pode, segundo Orlandi (2000, p.19), ser visto a partir de três campos do conhecimento científico:

1. O materialismo histórico, como formações sociais e suas transformações;
2. A lingüística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Sendo assim, a pesquisadora ressalta que ao observar a linguagem em seu contexto, as condições de produção consideram fatores como o processo parafrásico e o processo polissêmico, em seu entendimento, fundamentos da linguagem. Assim, o parafrásico é “o que permite a produção do mesmo sentido sob várias formas (matriz da linguagem)”; e o polissêmico, o “responsável pelo fato de que são sempre possíveis sentidos diferentes, múltiplos (fonte da linguagem)” (ORLANDI, 2000, p. 20).

Nessa diferença de sentidos, há, porém, um entendimento semelhante dos dizeres, a partir dos conhecimentos comuns dos participantes da interlocução. O processo de comunicação, decorrente da narração esportiva pelo rádio atinge seu objetivo que é o de promover o entendimento dos fatos relatados em campo, mesmo que não da forma como

espera o narrador, nem tampouco da maneira que acredita o ouvinte. Diante disso, este trabalho considera a comunicação algo além da transmissão da informação, pois ela não acontece de maneira linear. Como afirma Orlandi, há uma troca constante de significação entre emissor e receptor.

Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa seqüência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque (ORLANDI, 2005, p. 21).

No caso da narração esportiva, a significação é decorrência da interação entre os interlocutores, que ao conhecerem as características dos códigos utilizados na transmissão esportiva são capazes de promover a codificação e decodificação da língua, pela fala.

2.2 Discurso

A denominação Análise de Discurso traz a significação de seu objeto de estudo: o discurso. De acordo com Orlandi (2005, p.15), discurso “é assim palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. É o homem falante, o ser social, mas como agente do discurso, atravessado pela *ideologia* e formado por uma *memória discursiva* que o faz estar inserido em um contexto. Se as condições de produção influenciam diretamente a formação discursiva, a narração esportiva no rádio se constitui em um objeto interessante para análise, pois é possível avaliar nela alguns dos conceitos da análise de linha francesa, considerando os fatores da subjetividade existentes em um dizer que, primeiramente, pode ser considerado de improvisado, mas que na verdade ocorre a partir de uma série de marcações pré-estipuladas que a compõem. Dentro dessa subjetividade, entende-se haver a singularidade do sujeito que trata, com as palavras, de descrever os acontecimentos diretamente de uma praça esportiva, para milhares de pessoas, no mesmo instante em que fala individualmente para cada um deles.

A linguagem radiofônica tem regras que determinam sua formação. Clareza e objetividade são algumas dessas regras. No caso da narração esportiva no rádio, há ainda marcações que passam pela descrição dos lances da partida, feita pelo narrador; a participação de outras pessoas como o repórter de campo, o comentarista e, também, os efeitos que ajudam a dar o ritmo à narração, como vinhetas e trilhas sonoras. O entendimento e a efetivação desse processo de comunicação ocorrem porque os participantes dessa interlocução entendem os componentes desse discurso. As palavras, frases e enunciados fazem parte da formação ideológica dos amantes do futebol, em especial dos torcedores dos clubes envolvidos nas partidas analisadas. O sentido do que é dito pelo narrador esportivo está inserido no enunciado produzido no momento da descrição das jogadas e entendido pelo interlocutor, a partir de sua formação discursiva. A concepção de sentido está longe do conceito de que o enunciado traz consigo significado estável, mas, ao contrário, é reconstruído por aquele que o interpreta. Para Maingueneau, o entendimento do que é dito vai além de domínio de fonemas e sintaxes, é resultado da utilização e mobilização de vários tipos de conhecimentos. “Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável” (2004, p. 20).

Um exemplo: na década de 1990, quando, o então locutor esportivo, Osmar Santos apelidou o jogador do Vasco da Gama, Edmundo, à época um jogador polêmico, de “animal”, a significação dada ao apelido poderia ter sido a mais variada possível. Contudo, os ouvintes reconstruíram a significação da palavra como sinônimo de jogador com garra, força, habilidade, determinação e goleador, e não de forma pejorativa, como poderia ter ocorrido. Possenti (2001) entende discurso como uma forma de abordar os fenômenos lingüísticos e uma maneira de entender por quais formas se dá essa a atividade, que seria a língua em funcionamento. “Não se trata, pois, apenas de estabelecer relações entre formas, mas de

descobrir por quais procedimentos (entre os quais as regras gramaticais, mas não só) se dá a atividade discursiva” (2001, p.64). Ao fazer essa colocação, ele questiona justamente o fato de um sistema lingüístico ter um significado, gerar uma ou mais interpretações. Na verdade, o autor acredita na necessidade de se discutir, estudar e entender quais fatores interferem e trabalham para que essas interpretações aconteçam. Um desses fatores é a formação discursiva, que seria a relação existente entre sujeito e sua as produções de sentido, decorrentes de sua ideologia. Orlandi ressalta que a “formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (2005, p. 43). Em sua concepção, ela explica que as palavras não possuem sentidos nelas mesmas, mas nos sentidos determinados pela ideologia presente na discursividade de quem os produzem, os consomem e os transformam. “Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem das relações constituídas nas/pelas formações discursivas...” (ORLANDI, 2005, p.44). A autora destaca o fato de que as palavras falam com outras palavras e que o significado não se encontra nelas e sim no discurso que compõem, e que a ideologia produz efeitos e se materializa nesse discurso porque as formações discursivas são a representação dessas formações ideológicas.

Entendemos como necessário considerar a posição da AD quanto à ideologia, que ocorreria a partir das considerações da linguagem. Para Orlandi, um fator importante é a questão da interpretação, pois em seu entedimento, todo o sentido só se dá porque existe interpretação e é neste instante, o de interpretar, que a ideologia se faz presente. O sentido é ideológico e se evidencia na interpretação do simbólico, como se eles já estivesse sempre lá. Para a autora, a *ideologia* é essencial para a formação, ou melhor, a constituição de sujeito e sentido (2005). Essa questão considera ainda o papel da linguagem e sua relação com o mundo, já que o sujeito seria afetado pela língua e pela história. Ao afirmar que não há

discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, ela ratifica essa relação. “Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (2005, p. 48).

Passemos agora ao entendimento da noção de gênero (cf. Bakhtin, 2003). Esse entendimento se faz necessário para que a narração esportiva seja mais amplamente compreendida.

2.3 Gêneros Discursivos

Para Bakhtin, as relações humanas estão ligadas à utilização da linguagem, e se efetivam na forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos. Esses enunciados, na visão do autor, são concretos e únicos e têm relação direta com os campos específicos desempenhados pela atividade humana. Conteúdo temático, estilo e conteúdo composicional são fatores que caracterizam o enunciado e são determinados pelas especificidades de um dado campo de comunicação. Os gêneros discursivos são, de acordo com Bakhtin, tipos relativamente estáveis desses enunciados. “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, aos quais denominamos *gêneros do discurso*.” (2003, p.262).

Quantificar os gêneros discursivos é difícil na visão bakhtiniana, já que para ele, infinitas são as atividades humanas.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p.262).

Diante dessas colocações, pode-se dizer que a narração esportiva é um gênero de discurso, já que possui enunciados relativamente estáveis, mesmo que cada um deles seja particular e individual.

Bakhtin entende a importância de se discutir os enunciados e definir as diferenças entre gêneros discursivos primários e secundários. Os primeiros, considerados por ele como simples, são incorporados pelos secundários, tidos como complexos. Ou seja, para ele, no processo de formação dos chamados gêneros secundários (romances, dramas, pesquisas científicas, por exemplo), surgidos das condições de convívio cultural, complexo, e organizado, há um trabalho de incorporação e reelaboração dos gêneros primários (formados das condições da comunicação discursiva imediata), que acabam se transformando e tendo um caráter diferenciado. A diferença entre os gêneros é significativa, por isso, Bakhtin entende a necessidade de se diferenciá-los e discuti-los. Essa discussão deve considerar como base a natureza do enunciado.

Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisada natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p263).

Nesse estudo, em que se aborda um dos gêneros discursivos radiofônicos – a narração esportiva – é possível avaliar os enunciados que os compõem e os efeitos que provocam nos participantes da interlocução. A comunicação se dá como ato social e para ela acontecer deve ter no interlocutor a resposta ao enunciado apresentado. Para isso, é preciso “um contexto através de referências comuns aos interlocutores” (MOURA, 2003, p.51). Nesse ponto, retomamos Bakhtin e seu pensamento quanto à individualidade do enunciado e, conseqüentemente, a do falante, na formação do estilo da linguagem. Para ele, algumas condições de comunicação discursiva são, por serem específicas, geradoras de gêneros, ou de “enunciados estilísticos, temáticos, e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003, 266). No caso da narração esportiva, a linguagem utilizada é um dos fatores responsáveis pelo sucesso da interlocução. Contudo, há de se ressaltar que parte desse sucesso está diretamente ligada à ação do interlocutor, do ouvinte, que age de maneira responsiva aos

enunciados formados e apresentados pelo narrador. Como responsiva, entende-se a colocação feita por Bakhtin, de que ao ouvir, perceber e compreender o significado do discurso, o ouvinte assume uma postura ativa: “concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2003, p.271).

Essa postura ativa ocorre a partir da posição ocupada pelo ouvinte, enquanto papel social desempenhado no exato momento em que a partida de futebol está ocorrendo e sendo transmitida pela emissora de rádio que ele escolheu para ouvir. Naquele instante, ele ocupa o papel, na maioria das vezes, de torcedor. Longe dos estádios, e sem o apoio da TV, ele, o narrador, são seus olhos e, no discurso apresentado por ele, a oportunidade de saber o que ocorre em campo, naquele momento.

O discurso de quem fala representa uma posição socialmente definida, amparada pela referência da voz do outro presente no processo de comunicação. O discurso daquele que ouve, define uma significação ao discurso recebido de acordo com marcas de sua própria posição social e da referência do outro (MOURA, 2003, p.51).

Nesse aspecto, o ouvinte de rádio é participante do processo de comunicação como ser social e conhecedor do gênero de discurso narração esportiva, presente no gênero discursivo rádio. Conhecendo tais gêneros, suas características (mesmo que não o entenda como gênero discursivo a partir dos conceitos aqui definidos), e a forma como se utiliza da língua para o efetivo exercício da comunicação, o interlocutor é capaz de dar continuidade no processo de comunicação ao decodificar a mensagem transmitida a partir de códigos comuns aos participantes deste processo, ou de enunciados comuns a eles.

2.4 Subjetividade

A subjetividade se dá a partir do processo de formação do sujeito. Ghiraldelo (2005, p. 204) retoma as concepções lacanianas sobre a constituição de uma pessoa em sujeito, considerando que tal formação ocorre ainda na primeira infância. Nesse contexto, essa

construção acontece a partir de três fatores considerados interdependentes e essenciais para esta formação: a “simbólica (a dimensão dos significantes), a imaginária (a da ficção) e a ordem do real (a de que não se pode apropriar completamente)”. Essa interdependência é responsável pela formação da chamada “estrutura psíquica do sujeito”, de um inconsciente. A partir dessa formação e no momento em que se reconhece como unidade estável é que o sujeito está apto a construir seus laços sociais e a se relacionar com o outro.

Ghiraldelo (2005, p.206) ressalta que nesse processo de internalização da informação é que há a constituição dos saberes e a formação do sujeito. Para ela, na materialização ou verbalização dos atos é que o sujeito define o saber. Quanto ao saber, a autora explica que ele não é individual, como se pode pensar, mas sim coletivo.

Claro está que esses saberes internalizados pelo sujeito não são estritamente da ordem do particular; ao contrário, são da ordem do coletivo, das formações discursivas, externas ao sujeito, nas quais ele se banha, colaborando para a constituição e manutenção delas, ao mesmo tempo em que as formações discursivas o constituem na ordem do simbólico, juntamente com suas experiências empíricas (GHIRALDELO, 2005, p.206).

Consideramos que o sujeito transita por várias ordens discursivas em decorrência das posições sociais que ele ocupa ao longo da vida. Nesse caso, a forma de percorrer esses trajetos e a maneira como a língua vai ser utilizada para essa transição vão compondo sua singularidade. Essa singularidade, segundo Ghiraldelo, deve ser vista não como individual, mas particular em relação à estrutura psíquica de cada indivíduo, decorrência de efeitos sociais e da coletividade. Ela pode se firmar pela repetição, como marca da ação do sujeito diante de uma mesma situação, a partir do entendimento coletivo, que passaria a ver o sujeito como sendo marcado como sujeito diante da ordem discursiva vigente e na relação com o outro.

No caso do narrador esportivo, sua formação é, geralmente, decorrente de uma atividade muito mais prática do que teórica. Apesar de existirem, hoje, cursos de narradores

esportivos, a maioria aprendeu o ofício sozinho, inspirado em outros profissionais, a partir de oportunidades que surgiram ao longo da carreira profissional de radialista, ou, simplesmente, nasceram com o dom da narração esportiva, como algo nato. Muitos, antes de se tornarem narradores, foram plantonistas, repórteres de campo, ou cumpriram outra função no rádio. Nesses casos, a formação profissional foi sendo construída a partir de saberes diversos, de acordo com as posições sociais que ocuparam. A subjetividade do narrador é decorrência das posições sociais que ocupou anteriormente, que contribuíram para sua formação e posicionamento como sujeito do rádio, condutor da jornada esportiva. A partir disso, nas marcas lingüísticas que foi criando é que sua singularidade foi sendo constituída e seu estilo definido e reconhecido.

Na definição do estilo, as escolhas, decorrentes da subjetividade e, conseqüentemente, da singularidade do locutor, são essenciais. Na verdade, o estilo vai se formando da presença dessas escolhas, como “manifestação da subjetividade no discurso” (POSSENTI, 2005, p.101).

2.5 Heterogeneidade Constitutiva e Mostrada

A questão da heterogeneidade está ligada, segundo Revuz (1990), às questões exteriores à língua, ao enunciado. Para ela, o entendimento se faz por necessidade de voltar a atenção para a participação do outro no discurso. Para isso, considera dois pontos distintos: o 1º, que ela chama de heterogeneidade mostrada, introduz o outro no discurso de forma direta, como as aspas, a ironia, o discurso relatado, seja ele direto, indireto ou indireto livre (1990, p.25); e o 2º, a heterogeneidade constitutiva, do sujeito e do discurso, e que se refere ao interdiscurso, à participação do outro no discurso, sem que isso ocorra de forma direta. Revuz retoma a questão da fala do sujeito no instante em que ele assume o que diz como seu, de que o sentido que emprega ao seu enunciado é imposto por ele, quando na verdade é exterior à língua. Para ela, discutir esse ponto é importante para entender o processo e determinar os

sentidos do já dito. Para explicar essa constituição, ela se apóia as teorias da psicanálise e a releitura feita por Lacan sobre Freud.

Em seu entendimento, o sujeito é atravessado pelo inconsciente. As palavras são ditas, sob outras palavras, é a polifonia se realizando no discurso. Para a autora, dentro desses aspectos que a língua permite, é possível ir buscar onde estão os indícios do inconsciente.

Sempre sob as palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que , na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo o discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da “pontuação do inconsciente” (1990, p.28).

Dentro das discussões que levanta sobre a relação do sujeito com a exterioridade, a ruptura do entendimento de ser dividido, sua relação com o interior, ela discorre sobre os pontos que levam a entendimentos sobre a formação desse sujeito a as ações do inconsciente no seu discurso, de forma constitutiva, mas não apenas da palavra, mas também do próprio sujeito.

No caso da análise da narração esportiva, a atenção se volta aos fatores referentes tanto à heterogeneidade constitutiva, quanto à heterogeneidade mostrada, dependendo do narrador. Nesse caso, temos que entender que a consideração recai sobre a constituição do narrador, via de regra autodidata, e que se forma a partir de uma junção de outros dizeres, até que se crie seu estilo, sua forma de fazer a narração, mesmo que essa forma seja atravessada pelas vozes daqueles que o antecederam, ou nas quais se inspirou.

3 LINGUAGEM RADIOFÔNICA

O rádio, como já foi dito, é um veículo de linguagem oral. Inicialmente, pode-se imaginar que tal afirmação pode resumir suas características, mas o pensamento nesse sentido é simplista demais para um veículo cuja capacidade de penetração, de interação e até manipulação, é tão grande.

A questão mostra-se complexa no momento em que se analisa o veículo rádio a partir de algumas características particulares, como citou Ortriwano (1984), entre elas o fato de ter *grande penetração*, de ser promovida a partir do *baixo custo* de emissão e recepção; de permitir *mobilidade*, tanto para quem emite (um repórter que está na rua, por exemplo), quanto para quem recebe a informação; de ser *imediatista*, para o narrador, o que permite acompanhar os fatos no momento em que eles acontecem; de haver *instantaneidade*, para o receptor, o que permite acompanhar os fatos no instante em que a mensagem é transmitida; de haver a *sensorialidade*, que envolve o ouvinte e cria nele a imagem mental do que se está descrevendo; e, finalmente, de promover *autonomia*, que permite a audição em qualquer lugar, inclusive de maneira individualizada (com fones de ouvido): com o advento do transistor, os grandes aparelhos deram lugar aos pequenos equipamentos, inclusive os portáteis.

Essas características contribuem para que o rádio seja capaz de se fazer entender por qualquer um que se interesse em ouvi-lo. Em relação à linguagem, Cabello entende que o texto radiofônico, além da correção gramatical, precisa apresentar adequação a essas características.

A construção do texto radiofônico exige, além de certa dose de correção gramatical, adequação técnico-linguística concernente à estrutura do veículo rádio. Trata-se de um texto peculiar, se comparado ao dos outros meios de comunicação (CABELLO, 1999, p. 15).

Para transmitir a mensagem radiofônica, o radialista faz uso, além do texto, de vários outros recursos. Na formação dessa linguagem específica deve-se considerar o rádio como suporte midiático, mas como ressalta Maingueneau, não apenas como meio de transporte da mensagem, mas também como modificador dessa mesma mensagem. Para ele, “o modo de transporte e recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso” (2004, p.72). E no caso da linguagem radiofônica, isso se dá pelas escolhas do que dizer, em que momento, e por qual razão (como será explanado na análise). Ortriwano (1985, p.81) ressalta que a mensagem radiofônica pode ser analisada a partir de alguns aspectos postulados por Angel Faus Belau, em função do meio, dos componentes da mensagem, do ouvido e do receptor. Esses aspectos podem ser considerados também como fatores importantes para o que se pretende com este trabalho, já que a AD entende os meios de produção, a formação do sujeito e sua realidade sócio-histórica como ferramentas de análise.

É necessário, ainda, levar em conta que a formação dessa linguagem utiliza também outro item que, muitas vezes, passa despercebido, que é o silêncio. Nesse caso, o entendimento de silêncio é o defendido por Orlandi: de que ele é fundante, ou seja, ele surge primeiro como significação, enquanto a linguagem seria o que ela chama de “categorização do silêncio. É movimento periférico, é ruído” (ORLANDI, 2000, p.34). Para ela, a fala divide o silêncio e também o organiza. Nesse sentido, sem a fala, o silêncio é contínuo, no mesmo instante em que não é duradouro, pois é dividido pelas palavras.

A linguagem supõe pois a transformação da matéria significante por excelência (silêncio) em significados apreensíveis, verbalizáveis. Matéria e formas. A significação é um movimento. Errância do sujeito, errância dos sentidos. A junção de todas essas possibilidades faz da linguagem radiofônica algo bastante peculiar (Orlandi, 1992, p.35).

Por tais razões, o locutor de rádio precisa, para obter sucesso, dominar todas essas ferramentas de produção do discurso radiofônico para conseguir junto ao ouvinte sucesso na

transmissão de suas mensagens: a correção gramatical, o silêncio, o imediatismo, a instantaneidade, a sensorialidade, a individualidade e penetração. Mas não basta apenas pensar e falar, pois a construção da mensagem, a partir de todas as características citadas, ainda precisa considerar o ouvinte como um ser real, concreto, com pensamentos, sentimentos, visão de mundo e uma formação ideológica, decorrente de sua criação, educação e experiências pessoais, como será visto e analisado mais à frente.

A chamada linguagem radiofônica foi sendo formada ao longo dos anos. Não foi algo que se criou. Basta lembrar que no início, como já foi abordado, o rádio falava para a elite, as transmissões tinham uma linguagem rebuscada, afinal, se tratavam de óperas, musicais e até discursos políticos. A profissionalização do rádio e a disputa pela audiência foram fundamentais para que se formasse uma linguagem própria, capaz de atingir todas as pessoas. Como citou Ferrareto (1992, p.12), “Transmitir uma informação em um meio tão abrangente quanto o rádio requer habilidade e, em especial, conhecimento de regras que traduzem a experiência de milhares de jornalistas e radialistas em quase 70 anos de transmissões sonoras regulares no Brasil.” Mas ele mesmo lembra que as regras, ou normas, não devem servir como forma de barrar a criatividade de quem se dispõe a se comunicar pelo rádio.

No livro “Producción de Programas de Rádio – el guión, la realización”, o produtor e roteirista uruguaio, Mario Kaplún, relaciona o que ele chama de dez mandamentos do comentário (via de regra oral e feito de improviso, quando realizado por meio do rádio), dos quais muitos podem, inclusive, ser considerados para o jornalismo de uma maneira geral. Ele fala em: 1 - clareza, 2 - simplicidade, 3 - motivação, 4 - exemplificação, 5 - linguagem, 6 - sintaxe, 7 - estilo, 8 - modéstia, 9 - manejo de dados e 10 - números e reiteração. Em síntese, são colocações que reafirmam algo que já foi abordado: a necessidade de se pensar em um ouvinte que não se está vendo, não se conhece, mas que se quer atingir.

Na criação da interlocução, o radialista precisa entender sua função comunicativa e a necessidade de domínio de todas essas ferramentas. Ao considerar a dialogia bakhtniana citada por Brait (2005, p.156), ressalta-se que nesse processo comunicacional, há uma interação ativa entre locutor e ouvinte e não um simples transporte de mensagem do emissor para o receptor. Logo, como participante deste diálogo, o interlocutor é um agente que interfere nesta comunicação, pois o que vai ser dito a ele deverá considerar não só seu conhecimento prévio e o código utilizado, mas sua possibilidade de interação decorrente da forma como vai receber a mensagem, decodificá-la e se manifestar diante dela. Isso sem contar contexto, repertório e ideologia. A partir desse papel ativo do ouvinte, tais questões precisam ser consideradas pelo locutor no momento de formulação dos enunciados.

Outra questão é a apresentada por Maingueneau para quem não existe a garantia do entendimento do enunciado exatamente como ele foi concebido.

Todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela constrói coincida com as representações do enunciador. (MAINGENEAU, 2004, p.20)

No caso do rádio, esses aspectos devem ser considerados simultaneamente, pois a produção enunciativa se dá, muitas vezes, por meio do imprevisto.

Diante da necessidade de criar na imaginação do ouvinte de rádio as *imagens do que se está descrevendo*, ou as *sensações* que estão sendo relatadas, alguns aspectos discursivos precisam ser considerados, como o dito e o não dito, o pressuposto e subtendido, as marcas enunciativas, as cenas da enunciação.

3.1 Linguagem Radiofônica Esportiva e Narração Esportiva

Traçadas as características básicas da linguagem radiofônica, cabe, então, entender o funcionamento da linguagem radiofônica esportiva. Mesmo que sua formação leve em conta a

maior parte das características já citadas, há questões bastante específicas e que devem ser observadas. O início de tal abordagem pode ser feito a partir da seguinte afirmação “A linguagem jornalística do esporte nunca teve uma escola definida. O surgimento de um estilo próprio sempre dependeu das tentativas de erros e acertos”, feita pelos jornalistas Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, no livro “Manual do Jornalismo Esportivo” (2006, p. 54). A colocação deixa claro que, em praticamente todas as esferas, a linguagem radiofônica é uma construção histórica, a partir da contribuição direta de todos aqueles que trabalharam no veículo ao longo de décadas.

Já narração esportiva de futebol, no rádio, tem características próprias, que vão além do improvisado natural, como a utilização de *metáforas*, *apócofes*, a *velocidade* e a *forma* como as palavras são pronunciadas. Há marcadores lingüísticos que contribuem para fluência narrativa e o entendimento do interlocutor que acompanha as transmissões, seja no carro, em casa, ou no próprio estádio. Conhecedor da dinâmica de uma partida de futebol, o ouvinte/interlocutor tem condições de entendimento dos enunciados realizados pelo narrador.

A narração do jogo é o centro do espetáculo proporcionado pelo rádio esportivo. Para enriquecê-la, os locutores investem na criação de códigos de fácil compreensão por quem tenha um conhecimento prévio do futebol (dimensões e desenho do campo, posição e formato do gol, regras do jogo). Com essa linguagem repleta de expressões muitas vezes engraçadas e redundantes, eles recriam o ambiente e os movimentos da partida, acrescentando-lhes entusiasmo e multiplicando suas ações. (SOARES, 1994, p.61).

A narração esportiva tem mostrado, ao longo dos anos, eficiência em sua proposta comunicativa de levar até o ouvinte os detalhes dos acontecimentos registrados durante uma partida de futebol. Prova disso, é que, como já foi dito, é um dos gêneros radiofônicos mais antigos.

O estabelecimento dessa interlocução, apesar da ausência da comunicação face a face, cria uma *relação afetiva*, pautada pela *emoção*, entre locutor esportivo e o radiouvinte, o que determina fidelidade entre ouvinte e narrador.

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é de fato, marcada por uma interatividade constitutiva (fala-se também dialogismo). É uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação a qual constrói seu próprio discurso (MAINGUENEAU, 2004, p.54).

À sombra da análise da subjetividade presente na narração esportiva realizada nas emissoras de rádio AM, e da singularidade do narrador, responsável pelo enunciado narrativo, observam-se as condições de produção e os fatores que interferem nas escolhas que formam texto oral e que acabam criando um estilo narrativo. Para Capinussú (apud SOARES, 1994), um desses fatores é a necessidade de fugir do lugar comum e criar maneiras de *atrair o ouvinte*, por conta da luta pela audiência.

O linguajar diferente do comunicador esportivo tem motivos vários, que vão desde a necessidade de fugir do comum, imprimindo à expressão verbal um significado conotativo, até a incessante luta pela conquista de maior audiência. Esse fato leva, inclusive, à necessidade de atrair ouvintes através da auto-afirmação capaz de criar uma terminologia às vezes inédita, que caracterize a busca da marca pessoal do comunicador... (CAPINUSSÚ apud SOARES, 1994, p.79).

A colocação feita por Capinussú vai ao encontro da proposta deste trabalho, que é encontrar no discurso narrativo esportivo a singularidade do narrador, diante de um gênero que é formado pela participação de outros elementos que são essenciais para promover a fluência narrativa, que são os repórteres, plantonistas e comentaristas, cujas funções serão explicadas à frente.

Para isso, entenda-se narração esportiva como um elemento que compõe o gênero de discurso de algo maior, que é a transmissão esportiva no rádio. Tais transmissões são

chamadas de “jornadas esportivas” e compreendem os momentos que antecedem o início efetivo dos jogos, a sua realização e certo período após o término do enfrentamento entre as equipes. Ao Analisar tudo o que precede e ocorre após um jogo de futebol e sua cobertura pelo rádio, é possível perceber que a transmissão de uma partida não é apenas um acontecimento esportivo isolado, é um evento promovido ao longo de todo o dia, quando produtores, repórteres, narradores e comentaristas voltam suas atenções para a partida. Esse trabalho ocorre em paralelo com os outros afazeres que o rádio esportivo requer, pois os programas que compõem a grade da emissora, fora a jornada esportiva, continuam no ar e contam com a participação desses profissionais, que têm de preparar materiais diversos para atender a todas as demandas.

Cada emissora possui uma estrutura e uma rotina para as jornadas esportivas. Algumas têm jornadas que duram cinco, seis horas, enquanto outras realizam apenas a transmissão da partida e, desse modo, as jornadas acabam tendo menos tempo, geralmente entre duas horas e meia e três horas. Há emissoras que fazem o trabalho de cobertura dos acontecimentos das chamadas concentrações, que são os locais onde os jogadores ficam reunidos momentos antes de se dirigirem ao estádio de futebol. Desses locais são realizadas entrevistas com atletas, membros das comissões técnicas, tudo para criar o clima do jogo e *prender a atenção* e promover a *fidelidade* do ouvinte à rádio. Esse tipo de acompanhamento ocorre, principalmente, em partidas chamadas de clássicos, que reúnem equipes tradicionais e que possuem uma rivalidade antiga, clássica, dentro do mundo do futebol. O auge deste tipo de cobertura ocorre nas decisões de campeonato.

Neste dia, o rádio é a mídia que mais trabalha. A cobertura começa às 8 da manhã, para um jogo que só terá início às 5 da tarde. E não tem hora certa para terminar; é preciso cobrir as comemorações da torcida do vencedor, que vai para às ruas balançar a bandeira do seu time (SOARES, 1994, p.90).

Há quem defenda mudanças para essa rotina, como é o caso dos jornalistas Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, para quem a falta de um debate maior entre jornalistas, estudantes e dirigentes é responsável por modelos que ele chama de “arcaicos” de transmissão e que vêm sendo reproduzido pelos jornalistas mais novos. Para eles, é preciso inovar (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p 74). Mas essa discussão não é o foco deste trabalho, que tem como objeto de análise a narração esportiva, que ocorre com o início dos jogos. Apesar disso, ressalta-se que entender a dinâmica de uma jornada é um facilitador para se compreender este gênero discursivo e suas condições de produção.

A jornada esportiva é conduzida pelo chamado “âncora”, que está dentro do estúdio, e que é responsável pela condução dos trabalhos, como um maestro, que tem de ditar o ritmo desse momento da transmissão. É ele quem chama a entrada no ar dos repórteres, do comentarista e até do narrador, antes da participação em definitivo da praça esportiva em que ocorre a partida.

O âncora na transmissão esportiva é o condutor da reportagem que tem a finalidade de levar ao telespectador/ouvinte um evento esportivo. Ele é o responsável pela maioria das intervenções e a cara da reportagem. É o repórter principal do evento, e é ele que movimenta e dá ritmo à reportagem transmissão (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p.75).

O trabalho do âncora se estende até que a jornada passe a ser conduzida direto do estádio onde vai ser realizada a partida. Não há uma regra exata para o momento da passagem do comando da transmissão da jornada para o narrador, há variação de emissora para emissora. Geralmente, meia hora antes é considerado um bom tempo para essa mudança, mas há casos em que ela ocorre ao faltarem cinco, dez minutos para o início do jogo.

Ao receber o comando da jornada esportiva, o narrador passa a ser o maestro do espetáculo esportivo, é ele quem vai ditar o ritmo dos trabalhos.

O narrador esportivo é o profissional de comunicação capacitado a descrever, contar, relatar, transmitir um evento ou conduzir uma transmissão,

interagindo com seus ouvintes, espectadores ou assinantes (SCHINNER, 2004, p.75).

Novamente, o que se observa é uma segunda abertura da jornada, agora feita pelo narrador, já que a primeira é feita pelo âncora. Essa abertura ocorre sempre em um clima de grande alegria, em um tom de voz alto, empolgante, na tentativa de cativar o ouvinte. A partir desse momento, inicia-se efetivamente a transmissão da partida, com a movimentação dos repórteres, comentaristas e plantonistas.

A transmissão esportiva, ou narração, é um gênero discursivo dentro do gênero radiofônico e possui personagens com características e funções bem definidas e que contribuem para o entendimento das condições de produção do discurso narrativo esportivo de uma partida de futebol.

O *narrador*, assim como o *âncora*, já teve sua função definida. Já o repórter de campo é responsável por um dos elementos mais importantes da jornada, a reportagem que, segundo Barbeiro, “é a alma, a essência do jornalismo”:

Apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido bem checada e que responda às perguntas básicas do o quê, quando, onde, como, quem e por que é o dever de todo bom jornalista (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p.19-20).

É o *repórter esportivo* que tem a responsabilidade de fornecer as informações a respeito das equipes, do relato dos acontecimentos que antecedem a partida, como a chegada das equipes ao campo de jogo; a movimentação das torcidas, dentro e fora dos estádios; as reportagens utilizadas antes do início dos jogos, a descrição das jogadas, uma série de outras informações de apoio ao trabalho do narrador, durante a transmissão, as entrevistas antes e depois das partidas – enquanto as equipes anda estão em campo – e junto aos vestiários dos times, após os jogos.

Outro personagem da transmissão esportiva é o *comentarista*, responsável pela análise do jogo. Para Barbeiro e Rangel, uma posição considerada nobre pela possibilidade de emitir opinião.

O comentarista tem a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de forma diferenciada. Entre tantas funções importantes, cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p.78-79).

O *plantão esportivo* é responsável por informar o resultado de outros jogos, a realização de partidas de outros campeonatos, eventos e outras informações esportivas relevantes.

A narração esportiva é, portanto, apenas um dos elementos do discurso esportivo do rádio, mas se concretiza com a junção de todos os elementos e personagens citados. A forma como todos esses fatores se relacionam, interagem é que compõe a narração esportiva.

Diante do que já foi exposto sobre a jornada esportiva, é possível entender que toda a dinâmica da jornada é coordenada, tem marcações e personagens com funções bastante definidas.

Este trabalho entende essa dinâmica e, além dela, fará a análise dos elementos constitutivos da narração esportiva, desde os atos de fala, as linguagens verbal e não verbal, o uso de vinhetas e trilhas musicais pelo narrador; até a participação dos membros da equipe esportiva, pela “batuta” do narrador”.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, o objetivo é apresentar e analisar o Corpus deste trabalho, que são narrações esportivas de duas partidas de futebol, realizadas por duas emissoras de rádio de São Paulo, CBN e Record, durante o campeonato brasileiro de 2007. O campeonato brasileiro é uma competição organizada pela CBF e que é separada por divisões, sendo que os melhores times do país disputam a chamada série A, enquanto as demais disputam as séries B e C.

As narrações aqui apresentadas foram escolhidas considerando a importância das partidas e das emissoras selecionadas. No caso da amostra colhida para este trabalho, considera-se a dinâmica de duas rádios com posturas diferentes na cobertura de uma partida de futebol. Elas possuem propostas de programação diferentes. Enquanto a CBN tem uma programação voltada exclusivamente à divulgação de notícias, a Record possui uma linha mais popular.

A rádio CBN é uma emissora que faz parte do sistema Globo de Rádio. Fundada em 1º de outubro de 1991, a programação da emissora é composta exclusivamente de programas jornalísticos, por isso se intitula “a rádio que toca notícia”. Atualmente, a emissora possui equipes nas principais cidades e capitais do país, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília, e conta com uma equipe de cerca de 200 jornalistas. Em 1995, a emissora passou a operar também em FM, sendo a primeira rádio a transmitir uma programação totalmente jornalística em frequência modulada. As transmissões esportivas começaram pouco antes. Na Copa do Mundo de 1994, a emissora acompanhou a campanha vitoriosa do Brasil, nos Estados Unidos. Atualmente, a CBN realiza transmissões regulares de partidas de futebol, com destaque para os campeonatos estaduais, o Campeonato Brasileiro e a Taça Libertadores da América (HISTÓRIA, on line, 2008).

Já a história da Rádio Record se confunde, em muitos momentos, com a história da implantação do rádio no Brasil. A emissora, fundada em 1931, foi uma das primeiras a

profissionalizar seu quadro de funcionários, teve programas de auditório, investiu em jornalismo e nas transmissões esportivas. Ao contrário da CBN, a programação atual da Record é diversificada. Há um departamento de jornalismo atuante, mas há programas musicais (RECORD, on line, 2008).

No caso da transmissão de futebol, porém, há uma base comum que é a centralização na figura do narrador. Com isso, entende-se ser possível trabalhar com realidades diferentes, não só por se tratarem de jogos diferenciados, mas com estilos de transmissão que se diferem. Para isso, serão consideradas as condições de produção de cada uma. Como condições de produção, consideramos os conceitos defendidos por Orlandi (2005, p.30-31) sobre: a) sentidos estritos, que seriam os imediatos, referentes ao campo de jogo; b) os amplos, que consideram os efeitos da sociedade, e, nesse caso, as relações entre torcidas, jogadores, equipe esportiva e ouvintes.

4.1 Condições de Produção das Narrações em Foco

Ao todo são duas partidas, sendo que os trechos separados para análise referem-se aos minutos iniciais, alguns dos melhores momentos e instantes de gols marcados durante esses jogos. Um dos critérios de seleção das partidas foi por reunirem equipes de tradição do futebol brasileiro, no caso Corinthians, Palmeiras e Botafogo. O fato de terem sido selecionadas duas partidas do Corinthians foi intencional. Em uma delas, o confronto é contra o tradicional rival Palmeiras - chamado de clássico - quando estão frente a frente duas equipes paulistas. Na outra, o confronto é com o Botafogo, equipe carioca. Assim como a escolha pelas emissoras e partidas, o período de jogo a ser analisado foi intencional. Nos primeiros minutos, o narrador tem de cativar o ouvinte para que ele permaneça sintonizado, enquanto os melhores momentos, e os gols, são os que causam as maiores emoções, instantes em que o narrador tem de conseguir provocar essas emoções no ouvinte.

Como a análise será feita a respeito da subjetividade e da singularidade do narrador, acredita-se que será possível observar como conduzem a jornada, não só por estarem em emissoras diferentes, mas por estarem falando realidades diferenciadas conduzidas por questões regionais, motivadas pelo que se costuma chamar de bairrismo no futebol, diante da rivalidade existente entre os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

No caso da partida entre Corinthians e Palmeiras transmitido pela rádio CBN, a rivalidade histórica entre as duas equipes coloca em xeque a imparcialidade do narrador diante das duas torcidas, já que seus ouvintes tendem, em grande maioria, a serem torcedores de qualquer um dos dois times. Com relação ao jogo entre Corinthians e Botafogo, transmitido pela rádio Record, a situação é um pouco diferente, já que por se tratar de uma emissora paulista, a possibilidade é de que os ouvintes dessa partida sejam, em grande maioria, torcedores do Corinthians. Sendo assim, para o torcedor, ouvinte e interlocutor, pode haver a expectativa de que haja um posicionamento parcial do narrador, em prol do time paulista.

O confronto entre Corinthians e Palmeiras foi realizado no estádio do Morumbi, também na cidade de São Paulo, no dia 23 de setembro, válido pela 30ª rodada do torneio nacional. Naquele momento da competição, o Corinthians continuava a briga para fugir da zona de rebaixamento e o Palmeiras para ficar entre os quatro primeiros colocados e conquistar uma vaga para a Taça Libertadores da América de 2008⁴.

Já o jogo entre Corinthians e Botafogo foi realizado no dia 16 de setembro, no estádio do Pacaembu, em São Paulo, e foi válido pelo segundo do campeonato Brasileiro de 2007. A partida foi válida pela 26ª rodada da competição e o Corinthians brigava para não ficar entre

⁴ Competição que reúne equipes sul americanas e que garante ao campeão uma vaga para a disputa do Campeonato Mundial de Clubes, organizado pela FIFA, entidade que dirige futebol no mundo.

os que corriam risco de rebaixamento à série B⁵ do campeonato, enquanto o Botafogo lutava para estar entre os quatro primeiros colocados da competição.

A partida entre Corinthians e Palmeiras, transmitido pela rádio CBN, é narrado por Deva Pascovicci, com reportagens de André Sanches e Jesse Nascimento, comentários de Victor Birner e plantão esportivo de Reinaldo Moreira.

O jogo entre Corinthians e Botafogo, irradiado pela Rádio Record, tem como narrador Dirceu Maravilha, repórteres Vanderlei Lima e Bruno Mendonça; comentarista, Paulo Roberto Martins, e plantonista, Rafael Spinelli.

4.2 Análise do Corpus

4.2.1 Jogo Corinthians e Botafogo

Começamos a análise pelos minutos iniciais da partida, quando o narrador, Dirceu Maravilha, ainda está criando o clima do jogo e trabalhando para manter a atenção do ouvinte. Isso fica claro pelas primeiras colocações e pela apresentação da equipe esportiva.

Dirceu Maravilha: este é o futebol do Brasil da Record, e agora nós vamos pra 90 minutos de muita emoção no seu rádio. Muita emoção pra você conferir. Será que vai dar Corinthians? A galera vai comigo pra curtir Corinthians e Botafogo. Botafogo e Corinthians, aqui com Paulo Roberto Martins, com nosso Bruno Mendonça, com Vanderlei Lima, Luis Pereira, acompanhando toda a rodada desse campeonato brasileiro. Aqui, quatro da tarde mais quatro minutos, horário do Brasil. Quem vai começar o jogo no estádio do Pacaembu, o atacante Finazi. Perto dele também tá Arce. Alô, alô Brasil bola rolou, rolou, em gol. ⁶

Observa-se, primeiramente, que, logo no começo do jogo, o narrador estabelece com o interlocutor o que Maingeneau chama de contrato, próprio do gênero discursivo que “exige

⁵ O Campeonato Brasileiro é dividido em séries A, B e C, que representam respectivamente primeira, segunda e terceira divisões, sendo que na série A, ou primeira divisão estão as equipes consideradas mais importantes do futebol brasileiro.

⁶ A transcrição não seguirá as normas específicas para transcrição e sim orientação da banca para que seja feita apenas o recuo, da maneira como é realizada a transcrição de citações.

daqueles que dele participam, a aceitação de certo número de regras mutuamente conhecidas e as sanções para quem as transgredir” (2003, p. 69). Nesse caso, ele assume uma relação de comprometimento com o ouvinte/interlocutor. Ao afirmar que serão “90 minutos de muita emoção no seu rádio. Muita emoção pra você conferir” e que “A galera vai comigo curtir Corinthians e Botafogo”, ele está prometendo emoção suficiente para que o torcedor sintonizado naquela emissora permaneça ouvindo a transmissão pelos 90 minutos de jogo. Nesse sentido, o contrato é firmado quando o ouvinte/interlocutor subscreve de forma antecipada sua aceitação ao proposto, ao permanecer com o rádio sintonizado nessa emissora.

Um contrato de comunicação é estabelecido pressupondo-se determinadas regras para uma troca de enunciados, baseadas no objetivo ou intenção do locutor, no interesse do locutor pela enunciação proposta, em um universo cognitivo comum e em um gênero de discurso adequado (MOURA, 2003, p.52).

Ao dizer “Será que vai dar Corinthians?” ele está promovendo a interação pela linguagem, chamando o ouvinte para um diálogo, e pressupõe uma resposta do interlocutor.

Essa interação, ele destaca, ocorre considerando o fato de que a comunicação não acontece pelo princípio da chamada “relação face a face”, o que remete a algumas considerações, entre elas a de que, nesse momento, em se tratando de um veículo de comunicação de massa, a relação estabelecida deve considerar três participantes, sendo eles: o locutor; o interlocutor ideal, para quem ele produz o discurso; e o interlocutor real, aquele que está ouvindo o rádio naquele momento e que deve possuir as competências lingüísticas necessárias para ser representante real do que Moura (2003) chama da interlocução ideal, o que permitiria a interação.

Quando simula uma “conversa” em que só ele fala, o apresentador de rádio decide, ordena, informa e, efetivamente, gera uma relação maior e envolvente com o ouvinte. Mesmo conhecendo as limitações do veículo, da língua, das formas e regras, o apresentador busca integrar a audiência representada pelo ouvinte à estrutura do evento, estabelecendo, desta forma, um correlação de parceria (MONTEIRO, 2003, p.32).

Logo na seqüência, inicia-se efetivamente o jogo e é veiculada uma vinheta, elemento sonoro utilizado como forma de marcação, neste caso, como maneira de identificar o narrador com slogan que ele utiliza várias vezes durante a transmissão, como se fosse uma assinatura, uma identificação de quem está narrando:

Vinheta: se for pro gol, me chama que eu vou.
Narrador: se for pro gol, me chama que eu vou.
Vinheta: se for pro gol, me chama que eu vou.

Segundo Maingeneau, o slogan está ancorado na chamada situação de enunciação. Para ele, “o slogan está associado sobretudo à sugestão e se destina, acima de tudo, a fixar na memória dos consumidores em potencial a associação entre uma marca e um argumento persuasivo para a compra” (2003, p.171). Nesse caso, o sujeito narrador usa a vinheta para criar seu *estilo* identificando-o a partir de uma frase de efeito criada, provavelmente, por ele. Além disso, há uma relação intertextual de mercado. O narrador tenta “se vender”, enquanto produto responsável pela condução da jornada e pela manutenção da audiência; já o ouvinte/interlocutor, assume o papel de comprador desta transmissão, quando se mantém sintonizado na emissora, muitas vezes fiel ao narrador.

Depois da vinheta, com o slogan, o narrador dá início à narração propriamente dita. Se até este momento, a intenção era criar o clima do jogo, agora é prender a atenção do ouvinte:

Dirceu Maravilha: com bola rolando no estádio do Pacaembu. Botafogo tem a bola, com Athirson, vai virar do lado esquerdo, tenta lançar a bola na linha lateral. Bola longa, bola não chega. Fica olhando, passa dele, saindo em linha lateral, é manual pro time do Corinthians. Arremesso já foi cobrado, o Corinthians vai tentar chegar, a bola agora com Arce. Parou, ajeitou, dominou, tentou fazer a passagem não consegue. A bola fica atrás, dominando a bola com Alex. Alex dominando, tentou rolar na esquerda. Tava pedindo ali o Athirson. Fez o sinal de positivo. Tá tudo de bem com a vida, e a bola saiu na ala direita, é manual para favorável de novo o time do Corinthians. Arremesso cobrado, a bola lançada pelo Iran não encontra ninguém do time corintiano, a bola fazendo totózinho curtinho, perdeu com Bruno Otávio, ajeitou, dominou, partiu, segurou, dominou, rola a bola com Finazi, olha do lado esquerdo a chegada boa de outro avante corintiano,

toque errado a bola fica com Joilson. No peito, ele lança a bola no campo de ataque com o pé direito, passe errado. Recupera pelo time do Corinthians, chegou cortando Fábio Brás, a bola sobrou na frente. Lá vem de novo o timão, preparou jogada boa, vem Corinthians, se for pro gol, me chama que eu vou. Arce bailou, dominou, Bruno encostou, uma volta, duas voltas, a finta no Renato, a finta no Joilson, caiu. Renato fica com a bola, o juiz não deu a falta segue com o jogo, domina Renato Silva. Aí Bruno encosta. Bola entregue para Gustavo que recua a bola para Betão. Betão tá dominando, Fábio Braz está encostando.

O recorte acima corresponde a um período de tempo em que o narrador atua sozinho na transmissão. É o momento em que ele impõe o ritmo narrativo, fazendo uso de heterogeneidade mostrada, ao citar nomes de jogadores, ao relatar os acontecimentos, nos momentos iniciais do jogo, e da heterogeneidade constitutiva, quando usa termos típicos do futebol, para quem entende.

Ao observar este período na forma escrita, pode-se ter uma primeira impressão de falta de coesão textual, sem que isso signifique falta de coerência. Porém, considerando o que expõe Maingeneau, para quem “considera-se que a *coesão* resulta do encadeamento das proposições, da linearidade do texto, ao passo que a *coerência* apóia-se na *coesão*, mas faz também intervir exigências globais, não lineares, associadas, em particular, ao contexto, ao gênero de discurso” (1996, p.25), é possível encontrar algumas questões lexicais que lhe conferem coesão. Uma delas é a elipse, como neste trecho: “Arremesso já foi cobrado, o Corinthians vai tentar chegar, a bola agora com Arce. Parou, ajeitou, dominou, tentou fazer a passagem, não consegue.”. Ao dizer, “Parou, ajeitou, dominou, tentou fazer a passagem”, o locutor se referia ao domínio, ajeite da bola, que estava com ele, palavra suprimida pela elipse. A repetição é outro sinal de coesão textual constatada no momento em que o locutor diz: “Bola longa, bola não chega”.

No caso da coerência, deve-se considerar que o interlocutor conhece as condições de produção do texto e compartilha com o locutor dos conhecimentos do código e linguagem utilizados. “Quando se fala de discurso oral enunciado pelo rádio não se pode esquecer da

importância do locutor em conhecer a linguagem do veículo e a participação argumentativa desta linguagem na interação com o interlocutor” (MOURA, 2003, p.55).

E como ressalta Maingueneau, a coerência do texto se encontra, ainda, no fato de que “ele deve relacionar-se a uma intenção global, a uma visada ilocutória associada a seu gênero de discurso. Isso permite ao co-enunciador assumir um comportamento adequado com relação a si mesmo” (1996, p.26). Sendo assim, à coerência do referido texto se encontra também o fato de o interlocutor estar familiarizado com a dinâmica de uma partida de futebol e, principalmente, com o gênero discursivo que é a narração esportiva. “Mobiliza um saber enciclopédico, uma vez que o conhecimento dos gêneros de discurso e dos scripts resulta da nossa experiência de mundo”. Isso é *memória discursiva*.

Outros dois pontos a serem destacados no trecho em análise são o fato de que a narração ocorre por meio de frases curtas, sempre baseadas em verbos que indicam ação, que dão o entendimento de velocidade dos acontecimentos e de ritmo para a narração; e em que, em meio à sucessão de frases descritivas dos acontecimentos, o narrador encontra espaço para se marcar como sujeito da locução. Quando diz, em meio à narração de um lance, “se for pro gol me chama que eu vou”, como no trecho a seguir: “Lá vem de novo o timão, preparou jogada boa, vem Corinthians, **se for pro gol, me chama que eu vou**. Arce bailou, dominou, Bruno encostou, uma volta, duas voltas, a finta no Renato, a finta no Joilson, caiu” o narrador está construindo uma característica, uma singularidade. Ele encontra o momento exato para dizer tal frase, no momento em que há, com certeza, uma possibilidade real de gol. Instante, inclusive, em que o ouvinte/interlocutor passa a prestar ainda mais atenção, pois o gol é considerado o auge de uma partida de futebol e, conseqüentemente, da narração esportiva.

Justamente na análise do que chamamos materialidade lingüística; como se diz, o que diz, em que circunstâncias etc. Isto é, naquilo que se mostra em sua sintaxe e enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz), fornecendo-nos pistas para compreendermos o modo como o discurso que pesquisamos se textualiza (ORLANDI, 2005, p.65).

Mais uma tentativa desta marcação do sujeito na narração pode ser vista quando ele fala: “Começo de jogo, bola rolando no Pacaembu, **você vai comigo, a mil, pelo Brasil,** domina o time corintiano.” Neste “a mil, pelo Brasil”, o narrador se utiliza da rima para deixar/registrar sua marca particular no enunciado. Nesse sentido, o entendimento de marca pode ser o considerado por Maingeneau para quem:

A marca encarna, assim, sua identidade por intermédio dos discursos que ela produz, e a esse respeito o processo de incorporação desempenha um papel importante, pois ele é mediador entre o princípio abstrato apresentado pela marca e os conteúdos que ela pretende veicular (MAINGENEAU, 2003, p.213).

Outras situações do discurso narrativo que se observam e que colocam o narrador como sujeito são as figuras de linguagem como as metáforas por ele utilizadas. Termos como “totózinho”, no sentido de toque na bola, “bailou”, no sentido de drible, são termos comuns ao futebol, mas a forma como são utilizadas pelo narrador podem dar a ele uma identidade, já que existem os que utilizam bordões - “me chama que eu vou” - como é o caso de Dirceu Maravilha.

Durante todo o recorte de fala separado para a análise, observa-se a marca da oralidade, de uma linguagem coloquial, própria do rádio. O verbo de ligação “está”, por exemplo, é a todo o instante citado apenas como “tá”. Nesse caso, observa-se o uso da forma apocopada em razão da *velocidade* imposta, pelo ritmo de narração, o “está” assume naturalmente a configuração de “tá”, não apenas na voz de Dirceu Maravilha, mas também na de Deva Pascovicci.

O que vai ser analisado é a *dinâmica* da narração esportiva: como se dá a participação dos demais integrantes da equipe esportiva na formação desse gênero discursivo. Além do narrador, repórteres, comentaristas e plantonistas participam da transmissão. A forma como a

participação se dá é uma demonstração de que o interlocutor entende a formulação dessa discursividade porque compartilha das informações que compõem tal gênero.

Vinheta: tem gol.

Dirceu Maravilha: Bola lançada no campo de ataque, nada acontece e a bola vai saindo aqui na linha lateral. Bola onde Spinelli.

Rafael Spinelli: Gol contra do Paraná. Sport um, Paraná zero. Beto marcou contra.

Dirceu Maravilha: Já tamo chegando, um e quarenta jogadores, futebol, a fase é primeira. Placar é zero a zero. Sobra a bola na esquerda. Quem tá dominando é Alex, Alex vai cortar, a bola vai viajar. A bola sobrou no campo de ataque, a bola pra Gustavo, Gustavo tá dominando, rolando a bola pra Finazi, não tá mais comigo, rolou pro campo de ataque. Bruno rolou, Gustavo vai marcar se chegar, não deu tempo pra chegar na bola. Ele marcou falta Bruno Mendonça.

Vanderlei Lima: Isso, e foi falta em cima do jogador Leandro Guerreiro.

Dirceu Maravilha corrige e diz o nome certo do repórter que falou: Vanderlei Lima.

Vanderlei Lima: Na jogada, chegou m pouco atrasado o Gustavo Neri.

Dirceu Maravilha: Este é o futebol do Brasil, da nossa Record, a diferença é pra você conferir com a gente. Dois jogadores, 10, futebol a fase é primeira. Aqui, Nilton Lopez vai fazendo o som do Brasil e lá embaixo, nosso João Melão, nosso Bino também, a mil, pelo Brasil. Dois e trinta, futebol, a fase é primeira. Bate na bola o garoto do Botafogo, a bola lançada na intermediária, subiu ali Carlão para tentar o cabeceio, a bola foi desviada, volta a bola na meia. Domina o time do Botafogo, o sol reaparece, bola do lado esquerdo, vai tentar com Athirson no cabeceio, errado volta a bola volta para Gustavo.

Observa-se que o recurso de uma vinheta é utilizado pra chamar a atenção do narrador para um fato ocorrido fora do campo de jogo, no caso, um gol marcado em outra partida. A vinheta é um sinal sonoro que cumpre uma função no discurso narrativo. Com papel definido, ela só é levada ao ar quando necessária. No caso do gol, apenas quando ele ocorre. Portanto, não há momento exato para que seja utilizada. Após essa vinheta, a função do plantonista é o de informar ao ouvinte o que acontece em outros jogos do campeonato em disputa. O ouvinte de rádio é um sujeito que ideologicamente se constitui em um torcedor de um time de futebol. Uma escolha que, inclusive, não é dele, mas resultado de sua formação sócio-histórica e das vozes que o constituem. O ouvinte, quando está na condição de torcedor, fala e age desta posição. Para entender melhor o que isso significa, recorremos a Orlandi (2005, p.49), que ao citar Foucault e Pêcheux, afirma que:

Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e ode ocupar todo o indivíduo para ser sujeito do que diz. O modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui. Da mesma maneira, a língua também não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se trata da significação pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da ideologia.

Por isso, para ele, tão importante quanto torcer por seu clube do coração é torcer contra outro time, seja por uma questão de rivalidade constituída, pela posição que sua equipe ocupa na tabela de classificação do campeonato, ou pela dependência do resultado de seus adversários, diretos ou indiretos. Sendo assim, uma informação como a de um gol feito em outra partida ganha importância suficiente para que o plantonista intervenha na transmissão para informar. Nesse caso, ela ocorre após o efeito sonoro e a participação direta do narrador, responsável por determinar o momento em que a informação vai ser dada. Essa participação ocorre aleatoriamente e a chamada para a participação é feita também de improviso, característica do gênero discursivo da narração esportiva.

Nos meios radiofônicos, observa-se a utilização mais racional da fala de improviso, mas isso é possível quando se tem a chamada “competência adquirida”. Aqui não se trata de competência profissional para a utilização da fala, mas também do conhecimento prévio do assunto que informa o texto e das combinações factuais desse texto (MONTEIRO, 2003, p.34).

É esse mesmo improviso que pode provocar situações como a que é exemplificada a seguir, quando o narrador chama a participação de um repórter, para descrever uma jogada, enquanto deveria ter chamado outro, o que provoca a necessidade de correção posterior.

Dirceu Maravilha: Ele marcou falta Bruno Mendonça.

Vanderlei Lima: Isso, e foi falta em cima do jogador Leandro Guerreiro.

Dirceu Maravilha: Vanderlei Lima.

Em seguida, o repórter participa e a volta do narrador ocorre de forma direta, sem que haja a passagem novamente para o repórter. Essa dinâmica é entendida porque o interlocutor conhece como ocorre o processo de narração e o fato de o condutor ser o narrador.

Vanderlei Lima: Na jogada, chegou um pouco atrasado o Gustavo Neri.

Dirceu Maravilha: Este é o futebol do Brasil, da nossa Record, a diferença é pra você conferir com a gente. Dois jogados, 10, futebol a fase é primeira. Aqui, Nilton Lopez vai fazendo o som do Brasil e lá embaixo, nosso João Melão, nosso Bino também, a mil, pelo Brasil.

Ao longo do recorte de fala dessa análise, observa-se Dirceu Maravilha utilizando-se de elipse ao informar qual o tempo de duração da partida. O narrador usa o número que define o tempo, mas omite a palavra minuto, realizando uma construção como as vistas até aqui, “45 jogados”, “dois jogados”, quando se refere ao tempo de jogo, que poderiam ser ditos 45 minutos de jogo. É mais uma forma de se marcar na narração, criando seu estilo. Muitos narradores, ao dizerem o tempo de jogo, optam por construções mais completas, como: 45 minutos de bola em jogo, ou, ainda, 45 minutos do primeiro, ou do segundo, tempo de jogo. Podemos observar, em seguida, que se com o interlocutor, a relação do narrador considera o ouvinte ideal, real e a ausência da comunicação face a face, com os demais membros da equipe esportiva a relação é mais direta, o diálogo é realizado, inclusive, em muitos casos, no sistema de perguntas e respostas, ou de complemento de raciocínio, como veremos a seguir:

Bruno Mendonça: Foi falta em cima do jogador Leandro Guerreiro na jogada. Chegou um pouco atrasado Gustavo Nery.

Dirceu: Este é o futebol do Brasil, da nossa Record. A diferença é pra você conferir com a gente! Jogados: 10. Futebol, a fase é a primeira. Aqui Nilton Motas vai fazendo o som do Brasil e lá em baixo, nosso João Melão, nosso Bino, também. Vai pela bola o goleiro do Botafogo, a bola lançada na intermediária, subiu pra tentar o cabeceio, a bola foi desviada, volta a bola na meia. Subiu o time do Botafogo, joga e aparece, bola do lado esquerdo, vai tentar partir para o cabeceio, rápido volta para Gustavo. Gustavo tá dominando, tentar sair, vai apertando, a bola ficou no calcanhar, dominou, tentou, rola, pára com Dodô, Dodô ajeitou, se mandou, tentou fazer a passagem, tentou enfiar pelo meio, forte a marcação, o time apertou com Vampeta. Fábio Brás também tava no lance, agora também tá parado, o árbitro está marcando o quê? Bruno acompanha o ataque do Botafogo.

Bruno Mendonça: Exato. Pegou a falta em cima do Dodô. Dois jogadores do Corinthians na marcação, quando ele tentava se livrar o Leandro Guerreiro vai pra bola.

Dirceu: E ele já dá um totózinho na bola. Só lançou na direita. Esse Joílson é ligeiro. Passe lá em cima dele. Joílson! Hilmar e bola desviada. Saiu na ala direita. (propaganda) Dominou o time corintiano, a bola prá Ailton, Ailton dá a bola pra Gustavo, Gustavo volta a bola pra Ailton, não está mais com ele. Toca a bola na meia. Lançamento é na direita, vai tentar o time do Corinthians, Vampeta marca a bola, lança, vem para o contra-ataque, tá descendo o Iran. Ajeitou, dominou, rolou para Ailton, fora da área grande. Parou, dominou com a perna esquerda, tentou rolar para perna direita ali, cruzou, bateu, na chegada do próprio Martin. Sobrou na cobertura, tranqüilidade absoluta para a saída de Roger, saiu fácil para fazer a super defesa. Já passamos de três, estamos chegamos com quase quatro jogadas do futebol, a fase é a primeira, o local é Pacaembu, a rádio é Record.

É bola pro ataque, bola prá Reinaldo, em cima dele tá chegando Carlão, apertando a marcação, domina o time corintiano, Carlão domina, lança bola na esquerda, vai tentar com Gustavo. Vamos lá Corinthians que eu quero é mais. Se for pro gol timão, me chama que eu vou! Airton dominou, a bola desviada, chegou com Arce, ele pisa na bola, esquece a bola, perde instrumento de trabalho. Sobrou na direta com Iran, tentou com Finazi. Finazi vai marcar, bateu!! Pra fora!!! Renato Silva deu uma titubeada, a bola ficou açucarada pra Finazi, bateu pra fora. Vanderlei Lima.

Vanderlei: Que vacilo do zagueiro. Renato Silva e por último o capitão Juninho. Ficou livre Finazi, o zagueiro do Corinthians, só que o chute não saiu legal. Grande chance perdeu o timão.

Observa-se que a primeira passagem do repórter Bruno Mendonça para o narrador Dirceu Maravilha ocorre sem que haja qualquer tipo de sinalização entre elas. Ao falar da falta cometida pelo jogador Gustavo Nery, Bruno não chama a participação do narrador, ela ocorre de forma direta, como se o que tivesse sido dito pelo repórter não tivesse valor, ou que tivesse pouca importância, pois a retomada da narração ocorre diretamente falando de outro assunto, da emissora, dos demais colegas de trabalho, com desprezo à informação do repórter. No entanto, em seguida, nova falta é cometida, o repórter é acionado e ao retornar ao narrador, ele reinicia sua fala complementando a informação de Vanderlei Lima, dizendo que o jogador Leandro Guerreiro ia para a bola. Há um diálogo, entre ambos. Apesar de serem duas faltas, a postura do narrador diante delas foi diferente. Uma das razões seria o fato de o repórter, na primeira passagem, não indicar ao narrador que a cobrança da falta ocorreria de forma rápida, o que acaba funcionando como uma sinalização implícita de que a falta

demoraria em ser cobrada e narrador teria de improvisar, antes de iniciar a descrição da jogada. Por isso, o recurso utilizado pelo narrador foi falar dos colegas de trabalho e da emissora, para que houvesse tempo de atendimento ao jogador que recebeu a falta e a definição de qual atleta a cobraria. No segundo caso, o repórter Vanderlei Lima ao indicar quem vai fazer a cobrança, deixa claro ao narrador que a cobrança será rápida e, por isso, a descrição ocorre naturalmente, sem a utilização de outros recursos. Para o sucesso da fluência narrativa, é preciso que todos os participantes da equipe entendam a forma como ela ocorre, em um sincronismo que não deixe transparecer ao ouvinte/interlocutor que há qualquer tipo de falha na comunicação, entre eles.

Dirceu: Este é o futebol do Brasil, da Record! Grande Valter. Valter Caetano, grande companheiro, grande amigo, grande irmão. Está vindo lá do Guarujá com a Dona Ida, tá com as filhas numa boa, curtindo, enfim, todo mundo a mil pelo futebol do Brasil. Muito obrigado! Aí, de bem com a vida, ouvindo o som da Record. Valter, também gostou do futebol da Record. Eu quero é mais! 12 jogadores. Futebol, a fase é a primeira, o placar é zero a zero. Manoel que cobra essa, equipe do Botafogo, arremesso vai ser cobrado, Joílson está chegando, lança a bola para José Roberto, ele parou, ajeitou, dominou, tentou fazer o passe, não consegue lançar a bola, fica obrigado a recuar a jogada. Trabalha agora com Juninho, Juninho tá carregando, vem pro contra-ataque, carrega a jogada, rolou, abriu, Lúcio Flávio, preparou, ajeitou, não disparou, segura a bola, tenta fazer a volta, por dentro, de um toque na bola, e não fechou. Olhou, apenas acompanhou a saída da bola na linha de fundo.

Toque-toque na bola, tic-tac no tempo da Record, você fica sabendo o tempo e o placar do jogo. A Record vai marcando, você vai conferindo comigo, tá na mesa, faz a diferença pra você. Tempo do jogo: jogadores, quase treze. Futebol, a fase é a primeira. Vampeta, arranca Vampeta. Vamo embora, tentou com Finazi, quando tocou, tocou errado a bola. Atrás da bola, a chegada do Alex. Cortou, alivia a bola com José Roberto, a pressão é corintiana, Vampeta ataca, ta com dois em cima dele! Aconteceu a falta! Caiu jogador do Botafogo e a bola parou. Treze! Primeiro tempo. Pacaembu. Zero Corinthians, zero Botafogo. Spinelli.

Mais uma vez, o narrador Dirceu Maravilha se utiliza do improviso para retomar a descrição da jogada. Enquanto o lance está parado, ou não há uma movimentação de jogo que apresente perigo de gol para nenhuma das equipes, ele se permite “*conversar*” com o ouvinte, isto é, ele simula uma conversa pressupondo uma resposta do interlocutor, seja ele um

conhecido, ou um dos milhares que podem estar acompanhando a transmissão. No caso em destaque, ele fala com os amigos e, em seguida, com os ouvintes de uma maneira geral, mas como se falasse individualmente, pois sempre se refere ao ouvinte no singular. Do mesmo modo em que ele se coloca como narrador, ele tenta, nesse instante, quebrar a barreira que pode colocá-lo distante de seus interlocutores e assim se tornar mais próximo do ouvinte, para receber dele a atenção e, principalmente, manter sua fidelidade, estreitando a forma de relacionamento entre ambos, característica própria do rádio. Moura explica que:

Rádio é relacionamento. A interação que estabelece o diálogo virtual entre locutor e interlocutor é uma via de várias mãos, na qual cada um representa seu papel, num jogo de inter-relações. [...] Manter o interesse é uma constante busca pelo outro, imaginando na figura do interlocutor ideal. Não basta ter intenção de estabelecer uma comunicação dialógica a partir do rádio, é preciso estabelecer um universo comum de competências comunicativas que permitam ao interlocutor do discurso radiofônico acreditar sem ver. (MOURA, 2003, p.60).

É justamente essa comunicação que o narrador esportivo realiza, sempre a busca por manter a atenção do ouvinte/torcedor durante toda a jornada esportiva.

No trecho em foco, o narrador também começa a sinalizar o tempo e placar do jogo. Mesmo tendo informado há poucos instantes que já teriam se passado 12 minutos de partida, ele retoma o tempo e placar: “Toque-toque da bola, tic-tac do tempo da Record, você fica sabendo o tempo e placar do jogo”. Percebe-se que ele se utiliza de uma composição de palavras para dar *ritmo* e marcar seu *estilo* para esse tipo de chamada. O tempo e o placar de jogo são constantemente informados para que o ouvinte, já sintonizado, saiba exatamente quanto ainda falta para o término da partida, e também para aquele ouvinte que acabou de sintonizar a emissora saiba o andamento do jogo. Apesar de compor o discurso narrativo de futebol, o tempo e placar de jogo são acionados de formas diferentes, por cada narrador. É uma das possibilidades de impor estilo, de registrar sua singularidade, mesmo diante de uma regularidade discursiva, que é a chamada do tempo e placar, que ocorre regularmente durante

o jogo. Em seguida, ele interrompe a chamada para voltar a descrever uma jogada de perigo ao gol do Botafogo, com um ataque iniciado pelo jogador Vampeta, para, logo após a conclusão do lance, retomar o tempo e placar. Mesmo fazendo parte do discurso narrativo, o tempo e o placar perdem em importância para os lances com reais possibilidades de serem concluídos em gol. É o narrador quem define essa importância, pois é ele o comandante da jornada. O entendimento sobre a forma como esses fatores são hierarquizados depende do grau de conhecimento do discurso narrativo do interlocutor, como explica Monteiro:

A maneira informal, o ritmo e as ênfases tônicas utilizadas pelos apresentadores de rádio (emissores de textos falados) constituem códigos que permitem ao ouvinte – principalmente àquele que detém as informações necessárias para decodificá-lo, mediante seus conhecimentos prévios, situar-se no texto e na fala, e, conseqüentemente, construir a imagem do fato. No entanto, em muitos casos, essa “maneira espontânea” de focar esses códigos e textos radiofônicos dificulta também a compreensão de outros ouvintes, notadamente os que não possuem o conhecimento adequado para compreender a informação passada. (2003, p.36).

A questão do grau de conhecimento do ouvinte pode ser mais uma vez observado no recorte a seguir, quando Dirceu Maravilha chama o interlocutor a criar mentalmente a imagem do campo de futebol. Para isso, ele usa como referência o aparelho de rádio utilizado pelo ouvinte para ouvir a transmissão, como se o ouvinte colocasse o equipamento à sua frente e o olhasse como um campo de futebol.

Dirceu: No seu rádio você imagina, o time do Corinthians ataca à direita, à esquerda ataca o time do Botafogo. O Tempo? 24. Mudou o tempo, o sol foi embora, hein? A bola voltou, pra cá, não, sobrou pra Zé Roberto. Habilidade, criativo, pintou o gol, ajeitou, dispara uma bombada!! Foi embora. Perdeu gol certo Zé Roberto. Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça: Foi bonita a jogada. Uma tabela com o jogador Reinaldo, Zé Roberto entrou sozinho na área, passou raspando o travessão de Marcelo, que acabou se chocando com o Carlão. Fica caído jogador do Corinthians. Zagueiro tá sentindo a perna esquerda e o Marcelo também com problemas na caída o goleiro do Corinthians, Dirceu.

Ao dizer que: “no seu rádio você *imagina*, o time do Corinthians ataca à direita, à esquerda ataca o time do Botafogo”, ele chama o ouvinte a criar a imagem mental do campo

de futebol, a partir da visualização do aparelho eletrônico rádio. Claro que para isso ele supõe que o ouvinte saiba exatamente como é o desenho de um campo de futebol e o posicionamento do ouvinte diante do gramado, por meio de sua *memória discursiva*.

É possível perceber que as *escolhas* feitas pelo narrador demonstram a relação que possui com o jogo, o rádio e o ouvinte. Sua formação narrativa se materializa nas opções que faz quanto às opções das palavras e de frases. Observa-se a partir dos termos e frases grifadas no recorte a seguir, que a *repetição* e as *apócopas* demonstram a subjetividade presente, permitindo uma marcação singular do sujeito narrador.

Dirceu: E a bola já é lançada, na frente a **bola** para Dodô, Dodô tá parando **bota a bola** do lado esquerdo, soltando agora com Zé Roberto. Zé Roberto caminhou, ele driblou, deu um drible tão desconcertante que ele próprio caiu. E a **bola** saiu na ala esquerda, lateral favorável para a equipe do Corinthians. Já passamos da marca de **trinta e um, quase trinta e dois jogados** em futebol **desta fase primeira. Placar é zero a zero.** É **bola** do campo de ataque do time do Botafogo, sobe a **bola** pra Gustavo, Gustavo tá tirando, dominando, vai puxar o time do Corinthians, pode armar a bola pra Gustavo, a jogada é boa. Se meteu Arce, ele foi tentar com Finazi, que bolão, pintou gol, perdeu pra fazer a batida, tava dentro da área, é obrigado a sair com a bola. Sabe o que acontece, porque ele demorou para fazer a batida, então perdeu o ângulo, perdeu a chegada do tempo da bola.

A bola lançada no campo de ataque, e vem de novo, Iran tá dominando, tá se movimentando, rola a bola pra direita e vira agora pra **Vampeta. Vampeta** vai tentar mais atrás agora com Fábio Brás, que vai descendo **e o tempo tá indo. 32.** Você ligou o rádio agora aqui no Pacaembu, **placar zero a zero.** Domina **Betão. Betão** carregou, **Betão** abriu, **Betão** lançou, a bola é boa, vai tentar com Arce, jogo ligeiro, não chega. Chegou primeiro Alex, de cabeça. Ele tira errado a **bola**, pinta no meio, com Vampeta, com a seta para o time do Corinthians, vira a bola para o outro lado, Paulo Souza toca a **bola** para Gustavo, o Iran pediu outra vez na área, linha lateral, toca a **bola** pro ataque, agora com **Arce, Arce** dominando o rodo da bola, é de primeira com Bruno, que solta a bola para Gustavo, Renato tentou, Bruno se meteu. Ganhou, ajeitou, disparou pro gol direto!! Uma **bombaça!!** Essa bola passa à esquerda, vai embora.

[...]

Dirceu: **Trinta e quatro jogados. A fase é a primeira.** O local é o Pacaembu. Tá chegando Ailton, vai colocar na área, Finazi tá lá, Gustavo já chegou e o Fábio também veio. Olha o Carlão! Faz o cruzamento, a bola fechada, a chance do gol, o desvio, o que tá acontecendo? A bola tá valendo, fez o contra-ataque, subiu Carlão, não vai chegar. Vai chegar Fábio Brás, que **bombaça!!** Que **paulada!** A bola pra fora. Escanteio. Vanderlei Lima.

A *repetição* de palavras, e até de frases inteiras, além de ser marca da oralidade, pode ser entendida na narração esportiva como um recurso estilístico. Nesse sentido, consideremos as colocações feitas por Possenti, para quem estilo não pode ser visto apenas como uma forma utilizada para se adequar ao contexto, mas escolhas do locutor. Nesse jogo de palavras, é o locutor quem decide o caminho a seguir, mas a palavra tem efeitos de sentido e isso deve ser levado em conta. É o que ele faz, ao optar por uma construção de frase que lhe permite prever os efeitos que pode provocar no interlocutor. Ao *optar* por “bombaça” e “paulada”, ao invés de chute forte, por exemplo, ele não apenas está adequando a frase ao contexto, ou seja, à chegada com perigo e à possibilidade de gol criada pelo Corinthians, como também está fazendo uma *escolha*, entendendo que esta colocação vai criar no interlocutor a sensação, a emoção, do gol quase marcado.

Analisado até aqui o primeiro tempo do jogo, passemos a observar a forma como é construída a retomada da partida, após o intervalo entre primeira e segunda etapas. Um jogo de futebol, dividido em dois tempos de 45 minutos, é interrompido por um período médio de 15 minutos (como a regra determina que o tempo do intervalo entre os tempos seja de até 15 minutos, quem define o tempo exato é o árbitro da partida). Digo retomada da jornada porque, na maior parte das emissoras, o intervalo é conduzido por um âncora, ou pelo plantonista, e não pelo narrador. No retorno, assim como no início do primeiro tempo, o narrador precisa criar o clima do jogo que está por seguir. Se na primeira etapa, há o estabelecimento do contrato entre as partes, quando Dirceu Maravilha promete 90 minutos de emoção, no início do segundo tempo, há uma preocupação em manter o ouvinte sintonizado na emissora a partir de informações e entrevistas que interessem ao ouvinte/torcedor, como veremos a seguir:

Dirceu Maravilha: A mil pelo futebol do Brasil, no futebol da Record! E você tem mais detalhes, mais informações com o plantão da Record. Hoje o nosso Rafael Spinelli, o que mais acrescentar pro ouvinte do Brasil, diga aí Rafael Spinelli?

Rafael Spinelli: Legal Dirceu! Começa neste momento o segundo tempo na arena da Baixada pra Atlético Paranaense um, Palmeiras zero. Placar parcial

da partida. Nós neste domingo também recebemos a informação, o técnico Luis Felipe Scolari pode ter a pena amenizada do julgamento da UEFA. Isso porque o juiz Marcos Mertens colocou na súmula que o jogador da Sérvia provocou o técnico Luis Felipe Scolari e este fato pode amenizar a pena do treinador da seleção de Portugal. No grande prêmio de Fórmula um, realizado neste domingo na Bélgica, vitória de Kimi Raikkonen da Ferrari e na segunda posição Felipe Massa também da Ferrari, na terceira posição Felipe Alonso da McLaren e na quarta colocação Lewis Hamilton piloto inglês da McLaren.

Hamilton é o líder do Campeonato Mundial de pilotos com noventa e sete pontos e Fernando Alonso vem logo na sequência, na segunda posição, com noventa e cinco pontos, Dirceu.

Dirceu Maravilha: Legal Rafael Spinelli. Sempre bem informado com detalhes e informações pra você ouvinte da nossa Rádio Record. Everaldo Silva com toda a sua categoria vai fazer o som com a gente pra todo este segundo tempo. Está voltando. Corinthians está voltando. O time do Botafogo. Será que nós teremos mudanças?

Bruno Mendonça: Não. O Corinthians é o mesmo, Maravilha.

Dirceu Maravilha: O mesmo? Então as emoções serão as mesmas no segundo tempo. Não vai mudar o Botafogo, não vai mudar também o time do Corinthians. Mas o Botafogo tá mais perto do gol do que o time do Corinthians, hein? Tá mais perto o Fogão do que o próprio Timão.

Esperamos muito mais pra essa fase complementar, pra você curtir aqui com a gente todas as emoções do futebol da Record. Daqui a pouco tem lance final. Sabe quem vai comandar o nosso lance final da nossa Rádio Record, sabe quem? Sabe quem? Juarez Soares! Juarez Soares, o China, que também mudou pra Record. Algum detalhe Bruno? Vanderlei Lima? Alguém aí pra falar?

Vanderlei Lima: O técnico Cuca já está ali concentrado, para este segundo tempo e de fato Botafogo criou aí as melhores, podemos dizer assim, entre aspas, melhores oportunidades e o Dodô saiu reclamando bastante daquela marcação da falta, que na verdade foi dentro da área e seria pênalti e o Simon marcou fora da área, Dirceu.

Bruno Mendonça: E aqui o José Augusto.

Técnico José Augusto: Algumas jogadas de perigo do Botafogo contra a nossa defesa.

Bruno Mendonça: O que não deu certo no primeiro tempo?

Técnico José Augusto: O gol. Precisava sair o gol pra poder ter um pouco mais de tranquilidade para trabalhar.

Bruno Mendonça: Vem com começo daquele ritmo ainda, do primeiro tempo?

Técnico José Augusto: Não podemos deixar que esse primeiro tempo, com uns quinze, vinte e cinco minutos bem e depois o time deu uma queda e o espaço pro Botafogo jogar. Espero que a gente volte agora com a mesma aplicação do início e que termine e consiga fazer os gols que não fizemos no primeiro.

Bruno Mendonça: Este é José Augusto que está gritando muito.

Até aqui, observa-se que a preocupação do narrador é com a informação. Ele retoma a jornada a partir de um diálogo com Spinelli, o plantonista. A partir de então, movimenta os repórteres para que busquem as informações. Neste caso, o ritmo é diferente da narração, e

também do início do jogo. As frases são mais elaboradas. Há perguntas e respostas, os turnos de fala se sucedem, sempre a partir da definição de ordem estipulada pelo narrador; a não ser nos casos das entrevistas, pois a definição de fala fica a cargo do repórter.

No entanto, quando o jogo está prestes a ser reiniciado, a informação perde em importância e ganha espaço novamente a *emoção*, os jogos de palavras para criar junto ao ouvinte a sensação de recomeço do jogo. Como o jogo envolve uma equipe de São Paulo e outra do Rio de Janeiro, o narrador se posiciona em favor da equipe paulista.

Dirceu Maravilha: Está soltando a voz o técnico do Corinthians. Vai começar o segundo tempo no estádio do Pacaembu. Botafogo à minha esquerda, o time do Corinthians agora vai ficar à minha direita. Eu estou contigo e não abro. Esperando muito mais do timão pra essa fase complementar no estádio do Pacaembu. Vai descendo a bola ali o Dodô, perto dele também o atacante Reinaldo. Alô, alô Brasil! Bola rolô, rolô!

Esse posicionamento, sinalizado a partir da afirmação “Eu estou contigo e não abro. Esperando muito mais do timão pra essa fase complementar no estádio do Pacaembu.”, o narrador, mais uma vez, se coloca ao lado do torcedor corintiano.

O narrador, provavelmente, não é torcedor da equipe do Parque São Jorge, mesmo porque, dificilmente um narrador divulga o nome do time pelo qual torce, ou pelo qual tem mais simpatia. Por uma questão de credibilidade.

Mas como narrador de uma emissora paulista, ele se coloca na posição de um torcedor paulista, que torce pela vitória de um clube do seu Estado, no confronto com uma equipe de outra região, no caso o Rio de Janeiro. Nesse entendimento, tal torcida independe do clube em questão ser, ou não, seu time do coração. Perpassa neste momento o processo ideológico e de esquecimento. A ideologia do torcedor de um clube, escolhido durante a formação do sujeito torcedor, e o apagamento de que, quem está se colocando a favor do Corinthians é o narrador e não um torcedor, é assimilado por quem espera da narrativa uma tendência favorável ao seu

clube, como uma aliança, em busca da vitória. Ele, o narrador, se torna sujeito no que diz, ao lado dos torcedores do Corinthians, como se observa novamente na seqüência:

Dirceu: Cinco e dez da tarde no horário do Brasil! Esporte Clube Corinthians Paulista, fundado em mil novecentos e dez. A galera esperando muito mais do timão nesta fase complementar. Vai Corinthians que eu quero é mais. Se for pro gol timão, me chama que eu vou. Se for pro gol timão, me chama que eu vou!

Orlandi ressalta que o sujeito obtém significação em condições determinadas, a partir do seu dizer.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. (Orlandi, 2005, p.53)

Sendo assim, a significação do sujeito narrador e do sujeito torcedor se faz presente pelo que dizem e fazem naquele instante, a partir dos lugares que ocupam e das escolhas que realizam.

No recorte a seguir, é possível perceber a regularidade discursiva existente no trabalho realizado por Dirceu Maravilha. O ritmo da narrativa é imposto por ele em completo acordo com o desenrolar dos lances da partida. Jogadas mais próximas da grande área o levam, sempre, a impor um ritmo mais intenso, mais veloz; enquanto as jogadas menos expressivas, ou lances em que o jogo está parado, seja para o atendimento a um atleta, seja para a cobrança de uma falta, a descrição cede espaço para uma fala mais cadenciada. Há a utilização de frases iguais, para situações parecidas na partida. Mesmo que tais momentos sejam únicos, percebe-se que a opção feita pelo narrador é pela repetição.

Dirceu Maravilha: Este é o futebol da Record! E o tempo tá indo, dois e trinta e quatro jogados, futebol fase complementar. Tenta um com o pé

direito, vira, lança, vai pro contra-ataque, enfiando, saiu Roger. Trinta anos já têm esse goleiro do Botafogo. Saiu para fazer a sua defesa. Não tem muita pressa para recuar a bola. Segura a bola dentro da sua área grande. Já estamos já indo para o final da tarde, para o final da tarde e o **placar continua zero a zero**. E não tem pressa o Roger, tá ali com a bola, tá valendo, uai. Ele tem condição para fazer isso. Aí lança a bola pro ataque, Fábio subiu para dar o toque na bola, sobe a bola com Vampeta, que perdeu, aparece na cobertura, chegando Lúcio Flávio. Aí foi cravado na chegada da bola contra Athirson e a bola saiu na lateral. Não deu falta não, né Vanderlei?

Vanderlei Lima: Não. Só lateral. Athirson na cobrança.

Dirceu Maravilha: Ele já está se apresentando. Vai fazer a cobrança, trabalha pra Zé Roberto que vai dominar. Segura a bola Botafogo, é todo pressão. É bola do lado esquerdo, ele vai dominando. Três e dez! Segundo tempo, futebol da Record, a mil pelo Brasil! Tocou, armou, Fábio Brás vem de novo na defesa e a bola vai saindo da área. Direita. Outra vez é manual. Passe de bola novamente para a equipe do Botafogo que tá chegando, tá se apresentando.

Três e trinta. Segundo tempo de jogo. Zero a zero. O local é Pacaembu. Rádio Record, a mil pelo Brasil. É bola tocada, é bola lançada, é bola avançada. Gustavo Nery chegou, cortou, mas passou errado, a bola sobrou pra Leandro Guerreiro que abre a bola pra Joílson, dominou. Partiu pra Gustavo Nery, o gol não apareceu! Antecipou José Roberto!

Tá aí bola pra fora. Escanteio, Vanderlei Lima?

Vanderlei Lima: Escanteio providenciou a chegada do zagueiro e capitão corintiano Reinaldo. Estava esperando o rebote e não deu. Vem Lúcio Flavio na cobrança.

Dirceu Maravilha: Lúcio Flávio tá chegando, vai colocar a bola dentro da área grande do time do Corinthians que está apertando o Botafogo, o jogo é cá, o jogo é lá. **Aqui, o futebol é na Record!** Vampeta sai da marcação do Zé Roberto. Lúcio Flávio vai colocar a bola dentro da área, Finazi vem como zagueiro pra ajudar. É bola cruzada. É Fábio Brás de cabeça, testando e afastando, ninguém do Corinthians pra chegar na bola. Recua para o lado esquerdo Athirson, a bola é boa, é na linha lateral. É Juninho que tocou pra Athirson, sim, é bola cruzada, é bola na área, vai tentar, agora viajou. Ele viu que a coisa não tava legal, manda a bola pra fora, Vanderlei Lima, escanteio.

Dirceu Maravilha: Zero a zero! Zero Corinthians e zero também para o time do Botafogo no futebol da Record, a mil pelo Brasil! Olha o cruzamento, olha o lance de área, vai tentar com Finazi, a bola tá viajando. Aí cabeceando a bola, veio Renato, sobrou com Gustavo Nery, Renato tá em cima dele. Um bolão pra Everton, cruzou pra área, Finazi! Roger chegou primeiro, fez a defesa, Bruno!

A regularidade se percebe, também, na chamada de tempo e placar de jogo. Novamente, se observa o narrador se utilizando das mesmas construções frasais. Essa regularidade resulta na singularidade do sujeito narrador, que novamente se marca no que diz, e como diz.

Dirceu Maravilha: Toque toque da bola. Tic e tac do tempo na Record você fica sabendo o tempo e o placar do jogo. A Record vai marcando, você vai conferindo. cinco jogados, dez segundos no segundo tempo. Estádio do Pacaembu. Zero Corinthians, zero Botafogo. Rafael Spinelli.

Dirceu Maravilha: Toque, toque da bola, tic-tac do tempo. Na Record você fica sabendo o tempo e o placar do jogo. A Record tá marcando, você tá conferindo, estamos chegando com dezesseis jogados no segundo tempo, vinte e nove para terminar no Pacaembu. Refletores acesos. Estamos no final da tarde, daqui a pouco é noite, vai chegar nesse dezesseis de setembro de 2007.

Um momento interessante é o da marcação de um gol. O gol é o mais importante de uma partida de futebol. É um momento único, para jogadores, torcida e narrador. É o instante pelo qual trabalham praticamente todos os envolvidos no jogo. Para o narrador esportivo, não é diferente. Por essa razão, sua narrativa é diferente de tudo o que ocorre ao longo da partida. A emoção é transmitida com a ênfase que o lance requer, pois é isso que o locutor acredita que o ouvinte espera dele, naquele instante.

Dirceu Maravilha: Lulinha daqui a pouco, Lulinha vem. E aí, quem vai. Sabe quem vem? É o Betão! Botou na direita. Carlos Alberto. Agora vem. Agora vem gás. Agora vem, agora vem, quer ver? Olha o cruzamento! Vai marcar Everton! A bola quicou! Soltou, sobrou, Gustavo Nery chegou atrasado e não deu tempo. A bola volta com Joílson. Agora tem um buraco. Esse Joílson é ligeiro. A bola parece que cola no pé dele. Parece que tem imã na ponta da chuteira. Vira a bola pro lado esquerdo, tenta com Moreno, tá dominando, o tempo tá indo, vinte e sete, bola cruzada. Vem pra área. A bola é boa. Botafogo, e a bola vai ficar à direita, com Adriano, Adriano tenta a volta, voltou, dominou, Dodô achou um espaço. GOOOOOOOOOOOL!

Vinheta: Cadê o grito da galera?

Dirceu Maravilha: É do Botafogo! É de Dodô. Matador do Botafogo!

Música: Que bonito é, as bandeiras ...

Dirceu Maravilha: O ataque foi preciso, a bola veio pra área, Adriano achou Dodô. E Dodô na área sem marcação é caça! Ele dominou, ajeitou, girou, marcou o primeiro gol do Botafogo! E marca o seu décimo gol neste Campeonato Brasileiro. Dodô atacante cheiro de gol! Dodô atacante cheiro de gol, chegou livre. Ninguém na marcação, encheu o pé, bota pra dentro. E o Botafogo marca pela primeira vez no Pacaembu. Vinte e sete e trinta. Primeiro tempo no Pacaembu. Pra lá é do Dodô! Pra lá é do Dodô! Um Botafogo, zero Corinthians!

No momento do gol é possível observar que não é apenas a voz do narrador que dá o ritmo ao acontecimento. Há elementos verbais, como a vinheta “cadê o grito da galera”, e não verbais, como efeito sonoro, que se unem para a marcação daquele instante, durante a

transmissão esportiva. Efeitos sonoros, vinhetas e músicas são utilizadas para compor esse ponto do discurso, em especial. Porém, é a voz do narrador o elemento que mais se destaca por promover a compreensão junto ao ouvinte/interlocutor, como ressalta Moura ao afirmar que “a voz transfigura-se em personagem, ganha corpo e substância através dos sons que a representam” (2003, p.56). Mais uma vez, as escolhas feitas pelo narrador na hora do gol demonstram seu estilo. As frases são elaboradas sob a emoção daquele acontecimento, ao mesmo instante em que o narrador sabe que o torcedor quer saber com detalhes como foi a jogada que originou a marcação do gol. A descrição do lance ocorre, então, em meio à necessidade de se manter e, até, se recriar, segundos depois, a emoção do gol marcado há poucos instantes.

Em seguida, podemos analisar que diante da derrota parcial e provável do time que até então defendia, o narrador adota um discurso que vai do apoio à crítica. É um instante em que ele se une ao torcedor, na esperança de uma mudança de resultado, e em seguida na insatisfação pela incapacidade do time de reverter a situação adversa na qual se encontra, nos minutos finais da partida. Observemos, no recorte a seguir, os elementos em negrito que já foram analisados até o momento:

Dirceu Maravilha: É boa a presença do público feminino essa tarde no estádio do Pacaembu. Todo mundo aqui, com o radinho curtindo numa boa. Muito obrigado alguns amigos que estão ouvindo a nossa rádio Record, muito obrigado pelo carinho da audiência. Já passamos de **quarenta e quatro**. Estamos chegando com **quase quarenta e cinco**. E como é bom você estar no estádio, com seu rádio, ouvindo futebol. Mas ouvindo os mil da Record. Olha a torcida do gol de empate. **E eu continuo com o Corinthians ainda**. Daqui a pouco vai subir a placa de acréscimo. E vai ser longo. **A bola é dominada, vai tocando a bola, vai subir mais quatro**. É, a longa espera ainda para a torcida corintiana pro final do jogo. Ainda restando, portando, quatro minutos. **Vai Corinthians que eu quero é mais**. Ataca Corinthians. Tentou sair, acabou perdendo Everton. E a bola entra pro Botafogo. A bola passou. É só lateral. Tem pressa o time Corintiano. **Carlão! Carlão** dá a bola para **Betão**. **Betão** tava de costas. Fica de frente. Nada tá definido ainda, o estádio do Pacaembu. A esperança continua no ar. Daqui a pouco tem Juarez Soares, tem o China, daqui a pouco tem Lance Final! **Lulinha, Lulinha**. Tentou dar o primeiro, não conseguiu, toque. Acontece o corte, é bola pra fora. Bola rolada. Com Everton na cobrança do **manual**, domina Everton, alguém tem que vir perto dele, três em cima dele.

Dominou Lulinha, **lindo** toque, **linda** a volta, **lindo** momento, cruzamento, não vem o Everton, caiu sozinho outra vez. Não aconteceu nada e a bola fica na defensiva outra vez, no Botafogo. Dois pra terminar. **Quarenta e seis** vai marcando o eletrônico da nossa Record a mil pelo Brasil. Recupera Fábio Brás, boa bola. É fora de área, com Finazi, é matador, girou, preparou, fuzilou fraco demais. **Mais fraco do que coice de porco**. Chute horrível. Péssimo dos péssimos o chute de Finazi. **Quarenta e seis e vinte!** Segundo tempo no estádio do Pacaembu. A bola com Joílson. Joílson tá dominando. Joílson bateu a bola nos pés do Simon, sobrou pro Corinthians, com Lulinha, ele armou um bom contra-ataque com o árbitro. Rolou pra Everton, pode ser agora o momento da explosão do Pacaembu. Dominou, pedalou, ajeitou, preparou perna esquerda, fuzilou, bateu no Renato! Bateu no corintiano. É tiro de meta!

[...]

Dirceu Maravilha: Vai terminar o jogo no estádio do Pacaembu. Vai terminar o jogo no estádio do Pacaembu. A torcida não gostou. Vai terminar o jogo! Vai encerrar o jogo o árbitro! Um pro Botafogo, gol de Dodô, zero para o time do Corinthians. Quarenta e nove, zerou, apita o árbitro! Quem ganhou, ganhou. **Quem não ganhou, não ganha mais!** Aqui, ferve o povo. **Um trágico time do Corinthians! Um trágico time Corintiano! Perde o timão! Perde o timão!** Mais uma vez, um pro Botafogo e zero para o Corinthians!

4.2.2 Jogo Corinthians e Palmeiras

Assim como na análise da partida anterior, começamos pelos primeiros minutos de jogo. Com isso, é possível comparar se narradores e emissoras diferentes agem de maneiras semelhantes ou não neste primeiro período para manter a atenção do ouvinte/interlocutor.

Deva Pascovicci: Atenção ouvinte da Rede CBN, em todo o Brasil, vai começar o jogo aqui no Morumbi. Nesse momento, respeitando um minuto de silêncio. Já, já vem informação pra você ouvinte da rede CBN. Lembrando que você fique à vontade no site da CBN, www.cbn.com.br interage com a gente até as sete da noite hoje, até ou até depois do apito com Reinaldo Moreira, logo depois do futebol. Pois não André.

André Sanches: homenagem póstuma a Mário Bala, repórter da rádio transamérica aqui de São Paulo e também à dona Cirlei, mãe do atacante Edmundo.

Ao contrário da abertura feita pela rádio Record, por meio do narrador Dirceu Maravilha, a que foi feita por Deva Pascovicci foi menos apelativa do ponto de vista da suposta paixão do torcedor pelo seu time. Não houve a promessa de emoção, não foi firmado o contrato entre narrador e interlocutor, dentro do entendimento de Maingueneau (2004, p.69) de que há cooperação entre os participantes da interlocução e normas a serem seguidas.

Percebe-se também uma preocupação do narrador com o ouvinte, mas a tentativa de prender sua atenção se dá chamando-o a interagir com a equipe por meio do site da emissora.

Em seguida, a passagem para o repórter já demonstra que a narração pode ser mais centrada na informação do que propriamente no narrador. No entanto, essa afirmação pode não se confirmar, porque as condições de produção são diferentes, já que, nesta partida, o início do jogo foi marcado por um minuto de silêncio em respeito a duas pessoas que haviam morrido recentemente, um fato que requer a participação de alguém que possa esclarecer a quem se destinava a homenagem póstuma, no caso o repórter.

Deva Pascovicci: Autoriza o árbitro. A bola está rolando no Morumbi. – *efeito sonoro* – Prepare-se torcedor corintiano (rodapé), prepare-se torcedor palmeirense, começam as *emoções* de um grande clássico, extremamente importante na briga para o Corinthians fugir do rebaixamento e na briga do verdão, como disse o Caio ainda sonhando com o título e dentro de uma realidade entrar na vaga direto para a Taça Libertadores da América em 2007. Primeiros 45 minutos em andamento, é agora. Corre o time do Palmeiras pela direita, lançamento feito subiu de cabeça Betão toca de cabeça, a bola pinga ali pelo meio de campo, tentou Valdívia, não deu. Recupera o time do Palmeiras, vem com Makelelê. Valdívia se mandou, *arreprou*, dois do Corinthians em cima dele, tentou levar, nada, na bola. Pega a sobra Everton, passa pelo círculo central, vai fazer o lançamento. Aqui na CBN você vai conferir todos os detalhes de um jogão de futebol, o melhor som ambiente vai invadir o seu rádio e você vai interagir com a gente no www.cbn.com.br, olha o Everton pela meia esquerda, botou na frente foi derrubado, nada em cima dele, *lance legal*, a sobra do verdão puxa, busca jogo pela direita, tentou levar o Caio, é bom jogador, gosto do Caio hein, o Caio hoje vai ter liberdade, não vai ter obrigação de marcar, nem ele, nem o Valdívia, quem vai ficar com a marcação são os três volantes, o Pierre, Makelelê e Martinez. Você gosta desta liberdade para o Valdívia e o Caio, Biner.

Somente em um segundo momento, o narrador fala em emoção e tenta firmar o contrato com o ouvinte, mas percebe-se que, neste caso, não há a promessa de que a emoção está ligada diretamente à transmissão, à emissora.

O narrador de Corinthians e Palmeiras imputa emoção ao jogo, e não à transmissão. Ao dizer: “Prepare-se torcedor corintiano, prepare-se torcedor palmeirense, começam as emoções de um grande clássico”, ele repassa para a partida essa responsabilidade.

Assim como na primeira partida analisada, é possível perceber que as frases são curtas, sempre firmadas em verbo que indicam ação. A coesão e a coerência textual seguem, basicamente, com os mesmos padrões citados, ao abordar esse tipo de utilização como forma de dar ritmo à narrativa. Isso demonstra uma regularidade discursiva da narração esportiva no rádio que independe do narrador e constitui-se neste gênero discursivo. “Pega a sobra Everton, passa pelo círculo central, vai fazer o lançamento”. Nessa frase, os grifos marcam os verbos de ação, que se sucedem, dando o ritmo da narrativa, uma prática que se observa comum no trabalho dos dois narradores.

Enquanto na primeira partida analisada e transmitida pela Rádio Record, a figura do narrador impera sozinho durante o início do confronto, até que haja a intervenção do plantão esportivo, no jogo entre Corinthians e Botafogo, pela CBN, é o narrador quem solicita a participação dos demais membros da equipe. É o que ocorre no momento em que o narrador chama o comentarista para complementar o posicionamento que ele, condutor da jornada, defendeu, ao ocupar um lugar que não é dele, enquanto sujeito da enunciação. Como já foi dito anteriormente, o papel do narrador é descrever a jogada, as avaliações cabem ao comentarista.

Na frase: “é bom jogador, gosto do Caio hein, o Caio hoje vai ter liberdade, não vai ter obrigação de marcar, nem ele, nem o Valdívia, quem vai ficar com a marcação são os três volantes, o Pierre, Makelelê e Martinez”, ele está emitindo juízo de valor. Não cabe a ele esse papel, de dar opinião, dar juízo de valor, pois sua função é a de condutor da jornada, narrador. Dessa forma, ele está falando de uma posição que não ocupa, como explica Orlandi, ao citar Foucault.

Devemos lembrar ainda que o sujeito discursivo é pensado como “posição”entre outras. Não é uma forma de subjetividade mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito no que diz (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e pode ocupar todo o indivíduo para ser sujeito no que diz (ORLANDI, 2005, p.49).

Nesse caso, é justamente ao se apossar de uma posição que não é sua que o narrador cria um estilo, firmado pela opinião, uma alternativa aos que se marcam por meio da utilização de bordões e metáforas.

O recorte a seguir é uma demonstração de que mesmo apesar da figura central do narrador como condutor da jornada, pode-se diferenciar a transmissão pela proposta da emissora ou, até mesmo, pela postura assumida por este mesmo narrador, que abre espaço para que o ritmo seja ditado não apenas por ele, mas pelo encadeamento das participações de todos os integrantes da equipe.

Victor Birner: olha, eu acho que o Caio tem de marcar, Deva, porque você não pode abrir mão de três jogadores na marcação. Max vai auxiliar na saída de bola e nos cruzamentos na área do Palmeiras, o Valdívia é um péssimo marcador, por isso o Caio tem sim de auxiliar um pouco na marcação. Com o Caio o Palmeiras ganha um pouco mais de toque de bola, com o Luis Henrique o Palmeiras ganha um pouco mais de velocidade, um pouco de chegada à frente, foi a opção do técnico Caio Junior entrar com o seu xará, o Caio.

Repórter: Deva, o Caio é um jovem jogador de 22 anos, rápido, já tem quatro gols no Campeonato Brasileiro: entra sonora do técnico do Palmeiras: o Caio tem liberdade né, ele e o Valdívia têm liberdade pra jogar. Acho que são jogadores que você tem realmente que dar liberdade porque os dois têm o drible, têm a finalização muito boa e nós precisamos de jogadores que cheguem.

Victor Birner: se o raciocínio é esse, o melhor teria sido entrar com o Luis Henrique ao invés do Max e jogar com os dois abertos, jogar em velocidade, principalmente atuando nas costas do Iran que deve deixar uma avenida pro Palmeiras.

Nesse caso, a primeira fala do comentarista, a intervenção do repórter e o retorno ao comentarista se sucederam sem a participação do narrador, como se ele tivesse saído da cena de enunciação. Mas como não há a passagem pelo responsável por conduzir a jornada, cabe ao ouvinte/interlocutor identificar quais são as seqüências de fala. Para isso, ele tem de utilizar seu conhecimento a respeito da equipe esportiva, no caso ter de identificar os personagens que participam da interlocução pela voz, ou da posição de sujeito de cada um, comentarista e repórter, a partir das informações que emitem e da forma como o fazem.

Ao falar sobre um ataque do Palmeiras, o narrador descreve o lance da seguinte forma: “forte lançamento, vem bola pra frente, ninguém do Palmeiras, a bola fica fácil, aqui atrás.” Ao analisar a frase, pode-se considerar que o locutor esportivo supõe que o ouvinte entende que: “vem bola pra frente e a bola fica aqui atrás”, se refere ao fato de que a bola está próxima à cabine de rádio. A cabine seria o referencial de espaço. Uma frase que pode ajudar a criar na imaginação do ouvinte a figura do campo de futebol, o posicionamento próximo da bola em relação ao local onde o narrador se encontra. Essa questão de imaginação é, no rádio, ainda mais importante, pois a ausência da imagem obriga a criação do objeto na mente do ouvinte/interlocutor. É uma característica do rádio, bastante utilizada pelos locutores esportivos, na tentativa de criar a imagem mental do campo de jogo.

Para finalizar, o restante da transmissão ocorre de maneira linear. O narrador, além de se relacionar com o ouvinte, mantém um diálogo direto com os demais membros da equipe durante a partida. Ele descreve muito mais as jogadas, utilização pouco de metáforas, ou figuras de linguagem. Sem um slogan definido, ele se preocupa em dar ritmo à narração com a descrição direta dos acontecimentos no campo de jogo e a participação constante dos demais membros da equipe esportiva, como é possível constatar no trecho abaixo:

Narrador: Valdívia foi empurrado ali pelo meio, o mago, o jogo tá parado já bateu o time do Palmeiras a bola sobra pela esquerda Leandro vai subir. Ele parte pra cima da marcação, cresceu pra cima do Iran, é bom o toque, se mandou Betão, olha o Palmeiras chegando, Martinez, fluorescente a camisa do verdão, pra cima dele Martinez, botou na frente levou, vai fazer o lançamento, apertou Vampeta, vai com tudo pra cima do Martinez... Toque feito, a bola vai pra fora e a posse de bola é do time corintiano.

Deva Pascovici: Informação.

Repórter: o Martinez, que participou deste ataque já jogou 180 minutos de todas as partidas contra o Corinthians e tem 100% no clássico. Venceu por 3 a 0 no paulistão e por um a zero no primeiro turno do brasileiro.

Deva Pascovici: pois não Reinaldo.

Reinaldo Moreira: é, os outros jogos das quatro horas, todos em andamento. Náutico e Sport, Atlético Mineiro e Internacional, Juventude e Flamengo, bola rolando, zero a zero.

Deva Pascovici: Esse é Reinaldo Moreira que vai acompanhar todos os jogos em andamento, no futebol da rede CBN. Ó, Zé Augusto gritando lá, ó. Tá lá no banco. É pro Ailton aparecer. Lá vai Vampeta, lançamento feito,

colocou na esquerda, se mandou o time corintiano. Rosinei avança, pega a sobra pela esquerda. Linha de fundo, parou, vai lançar, balançou, colocou por baixo, Iran tá na área, bateu para o gol. A bola rolou, tentou Rosinei, afasta a zaga do palmeiras, a bola sai. Makelelê chegou, fez o corte botou a bola pra fora, saiu linha de fundo, é escanteio pro time corintiano. Gritando lá o Diego Cavalieri. A posse de bola é pro Corinthians, escanteio pra ser batido lá pela esquerda. Vai partir lançamento, vem bola pra grande área. Atenção torcedor corintiano, prepare-se pode pintar o primeiro gol. Bruno Otávio pediu lançamento quem é que sobe, Vampeta passa pela bola, não acha nada. A sobra é corintiana pela direita, já se mandou Rosnei tocou de cabeça, evita a saída pela direita, apertou pra cima dele, vai Makelelê, puxou Rosinei pela camisa. Oh, Rosinei, deu uma de malandro ali. Oliveira viu, não sei se ele viu. Eu acho que ele não viu não, porque se ele tivesse visto daria, certamente, cartão amarelo para o Rosnei que foi descarado ali, puxou pela camisa. Olha o verdão disparando, Max dominou. Lateral da área pela esquerda, vai entrar na área entrou, parou, dominou, lançou, colocou ali pelo meio. Afasta Betão, mal o Betão no lance. Deu uma espanada, pra gira, boa a bola pra fora, a bola sai.

Ainda sobre essa questão do ritmo narrativo, e relação que existe entre ela e os acontecimentos em campo, ressalta-se que o narrador, como já foi dito, é geralmente um autodidata e que na prática aprendeu o ofício que desempenha. Por conta disso, o início de carreira, quase sempre, é marcado pela observação de outros narradores e de outras práticas narrativas. É a partir dessa observação e das tentativas, com acertos e erros, que ele vai se constituindo como narrador. Logo, mesmo que não entenda, o discurso não é seu, é heterogêneo, pois possui as vozes daqueles que o constituíram ao longo dessa formação, como ressalta Mascia.

Ora, sabe-se, com base em Foucault, que há uma dependência intrínseca entre sujeito e discurso, um não existindo sem o outro. Sendo assim, se o sujeito se caracteriza pela dispersão, pela trama de vozes que o perpassam, não é possível conceber o discurso como homogêneo, já que o sujeito está inserido num tempo e espaço, socialmente situado. (2003, p.35)

Nesse segundo jogo, é possível perceber que o narrador faz escolhas diferentes das analisadas, anteriormente. Como já dissemos, há pouca utilização de jogo de palavras, slogans; a opção é por um posicionamento do narrador Deva Pascovicki diferente da adotada por Dirceu Maravilha. Enquanto Dirceu se constitui do sujeito da narrativa, Deva caminha

para além do papel de narrador e se apossa da figura opinativa, que deveria ser de responsabilidade exclusiva do comentarista, cuja função é emitir opinião, enquanto a do narrador seria, inicialmente, a de descrição das jogadas. Essa situação fica bem clara a seguir:

Victor Birner: Betão é jogo duro, hein.

Deva Pascovicci: O Caio tem liberdade, ele e o Valdívia tem liberdade pra jogar, acho são jogadores que você tem realmente que dar liberdade porque os dois têm o drible, a finalização muito boa, e nós precisamos de jogadores que cheguem.

Victor Birner: Se o raciocínio é esse, melhor teria sido entrar com o Luis Henrique ao invés do Max, jogar com os dois abertos, jogar em velocidade principalmente atuando nas costas do Iran que deve deixar uma avenida para o Palmeiras.

Diante da colocação feita pelo narrador, o comentarista também se posiciona. Há uma discordância de opiniões, mas não há enfrentamento de ambos, o que demonstra que apesar de se utilizar de uma posição que, inicialmente, não é sua, o narrador não chegou a causar qualquer tipo de prejuízo à transmissão. Dar opinião pode, portanto, ser vista como uma singularidade do narrador.

No recorte a seguir, temos uma prática que não foi observada na primeira partida analisada, mas que é recorrente na segunda transmissão: a utilização de entrevistas como parte do diálogo entre membros da equipe e os atletas, a partir de entrevistas realizadas antes do início da partida.

Deva Pascovitch: Esse é o futebol da rede CBN com muito mais informação e muito mais emoção para você! Eu estou achando interessante este duelo aí do Vampeta com o Martinez. Vampeta disse que ia comer um pouquinho, degustar um pouco e o Martinez respondeu:

Sonora do jogador Martinez: Ah! O Vampeta já, por tudo que ele fala, eu acho que ele é uma pessoa agradável, gente boa, todo mundo já conhece, tem amizade com ele, muitos jogadores têm amizade fora de campo também, então já, todo mundo já se acostumou com esse tipo de brincadeira e não tem nem como levar na maldade.

Deva Pascovitch: É, e não tem mesmo. Tem que levar na brincadeira para promover o espetáculo e só, né Birner?

Vitor Birner: É a fase do Vampeta, né? Se ele tivesse jogando em um time de ganhadores, se ele tivesse, em 1999, dito exatamente isso certamente o adversário se encheria de brios, ficaria irritado, daria uma resposta um pouco mais áspera. Como o Vampeta nesse momento, com todo o respeito, pra

quem já viu o Vampeta jogar, é digno de pena, o Martinez tirou sarro do comentário do jogador corintiano.

Nesse caso, a marcação não está centrada na figura do narrador, mas na estrutura narrativa da emissora e na equipe. Se no primeiro jogo, o sujeito é narrador, no segundo, o sujeito também pode ser entendido como o processo narrativo, a estrutura montada previamente e que permite que se utilize outros artifícios para dar ritmo à narrativa e garantir a audiência do ouvinte.

Deva Pascovitch: Doze e trinta e nove jogados agora primeiro tempo aqui no Morumbi. Vale a sua participação no www.cbn.com.br. Doze e quarenta jogados Lançamento vem do Felipe, bota na frente, vai tentar chegar aqui na frente, subiu o Finazi, tocou de cabeça, tá parado o jogo, falta marcada.

Falta favorecendo o time do Palmeiras, pelo meio do campo. Primeira vez, lançamento recente do Palmeiras. E o Verdão, utiliza esse uniforme no clássico. Utilizou apenas uma vez, no campeonato brasileiro, contra o Goiás, foi a estréia do novo uniforme e está jogando pela primeira vez em um clássico.

Olha o Max! Partiu pra cima do Brás, tocou na linha direita, levou caindo, tentou driblar, não passou, a bola sobrou pro Max, dividiu na direita, a bola sobrou pro Wendel, vai partir o Verdão, vai partir lançamento, vem bola pra área, ajeitou, dominou, entrou na área, escapou, girou, recuou.

Começa o Verdão, parte o Makelelê. Inversão de jogo, tentando aqui pela esquerda, bateu mal Makelelê, acerta este passe Makelelê, acerta este passe Makelelê, levou o time, dominou, entrou na área, colocou na esquerda, bate pra cima do Vampeta, vai bater pro gol, botou pra ele, insistiu, mais um drible, com um toque na frente, avançou e nada! Nada! Ele reclama ali com o Oliveira. O lance foi legal. A bola vem, Finazi tocou de cabeça, ajeitou na direita, dispara o time corintiano, foi derrubado o Rosinei. Mandou seguir o árbitro. Segue o jogo.

No recorte acima há um ponto que merece atenção. Se na análise anterior observou-se que nos momentos em que não havia perigo de gol para nenhuma das equipes, Dirceu Maravilha aproveitava a oportunidade para a utilização de frases de efeito, metáforas, slogans, deva Pascovitch utiliza os momentos mais calmos da partida para conversar com o ouvinte, chamá-lo à interagir com a equipe. É o momento em que ele pede para o ouvinte cessar o site. Ao dizer o endereço eletrônico, outro fator é explicitado: o público alvo da emissora. Pode-se analisar que o ouvinte da emissora é alguém que possui acesso à internet, que possui

conhecimento que lhe permite acessar o site da CBN. Essa questão cultural, quanto ao público alvo da emissora, também deve ser considerada ao se analisar o estilo mais sóbrio adotado por Deva Pascovich.

Vitor Birner: Foi falta.

Deva Pascovitch: Fez o toque. Foi falta Birner?

Vitor Birner: Foi falta.

Deva Pascovitch: Lá vem Verdão, lá vem Verdão, olha o Caio, passe sensacional, passou, lançou, Valdívia vai pra bola. Nada! Vai pro chão o chileno, pra mim o lance foi normal.

[...]

Deva Pascovitch: Já conhece muito bem o Everton, o Everton tá discreto no jogo hoje aqui, o Ailton também, já, já o Birner vai dizer o que tá acontecendo taticamente no jogo, nas duas equipes. Mas o Palmeiras é melhor, já, já o Birner fala. Vai fazer lançamento, parou, prendeu, segurou, cresceu pra cima da marcação, vai por baixo! Mais um toque e bota a bola pra fora. A bola sai! Arremesso! Vai o Verdão, fala aí, Felipe. Caio Junior também gritando no banco do Palmeiras ali. Está gritando o tempo todo o Caio. Vai ficar rouco o Caio Junior hoje. Faz o toque na frente pra Valdívia, lançamento feito pelo vão da área, tranqüilo! Afasta Felipe, toca na bola mais uma vez, olha o Everton, olha o Everton, dispara o time pela direita. **Vai Everton! Vai Corinthians!** Vampeta passa tocando a bola, avança Vampeta, Martinez vai colar em cima dela, olha o Vampeta, grande jogada em cima do Martinez, vem lançamento, tentou! Fechou a bola foi direto no Diego Cavalieri ele fez a defesa!

A partida transmitida pela CBN envolve duas equipes de São Paulo. Diante disso, observa-se que o narrador adota uma postura imparcial. Não há um incentivo de forma acintosa para esta ou aquela equipe. Não há um posicionamento do narrador, uma demonstração de simpatia por nenhum dos dois times. Mesmo na frase em negrito, “Vai Everton! Vai Corinthians!” é muito mais uma forma de relatar o ataque do jogador corintiano do que propriamente um incentivo.

Deva pascovicci: O Wendel tem uma preocupação ali com o Everton.

Wendel: Já, já joguei contra sim, jogador de qualidade, né? Tem que estar sempre atento ali, porque ele pode decidir alguma partida.

Deva Pascovitch: Tá aí, Tem qualidade, sabe do Everton, pois não, informação na Rede CBN.

Novamente o narrador se utiliza de uma entrevista, ou de uma frase dita por um atleta, para ocupar o espaço em que não há perigo de gol para nenhuma das equipes. Esse momento é uma relação direta entre o que está ocorrendo em campo e o que decide o narrador em relação ao que dizer naquele momento. Não é uma questão de estilo lingüístico sob o ponto de vista de utilização da oralidade pelo locutor, mas a utilização das entrevistas como forma de compor o discurso narrativo da emissora analisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrações esportivas constituem um gênero discursivo, que faz parte do gênero do discurso radiofônico. A sua formatação segue regras definidas, quanto à participação e envolvimento de toda a equipe esportiva, ao longo da transmissão. Com papéis definidos por meio das funções que desempenham, cada um se encontra na cena enunciativa em conformidade com aquilo que se espera dele, enquanto sujeito que ocupa um lugar específico, e de onde realiza o seu discurso.

O ouvinte, ao acompanhar a transmissão de futebol pelo rádio, espera que cada um de seus interlocutores cumpra com o papel para o qual se dispôs, ao assumir a função que desempenha naquele momento, seja ele narrador, repórter, plantonista, ou comentarista. Se de cada um, o ouvinte/torcedor espera um discurso condizente com o lugar que ocupa. Seus dizeres, por mais únicos que possam acreditar seus realizadores, são atravessados por outros discursos que os antecederam, instante em que ocorre chamado esquecimento ideológico, que é o que permite que cada um se veja como senhor do que diz (Orlandi, 2005). Nesse processo de esquecimento, o narrador, por exemplo, entende que é dele a definição da ordem de fala dos demais membros da equipe, já que é ele o comandante da jornada esportiva. Porém, é o discurso da narração esportiva que determina a ordem de participação, seguindo a importância do que deve ser dito, diante da importância do que acontece, no exato instante em que um fato ocorre em campo.

O papel social de cada um na narração esportiva pode ser visto como determinante para o entendimento do discurso que é apresentado pelo rádio, durante as jornadas esportivas. Afinal, se o rádio é relacionamento, foi a relação entre os participantes dessa interlocução que esperamos tenha sido um dos fatores possíveis de compreensão com este trabalho.

Ao entendermos os realizadores da interlocução como sujeitos conhecedores dos códigos utilizados, e da forma como são utilizados, podemos compreender ação e reação,

atitude e resposta, a partir daquilo que a Análise de Discurso permitiu observar como processo de criação de discurso e formação de sentidos.

Sabedores dos fatos que ocorrem durante uma partida de futebol, da relação entre jogadores, visão espacial do campo de jogo, narrador e ouvinte conseguem realizar a interlocução, há interação. Cada lance de perigo narrado por aquele que tem a função de descrever as jogadas é entendido pelo interlocutor a partir das emoções que são criadas por quem descreve. A interação acontece quando a resposta ocorre, mesmo que haja a ausência da comunicação face a face. Em um momento de perigo de gol, a elevação do tom do voz do narrador, o aumento da velocidade da fala, são fenômenos que provocam reações no ouvinte, seja ansiedade pelo gol que está por vir, se for a favor do time pelo qual torce; seja medo de que a oportunidade se concretize em gol, contra seu time. Nesse ponto, chamamos a atenção da intencionalidade quanto à utilização do pronome possessivo seu. O torcedor entende o time de futebol como algo dele, como se ele fosse participante do clube, do time e do jogo. Essa relação pode ser estendida para a transmissão da partida. O ouvinte, ao escolher uma emissora para sintonizar, e um locutor para acompanhar entende aquela transmissão como se fosse para ele, algo além da individualidade que o veículo permite, é uma questão de exclusividade e até de posse. É possível entender que narrador compartilha desse sentimento. A forma como conduz a jornada, como se refere ao ouvinte, a relação que tenta criar, sempre que possível, deixa clara a tentativa de destinar ao seu interlocutor a importância que ambos, narrador e ouvinte, acreditam que ele possui.

Para todos esses momentos e na busca da interação com ouvinte, o narrador utiliza-se de ferramentas já estabelecidas pelo gênero do discurso transmissão esportiva, como slogans, vinhetas, efeitos sonoros e frases específicas. O imprevisto acontece, mas há marcações definidas, há regras seguidas. Nessa relação entre o preestabelecido e o imprevisto é que o narrador se marca como sujeito. Há as escolhas e é a partir delas que ele consegue se impor.

Sua singularidade se materializa no instante em que se permite utilizar a subjetividade para definir o que e como dizer algo.

Podemos entender que o narrador se preocupa com a imagem que cria para seu ouvinte, a partir das frases que diz. Essa questão vai além da intenção de garantir a audiência para a emissora, vai à busca de fidelizar o ouvinte com o seu discurso, seu dizer, seu estilo. É inegável que cada narrador, mesmo diante das regras existentes e impostas pelo gênero discursivo radiofônico, se impõe como sujeito da narrativa, e que tal imposição pode ser sentida como forma de se realizar como profissional. É algo que vai além do cumprimento da função, é mesmo uma questão de realização.

Esperamos que essa pesquisa tenha conseguido cumprir como o objetivo de permitir o entendimento de como ocorre a formação desse gênero discursivo e, principalmente, .o papel desempenhado pelo narrador esportivo de rádio e sua função como agente desse processo de interação pela linguagem e pelo discurso.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, E. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2005.
- CABELLO, A. R. G. A expressão verbal na linguagem radiofônica. In: Del Bianco, Moreira (Orgs.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: UNB, 1999.
- CASTRO, S. T. R. Prefácio for. In: GALVÃO JÚNIOR: **Ações teóricas e Práticas de Lingüística Aplicada e de Comunicação Social**. Taubaté: Papel Brasil, 2003
- _____. Apresentação for. In: Castro S.T.R.: **Pesquisas em Lingüística: Aplicada: Novas Contribuições**. Taubaté. Cabral, 2003.
- COSTELLA, A. **Comunicação: do Grito ao Satélite**. Campos do Jordão: Matiqueira, 1984.
- DUARTE, O. Rádio Esportivo: sempre Transmitindo Emoções. **Revista USP: 80 Anos de Rádio**, São Paulo, SP, p. 30-35, 2002/2003.
- FERRARETTO, L. Ar. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.
- _____.; KOPLIN, E. **Técnica de redação radiofônica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1992.
- GIRALDELO, Claudete M. **Leitura, subjetividade e singularidade**. PASCHOAL-LIMA, Regina C. de C. (org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob.
- JUNG, M. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Termos chaves da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MASCIA, A.A. Márcia. **Investigações na Pós-Modernidade: uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional em língua estrangeira**. Campinas, SP. 2003.

MOITA LOPEZ, L. P. **Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social dos processos de ensino-aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercad das Letras 1996.

MONTEIRO, R. L. Linguagem radiofônica: uma interação entre o escrito e falado. In: GALVÃO JÚNIOR, L. C. (Org.). **Ações teóricas e Práticas de Lingüística Aplicada e de Comunicação Social**. Taubaté: Papel Brasil/ Unitau, 2003. p.29-48.

MOREIRA, Sonia Virgínia. A porção Carioca do Rádio Brasileiro. **Revista USP: 80 Anos de Rádio**, São Paulo, SP, p. 42-47, 2002/2003.

MOURA, J. J. R. O não verbal como argumentação no enunciado radiofônico. In: GALVÃO JÚNIOR, L. C. (Org.). **Ações teóricas e Práticas de Lingüística Aplicada e de Comunicação Social**. Taubaté: Papel Brasil/ Unitau, 2003. p. 49-62.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso, princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PORCHAT, M. E. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo: Ática, 1989.

SCHINNER, C. F. **Manual dos locutores esportivos**. São Paulo: Panda Books, 2004.

SERRANI, S. **Discurso e cultura na aula de língua**. Campinas: Pontes, 2005. SOARES, E. **A bola no ar**. São Paulo: Summus, 1994.

TAPARELLI, C. H. A. A evolução tecnológica do rádio. **Revista USP: 80 Anos de Rádio**, São Paulo, SP, p. 16-21, 2002/2003.

AUTHIER REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativas(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 25-39. 1990.

Outras fontes

Internet

HISTÓRIA, CBN. Disponível em:
<http://cbn.globoradio.globo.com/cbn/institucional/historia.asp>, acessado em 15 de março, 2008.

RÁDIO RECORD. Disponível em: <http://ww.radiorecord.com.br>, acessado em 15 de março de 2008.

ANEXOS

Transcrição dos jogos

Corinthians X Botafogo - 16 de setembro de 2007

Narração: Dirceu Maravilha - Rádio Record

1º tempo

Dirceu: Este é o futebol do Brasil na Record e nós vamos para noventa minutos de muita emoção no seu rádio. Muita emoção para você conferir. Será que vai dar Corinthians? A galera vai comigo curtir Corinthians e Botafogo, Botafogo e Corinthians, aqui com Paulo Roberto, nosso Bruno Mendonça, Vanderlei Lima, cobrindo toda a rodada do Campeonato Brasileiro. Quatro da tarde mais quatro minutos, no horário do Brasil. Quem vai começar o jogo no estádio do Pacaembu é o atacante Finazi, perto dele também esta Arce. Bola rolou!

Vinheta: Se for pro Gol, me chama que eu vou!

Dirceu: De novo!

Vinheta: Se for pro Gol, me chama que eu vou!

Dirceu: Bola rolando no estádio do Pacaembu, Botafogo tem a bola com Arce, que sai lançando a bola para lateral. Bola longa e bola não chega. A bola passa. É lateral para o time do Corinthians.

Arremesso já foi cobrado. Corinthians vai tenta chegar a bola com Arce. Parou, ajeitou e que tentou gerar passagem e não consegue. A bola fica atrás. Tentou passar para a esquerda.

Estava pedindo ali Batista e faz sinal de positivo. Está todo de bem com a vida. É bola certa. Lateral direita. Lateral ali favorável para o time do Corinthians. Arremesso cobrado, a bola lançada pelo Irã. Não encontra ninguém do time do Corinthians. A bola passando reto.

Bola rola com Finazi, olha do lado esquerdo, a chegada boa do centroavante corintiano. A bola fica com Joílson, no peito, ele lança a bola para o contra-ataque com o pé direito, passe errado, recupera pelo time do Corinthians. Chegou cortando Fábio Brás, a bola chegou na frente de novo para o timão, jogada boa, vem Corinthians, saí pro gol. Arce bailou, dominou,

Bruno encostou, uma volta, duas voltas, a fita no Renato, a fita no Joílson. Renato fica com a bola, tirando a falta Renato Silva. E Bruno encosta. Bola entregue para Gustavo, bola para Betão, dominando Fábio Brás.

Começo de jogo bola rolando no Pacaembu. Você vai comigo a mil pelo Brasil. Jogo do time corintiano. Bola lançada no contra-ataque e não acontece nada e vai seguindo aqui na lateral. gol aonde Rafael Spinelli?

Rafael Spinelli: Gol contra do Paraná. Sport um Paraná zero. Beto marcou contra.

Dirceu: Já estamos chegando. Com um e quarenta, e jogadas do timão. Placar é zero a zero. Sobra bola na esquerda. Alex vai cortar, a bola sobrando para o ataque para Gustavo. Gustavo dominando, chuta a bola para Finazi. Não está mais comigo. Rolando para o ataque. Gustavo vai lá. Quase! Não deu tempo de chegar na bola. Ele marcou falta, Bruno Mendonça?

Bruno Mendonça: Foi falta em cima do jogador Leandro Guerreiro na jogada. Chegou um pouco atrasado Gustavo Nery.

Dirceu: Este é o futebol do Brasil na nossa Record. A diferença pra você conferir com a gente! Aqui Record, vai o show do Brasil e, lá em baixo, dose tripla.

Bate na bola o goleiro do Botafogo, bola lançada na intermediária, subiu ali Carlão para tentar cabecear, bola desviada, subiu o time do Botafogo, joga e aparece, volta para Gustavo. Gustavo dominando, tenta sair, vai apertando, no calcanhar, a bola com Dodô, ajeitou, tentou fazer a passagem, tentou enfiar pelo meio, bota marcação e volta para Vampeta. Fábio Brás no lance, mas o árbitro está parando, está marcando o que? Bruno é do contra-ataque do Botafogo?

Bruno Mendonça: Exato. Falta em cima do Dodô. Dois jogadores do Corinthians na marcação, quando ele tentava se livrar, o Leandro Guerreiro vai pra bola.

Dirceu: E ele já dá um chapeuzinho na bola. Só lançou na direita. Esse Joílson é ligeiro. Passe lá em cima dele. Joílson! Hilmar e bola desviada. É lateral para o time do Botafogo.

Lá vem o time corintiano, bola para Gustavo. Bola para Airton não está mais com ele. Lançamento lá na direita, vai tentar o time do Corinthians, Vampeta marca a bola, lança, vem para o contra-ataque, passa pelo Irã. Ajeitou, dominou, rolou para Ailton, fora da área.

Dominou com a perna esquerda, tentou jogar para perna direita, cruzou, bateu, sobrou na cobertura e para a saída de Roger, fácil para fazer a defesa. Já passamos de três e chegamos a quase quatro jogadas do futebol da rádio Record.

É bola para Reinaldo, em cima dele está chegando Carlão, apertando a marcação, domina o time corintiano, lança bola, vai tentar com Gustavo. Vamos lá Corinthians que eu quero é mais. Se for pro gol timão, me chama que vou! Airton desviou, a bola lançada, chegou com Arce, ele pisa na bola, esquece a bola, perde instrumento de trabalho. Sobrou na direta com Irã, tentou com Finazi. Finazi vai marcar, bateu!! Pra fora!!! Renato Silva deu uma titubeada, a bola ficou açucarada pra Finazi, bateu pra fora, Vanderlei Lima.

Vanderlei: Que vacilo do zagueiro. Renato Silva e, por último, o capitão Juninho. Ficou livre o zagueiro do Corinthians só que o chute não saiu legal. Grande chance perdeu o timão.

[...]

Dirceu: Este é o futebol do Brasil! Grande Valter. Valter Caetano, grande companheiro, grande amigo, grande irmão. Está vindo lá do Guarujá com a Dona Ida, está aí com as filhas numa boa, curtindo, enfim, todo mundo a mil pelo futebol do Brasil. Muito obrigada! Aí de bem com a vida ouvindo o som da Record. Todos ouvindo o futebol da Record. Eu quero é mais!

Placar zero a zero. Arremesso vai ser cobrado, Joílson está chegando, lança para José Roberto, ele parou, ajeitou, dominou, tentou fazer o passe, não consegue, obrigado a recuar a jogada. Vem Juninho, Juninho está carregando pro contra-ataque, tabelou, abriu, Lúcio preparou, ajeitou, segura a bola, tenta fazer a volta, por dentro, de um toque na bola, fechou. Apenas acompanhou a bola na saída de fundo.

Toque-toque na bola, tic-tac na Record, aqui você fica sabendo o tempo e o placar do jogo.

A Record vai marcando e você vai conferindo comigo, faz a diferença pra você, quase treze, futebol para fazer a primeira. Vampeta! Arranca Vampeta! Vamos embora, Finazi tocou errado a bola. Agora a chegada do Alex. Cortou, alivia a bola com José Roberto, a pressão corintiana, com Vampeta, dois em cima dele! Aconteceu a falta! Caiu jogador do Botafogo e a bola parou nesse primeiro tempo. Zero Corinthians, zero Botafogo.

[...]

Dirceu: estamos chegando com quase quinze jogadas. Este é o futebol da Record. Placar zero a zero. Vai chegando Vampeta, pega na bola, vai lançar a bola, a bola viajou, cai com Arce, olha que a bola vai sair. Dominou, bailou, ganhou, segurou, prendeu, partiu, passou, a bola ficou na cobertura. Alex vai cortando com a perna direita. Olha ambos os times estão muito melhores, estão mais acesos, tentou cada um, com Nery, vai saindo a bola com Dodô, saiu Reinaldo, abriu, foi para o contra-ataque o Botafogo. A bola fica para Gustavo, dominando, gira, o Corinthians tentou fazer a volta, vem Leandro. Opa! Aí virou briga de tapa, heim Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça: E leva cartão amarelo! Vai levar cartão amarelo Gustavo Nery. Pelo menos demonstrou isso ao colocar a mão no bolso. Agora chama o jogador do Botafogo José Roberto e Gustavo Nery. Parece que não vai ter cartão, vai ficar só na conversa, como é que é Simon? Está dando uma bronca pesada nos dois, viu Dirceu.

Dirceu: E já estamos chegando, com quase dezesseis jogadas do timão. Futebol da Record! Eu quero é mais! Joílson dominando, vai tentar na diagonal, tentou fazer o toque, não consegue. Cobertura do Carlão, dominou, sai jogando a bola, Ailton, Ailton vai dominando, ele que está começando hoje, pela primeira vez, com a camisa do Corinthians, fazendo a sua estréia no time do timão. Vampeta! A bola com Vampeta, vai tocar, Carlão vai pedir. O árbitro mandou seguir, mas não seguiu mais.

Carlão deu uma pegada meio pesada, heim, Bruno Mendonça?

Bruno Mendonça: É o Joílson é muito rápido, se apresentou, chegou primeiro que o Carlão e com um carrinho o jogador do Corinthians atingiu o atleta do Botafogo. Carlão, camisa trinta do Corinthians.

Dirceu: O tempo está indo, viu. Estamos chegando com dezesseis e trinta jogadas do Corinthians, futebol a fase primeira. Mauricio de Souza! Grande talento também curtindo o futebol da Record. Muito obrigado, obrigado na audiência do futebol da Record. Estamos chegando com dezesseis e trinta jogados do timão, fase é primeira, aqui o placar é zero a zero. Ele vem pra bola, faz a cobrança Joílson, vai tocando, vai armando Reinaldo, vai pedindo abertura, fez a bola pro Carlão, Dodô protegeu, girou, fez ali a parede, Carlão por baixo. O árbitro vai marcar! Falta na entrada da área!

Falta na entrada da área, por muito pouco não acontece um pênalti, Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça: o Dodô reclamou com o árbitro, rapidinho mostrou ali o gramado, onde foi atingido, declarou que a um passo realmente da grande área. Falta muito perigosa, o Botafogo tem jogadores de talento nesse quesito, Lúcio Flávio, por exemplo, já está ajeitando a bola, tem também o Adilson e o Marcelo preocupados.

Dirceu: É foi pênalti, viu. Do alto aqui, me parece que foi dentro da área. Foi pênalti até bem claro.

[...]

Dirceu: Lúcio Flávio está chegando, acompanhando, ele vai ser obrigado a dar o toque, José Roberto, preparou cruzamento, a bola de área é perigosa, fez o Reinaldo. A bola vai sendo tirado pelo jogador do Corinthians, tenta a volta com Ailton, perdeu, tenta a bola com Joílson, Joílson partiu pro ataque, Carlão ficou na roda, Reinaldo tenta a sorte. Esse Fábio Brás é daquele de dá em doido, heim. Fez um toque, a bola chegou firme, a bola passou, saiu. É lateral favorável a equipe do Botafogo.

[...]

Dirceu: Passa a bola para Betão, bola viajando, no circulo central, ganha a bola, já vai dominar Lúcio Flávio, chegando à área, vai apertar, a bola é boa!

Vai tabelando com Reinaldo, vira de lado a lado, José Roberto chegando na área, vai fazer a batida e é obrigado a parar a bola, recua atrás da bola, toca pra Joílson. Joílson vem, aí chegou Fábio Brás, pé direito, bola passou. Vai subir Finazi, vai tentar contra Juninho, vai ajeitando, chegando na intermediária. Arce vai tentar, tentar chegar na bola, José Renato, volta a bola pra Roger, ele que já deu uma rodada boa, São Paulo, Portuguesa, começou no Flamengo, estava no Santos e hoje estréia no time do Botafogo.

No seu rádio você imagina, o time do Corinthians ataca o time do Botafogo O Tempo? O tempo mudou. Agora vinte e quatro. Mudou o tempo. O Sol foi embora. A bola voltou, José Roberto habilidoso, dominou, ajeitou, dispara uma bombada!! Foi embora. Perdeu gol certo José Roberto, Fábio Mendonça?

Fábio Mendonça: Foi bonita a jogada. Uma tabela com o jogador Reinaldo, José Roberto atirou sozinho na área, mas quando atravessou veio Marcelo, que acabou se chocando com o

Carlão. Fica caído o jogador do Corinthians. O zagueiro está sentindo a perna esquerda e o Marcelo também com problemas na caída o goleiro do Corinthians, Dirceu.

[...]

Dirceu: E a bola já é lançada, na frente a bola para o Dodô, bola do lado esquerdo, agora com José Roberto, encaminhou, ele driblou, deu um drible tão desconcertante que ele próprio caiu. E a bola saiu na área esquerda, lateral favorável para a equipe do Corinthians. Na marca de trinta e um, quase trinta e dois jogados de futebol desta primeira fase. Placar é zero a zero.

É ataque do time do Botafogo, sobe para Gustavo, Gustavo está buscando, vai puxar o time do Corinthians, a bola pra Gustavo, a jogada é boa. Se meteu Arce, ele foi tentar com Finazi, rolou, pintou gol, perdeu, obrigado a sair com a bola. Sabe o que acontece, ele demorou para fazer a batida então perdeu ângulo, perdeu a chegada do tempo da bola.

A bola lançada no contra-ataque, e vem de novo, rola a bola pra direita e vira pra Vampeta, vai tentar mais atrás agora com Fábio Brás, vai descendo e o tempo está indo. Pra você que ligou o rádio agora aqui no Pacaembu, placar zero a zero. Vem Betão. Betão carregou, ajeitou, balançou, a bola é boa, vai tentar com Arce, a bola não chega. Chegou primeiro Alex. Ele tira errado a bola, pinta no meio, vem Vampeta no time do Corinthians vira a bola para o outro lado, toca a bola para Gustavo, o Irã pediu outra vez na área, toca a bola pro contra-ataque, agora com Arce, dominando a bola, solta a bola para Gustavo, Renato está tentando, se meteu. Ganhou, ajeitou, tocou de lado! Uma bombaça! [...]

Dirceu: Trinta e quatro jogados. A fase é a primeira. Futebol é do Brasil. Está chegando Ailton, vai colocar na área, Finazi está lá, Gustavo já chegou e o Fábio também veio. Olha o Carlão! Fazendo a jogada, a chance do gol pra acontecer, a bola está valendo, subiu Carlão, não vai chegar. Vai chegar Fábio Brás, que bombada! Que paulada! A bola pra fora. Escanteio Vanderlei Lima?

Vanderlei Lima: Chute forte e o último a tocar na bola foi o Leandro Guerreiro. O Roger ia pra bola. Escanteio! Ailton na cobrança.

Dirceu: Ailton vem para bola. Não tem favorito. Vai Corinthians que eu quero é mais! Eu to sentindo o cheiro do gol Vem! Vem! Vem! Bola cruzada vem pra Arce, chegou Leandro Guerreiro, a bola passou, bola para Arce, vem pro time do Corinthians, pra BV Financeira que tem dinheiro na hora pra você.

Fábio Mendonça faz a diferença!

[...]

Dirceu: Cruzamento de área, a bola viajou, a chance do Dodô! Cabeceou certo pro chão, subiu, foi bolaça, por pouco não acerta o gol, Bruno!

Bruno Mendonça: E o Gustavo Nery que estava na marcação, discute com o Bruno Otávio, reclama porque ninguém marcou na presença de Dodô, que apareceu livre pro cabeceio, cabeceou, cabeceou no chão, ela subiu demais. Tiro de meta pro Marcelo.

Bruno Mendonça: Foi falta em cima do jogador Leandro Guerreiro na jogada. Chegou um pouco atrasado Gustavo Nery.

Dirceu: Este é o futebol do Brasil, da nossa Record. A diferença é pra você conferir com a gente! Jogados: 10. Futebol, a fase é a primeira. Aqui Nilton Motas vai fazendo o som do Brasil e lá em baixo, nosso João Melão, nosso Binho, também. Vai pela bola o goleiro do Botafogo, a bola lançada na intermediária, subiu pra tentar o cabeceio, a bola foi desviada, volta a bola na meia. Subiu o time do Botafogo, joga e aparece, bola do lado esquerdo, vai tentar partir para o cabeceio, rápido volta para Gustavo. Gustavo ta dominando, tentar sair, vai apertando, a bola ficou no calcanhar, dominou, tentou, rola, pára com Dodô, Dodô ajeitou, se mandou, tentou fazer a passagem, tentou enfiar pelo meio, forte a marcação, o time apertou com Vampeta. Fábio Brás também tava no lance, agora também ta parado, o árbitro está marcando o que? Bruno acompanha o ataque do Botafogo.

Bruno Mendonça: Exato. Pegou a falta em cima do Dodô. Dois jogadores do Corinthians na marcação, quando ele tentava se livrar o Leandro Guerreiro vai pra bola.

Dirceu: E ele já dá um totózinho na bola. Só lançou na direita. Esse Joílson é ligeiro. Passe lá em cima dele. Joílson! Hilmar e bola desviada. Saiu na ala direita. **(propaganda)** Dominou o time corintiano, a bola prá Ailton, Ailton dá a bola pra Gustavo, Gustavo volta a bola pra Ailton, não está mais com ele. Toca a bola na meia. Lançamento é na direita, vai tentar o time do Corinthians, Vampeta marca a bola, lança, vem para o contra-ataque, tá descendo o Iran. Ajeitou, dominou, rolou para Ailton, fora da área grande. Parou, dominou com a perna esquerda, tentou rolar para perna direita ali, cruzou, bateu, na chegada do próprio Martin.

Sobrou na cobertura, tranqüilidade absoluta para a saída de Roger, saiu fácil para fazer a super defesa. Já passamos de três, estamos chegamos com quase quatro jogadas do futebol, a fase é a primeira, o local é Pacaembu, a rádio é Record.

É bola pro ataque, bola prá Reinaldo, em cima dele tá chegando Carlão, apertando a marcação, domina o time corintiano, Carlão domina, lança bola na esquerda, vai tentar com Gustavo. Vamos lá Corinthians que eu quero é mais. Se for pro gol timão, me chama que eu vou! Airton dominou, a bola desviada, chegou com Arce, ele pisa na bola, esquece a bola, perde instrumento de trabalho. Sobrou na direta com Iran, tentou com Finazi. Finazi vai marcar, bateu!! Pra fora!!! Renato Silva deu uma titubeada, a bola ficou açucarada pra Finazi, bateu pra fora. Vanderlei Lima.

Vanderlei: Que vacilo do zagueiro. Renato Silva e por último o capitão Juninho. Ficou livre Finazi, o zagueiro do Corinthians, só que o chute não saiu legal. Grande chance perdeu o timão.

[...]

Dirceu: Este é o futebol do Brasil, da Record! Grande Valter. Valter Caetano, grande companheiro, grande amigo, grande irmão. Está vindo lá do Guarujá com a Dona Ida, tá com as filhas numa boa, curtindo, enfim, todo mundo a mil pelo futebol do Brasil. Muito obrigado! Aí, de bem com a vida, ouvindo o som da Record. Valter, também gostou do futebol da Record. Eu quero é mais!

12 jogados. Futebol, a fase é a primeira, o placar é zero a zero. Manoel que cobra essa, equipe do Botafogo, arremesso vai ser cobrado, Joílson está chegando, lança a bola para José Roberto, ele parou, ajeitou, dominou, tentou fazer o passe, não consegue lançar a bola, fica obrigado a recuar a jogada. Trabalha agora com Juninho, Juninho ta carregando, vem pro contra-ataque, carrega a jogada, rolou, abriu, Lúcio Flávio, preparou, ajeitou, não disparou, segura a bola, tenta fazer a volta, por dentro, de um toque na bola, e não fechou. Olhou, apenas acompanhou a saída da bola na linha de fundo.

Toque - toque na bola, tic-tac no tempo da Record, você fica sabendo o tempo e o placar do jogo.

A Record vai marcando, você vai conferindo comigo, tá na mesa, faz a diferença pra você. Tempo do jogo: jogados, quase treze. Futebol, a fase é a primeira. Vampeta, arranca Vampeta. Vamo embora, tentou com Finazi, quando tocou, tocou errado a bola. Atrás da bola, a

chegada do Alex. Cortou, alivia a bola com José Roberto, a pressão é corintiana, Vampeta ataca, ta com dois em cima dele! Aconteceu a falta! Caiu jogador do Botafogo e a bola parou. Treze! Primeiro tempo. Pacaembu. Zero Corinthians, zero Botafogo. Spinelli.

[...]

Dirceu: estamos chegando com quase quinze jogadas. Futebol, esta fase é a primeira. Este é o futebol da Record. Placar zero a zero. Bola parada. Vampeta. Vai chegando, vai bater na bola , vai lançar a bola mais a frente, a bola viajou, vai cair com Arce, olha, olha que a bola vai sair. Dominou, bailou, ganhou, segurou, prendeu, partiu, passou, a bola ficou na cobertura do Alex vai cortando, vai tirando com a perna direita. Olha o Vampeta, agora t mais aceso, tentou, tenta um com Nery, tentou, mas perdeu para com Dodô. Dodô recolheu, Reinaldo abriu, carregou e dá-lhe contra-ataque, dá-lhe Botafogo. A bola fica para Gustavo. Gustavo tá dominando, gira, vem a bola do meio, Corinthians tentou fazer a volta, perde a bola por Leandro. Leandro faz o giro da bola, opa! Aí virou briga de tapa, hein, Bruno Mendonça?

Bruno Mendonça: E leva cartão amarelo! Vai levar cartão amarelo Gustavo Nery. O Simon pelo menos demonstrou isso, ameaça aí colocar a mão no bolso. Agora chama também o jogador da equipe do Botafogo, Zé Roberto e Gustavo Nery. Parece que não vai ter cartão, vai ficar só na conversa, como é que é Simon? Tá dando uma bronca pesada nos dois, viu Dirceu?

Dirceu: E já estamos chegando, Bruno, com quase dezesseis jogadas do timão. Essa é a fase primeira. Obrigada a você que mudou para os mil do futebol da Record! Eu quero é mais! A bola com Joílson, dominando, vai tentar na diagonal, tentou fazer o toque, não consegue. A cobertura é do Carlão, Carlão ta dominou, sai jogando a bola com Ailton, Ailton vai dominando, ele que está começando hoje, pela primeira vez com a camisa do Corinthians, fazendo a sua estréia no time do timão. A bola com Vampeta! Vampeta vai dominar, vai tocar. Carlão vai pedir. O árbitro mandou seguir, mas não seguiu mais. Carlão deu uma pegada meio pesada, hein, Bruno Mendonça?

Bruno Mendonça: É o Joílson é muito rápido, né? Se apresentou, chegou primeiro que o Carlão e num carrinho o jogador do Corinthians atingiu o atleta do Botafogo. Carlão, camisa trinta do Corinthians.

Dirceu: O tempo está indo, viu. Estamos chegando com dezesseis e trinta jogadas do Timão, a fase é a primeira. Mauricio de Souza! Grande talento também brasileiro, sempre curtindo o futebol da Record. Muito obrigado, muito obrigado na audiência do futebol da Record. Estamos chegando com dezesseis e trinta jogadas do timão, a fase é a primeira, aqui o placar é zero a zero. Ele vem pra bola, faz a cobrança Joílson, vai tocando, vai armando Reinaldo, vai pedindo abertura, tentou a batida fez a bota pro Carlão, Dodô protegeu, girou, fez ali a parede, Carlão por baixo. Derrubou. O árbitro vai marcar! Falta na entrada da área! Falta na entrada da área, por muito pouco não acontece um pênalti, Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça: o Dodô reclamou com o árbitro, rapidinho mostrou ali o gramado, onde foi atingido, reclamou, queria que fosse dentro da área, a um passo realmente da risca da grande área. Falta muito perigosa, o Botafogo tem jogadores de talento nesse quesito, Lúcio Flávio, por exemplo, já está ajeitando a bola, tem também o Adilson e o Marcelo preocupados.

Dirceu: É foi pênalti, viu. Do alto aqui, me parece que foi dentro da área. Foi pênalti até bem claro. E o Simon pipocou. Na narração eu ia falar pênalti, mas como ele tava tão perto do lance, me pareceu que ele já tava pelo menos uns 15 centímetros dentro da área grande.

[...]

Dirceu: Lúcio Flávio está chegando, Zé Roberto ta pedindo, Vampeta ta acompanhando, ele vai ser obrigado a dar o toque, curto, para Zé Roberto, preparou cruzamento, a bola de área é perigosa, fez o Reinaldo. A bola vai sendo tirado pelo jogador do Corinthians, vai tentar a volta com Ailton, dominou, perdeu, tenta a bola com Joílson, sempre Joílson. Partiu pro ataque, Carlão ficou na roda, Reinaldo tenta a sobra. Esse Fábio Brás é daquele de dá em doido, hein. Deu um toque na bola, chegou firme, fez o toque, a bola passou, saiu na linha lateral. É lateral favorável a equipe do Botafogo.

[...]

Dirceu: Bota a bola para Betão. Betão, de pé direito, tirando a bola, viajando, caiu no circulo central, ganha a bola, Lúcio Flávio. Já vai dominar, vai carregar.

Vinheta: Tem gol!

Dirceu: Vai apertar, a bola é boa, vai tabelando com Reinaldo, ta voltando, vira de lado a lado, tentou com Zé Roberto, chegada da área, da meia lua, vai fazer a batida, apertou, ele é obrigado a parar a bola, vem dominando, recua mais atrás a bola, para Joílson. Joílson vem, aí chegou Fábio Brás, pé direito, bola passou, sem altura. Vai subir Finazi. Finazi vai tentar contra Juninho, acabou tratando ela pro zagueiro, recua mais atrás ainda, campo da intermediária. Arce vai tentar, tentar chegar na bola, contra Renato, ta na bola, volta pra Roger, que faz a sua estréia, ele que já deu uma rodada boa, São Paulo, Portuguesa, começou no Flamengo, tava no Santos e hoje estréia no time do Botafogo. É do lado esquerdo que Ailton tenta puxar, não consegue.

[...]

Dirceu: No seu rádio você imagina, o time do Corinthians ataca à direita, à esquerda ataca o time do Botafogo. O Tempo? 24. Mudou o tempo, o sol foi embora, hein? A bola voltou, pra cá, não, sobrou pra Zé Roberto. Habilidoso, criativo, pintou o gol, ajeitou, dispara uma bombada!! Foi embora. Perdeu gol certo Zé Roberto. Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça: Foi bonita a jogada. Uma tabela com o jogador Reinaldo, Zé Roberto entrou sozinho na área, passou raspando o travessão de Marcelo, que acabou se chocando com o Carlão. Fica caído jogador do Corinthians. Zagueiro tá sentindo a perna esquerda e o Marcelo também com problemas na caída o goleiro do Corinthians, Dirceu.

[...]

Dirceu: E a bola já é lançada, na frente a bola para Dodô, Dodô tá parando bota a bola do lado esquerdo, soltando agora com Zé Roberto. Zé Roberto caminhou, ele driblou, deu um drible tão desconcertante que ele próprio caiu.

E a bola saiu na ala esquerda, lateral favorável para a equipe do Corinthians. Já passamos da marca de trinta e um, quase trinta e dois jogados em futebol desta fase primeira. Placar é zero a zero. É bola do campo de ataque do time do Botafogo, sobe a bola pra Gustavo, Gustavo ta tirando, dominando, vai puxar o time do Corinthians, pode armar a bola pra Gustavo, a jogada é boa. Se meteu Arce, ele foi tentar com Finazi, que bolão, pintou gol, perdeu pra fazer a batida, tava dentro da área, é obrigado a sair com a bola. Sabe o que acontece, porque ele demorou para fazer a batida, então perdeu o ângulo, perdeu a chegada do tempo da bola.

A bola lançada no campo de ataque, e vem de novo, Iran ta dominando, tá se movimentando, rola a bola pra direita e vira agora pra Vampeta. Vampeta vai tentar mais atrás agora com Fábio Brás, que vai descendo e o tempo tá indo. 32. Você ligou o rádio agora, aqui no Pacaembu, placar zero a zero. Domina Betão. Betão carregou, Betão abriu, Betão lançou, a bola é boa, vai tentar com Arce, jogo ligeiro, não chega. Chegou primeiro Alex, de cabeça. Ele tira errado a bola, pinta no meio, com Vampeta, com a seta para o time do Corinthians, vira a bola para o outro lado, Paulo Souza toca a bola para Gustavo, o Iran pediu outra vez na área, linha lateral, toca a bola pro ataque, agora com Arce, Arce dominando o rodo da bola, é de primeira com Bruno, que solta a bola para Gustavo, Renato tentou, Bruno se meteu. Ganhou, ajeitou, disparou pro gol direto!! Uma bombaça!! Essa bola passa à esquerda, vai embora.

[...]

Dirceu: Trinta e quatro jogados. A fase é a primeira. O local é o Pacaembu. Tá chegando Ailton, vai colocar na área, Finazi tá lá, Gustavo já chegou e o Fábio também veio. Olha o Carlão! Faz o cruzamento, a bola fechada, a chance do gol, o desvio, o que tá acontecendo? A bola tá valendo, fez o contra-ataque, subiu Carlão, não vai chegar. Vai chegar Fábio Brás, que bombaça!! Que paulada! A bola pra fora. Escanteio. Vanderlei Lima.

Vanderlei Lima: Chute forte e o último a tocar na bola foi o Leandro Guerreiro. O Roger ia pra bola. Escanteio! Ailton na cobrança.

Dirceu: Ailton vem para bola. Vai colocar um agito de gol, vamo lá, não tem favorito. Vai Corinthians que eu quero é mais! Eu to sentindo o cheiro do gol Vem Corinthians que eu quero é mais! Vem! Vem! Bola cruzada vem pra Arce, chegou Leandro Guerreiro, pé direito, a bola passou, é lateral.

Vinheta: Tem gol!

[...]

Dirceu: Lúcio Flávio é encarregado pra fazer a cobrança. Vai de novo no Zé Roberto, ou não? Cruzamento é de área, a bola viajou, a chance do Dodô! Cabeceou certo pro chão, quicou, subiu, foi embora, passa, por pouco não acerta o gol. Bruno.

Bruno Mendonça: E o Gustavo Nery que estava na marcação, discute com o Bruno Otávio, reclama porque ninguém avisou da presença de Dodô, que apareceu livre para o cabeceio, cabeceou, cabeceou no chão, ela subiu demais. Tiro de meta pro Marcelo.

2º tempo

Corinthians X Botafogo - 16 de setembro de 2007

Dirceu Maravilha: A mil pelo futebol do Brasil, no futebol da Record! E você tem mais detalhes, mais informações com o plantão da Record. Hoje o nosso Rafael Spinelli, o que mais acrescentar pro ouvinte do Brasil, diga aí Rafael Spinelli?

Rafael Spinelli: Legal Dirceu! Começa neste momento o segundo tempo na arena da Baixada pra Atlético Paranaense um, Palmeiras zero. Placar parcial da partida. Nós neste domingo também recebemos a informação, o técnico Luis Felipe Scolari pode ter a pena amenizada do julgamento da UEFA. Isso porque o juiz Marcos Mertens colocou na súmula que o jogador da Sérvia provocou o técnico Luis Felipe Scolari e este fato pode amenizar a pena do treinador da seleção de Portugal. No grande prêmio de Fórmula um, realizado neste domingo na Bélgica, vitória de Kimi Raikkonen da Ferrari e na segunda posição Felipe Massa também da Ferrari, na terceira posição Felipe Alonso da McLaren e na quarta colocação Lewis Hamilton piloto inglês da McLaren. Hamilton é o líder do Campeonato Mundial de pilotos com noventa e sete pontos e Fernando Alonso vem logo na sequência, na segunda posição, com noventa e cinco pontos, Dirceu.

Dirceu Maravilha: Legal Rafael Spinelli. Sempre bem informado com detalhes e informações pra você ouvinte da nossa Rádio Record. Everaldo Silva com toda a sua categoria vai fazer o som com a gente pra todo este segundo tempo. Está voltando. Corinthians está voltando. O time do Botafogo. Será que nós teremos mudanças?

Bruno Mendonça: Não. O Corinthians é o mesmo, Maravilha.

Dirceu Maravilha: O mesmo? Então as emoções serão as mesmas no segundo tempo. Não vai mudar o Botafogo, não vai mudar também o time do Corinthians. Mas o Botafogo tá mais perto do gol do que o time do Corinthians, hei? Tá mais perto o Fogão do que o próprio Timão.

Esperamos muito mais pra essa fase complementar, pra você curtir aqui com a gente todas as emoções do futebol da Record. Daqui a pouco tem lance final. Sabe quem vai comandar o nosso lance final da nossa Rádio Record, sabe quem? Sabe quem? Juarez Soares! Juarez Soares, o China, que também mudou pra Record. Algum detalhe Bruno? Vanderlei Lima? Alguém aí pra falar?

Vanderlei Lima: O técnico Cuca já está alí concentrado, para este segundo tempo e de fato Botafogo criou aí as melhores, podemos dizer assim, entre aspas, melhores oportunidades e o Dodô saiu reclamando bastante daquela marcação da falta, que na verdade foi dentro da área e seria pênalti e o Simon marcou fora da área, Dirceu.

Bruno Mendonça: E aqui o José Augusto.

Técnico José Augusto: Algumas jogadas de perigo do Botafogo contra a nossa defesa.

Bruno Mendonça: O que não deu certo no primeiro tempo?

Técnico José Augusto: O gol. Precisava sair o gol pra poder ter um pouco mais de tranquilidade para trabalhar.

Bruno Mendonça: Vem com começo daquele ritmo ainda, do primeiro tempo?

Técnico José Augusto: Não podemos deixar que esse primeiro tempo, com uns quinze, vinte e cinco minutos bem e depois o time deu uma queda e o espaço pro Botafogo jogar. Espero que a gente volte agora com a mesma aplicação do início e que termine e consiga fazer os gols que não fizemos no primeiro.

Bruno Mendonça: Este é José Augusto que está gritando muito.

Dirceu Maravilha: Está soltando a voz o técnico do Corinthians. Vai começar o segundo tempo no estádio do Pacaembu. Botafogo à minha esquerda, o time do Corinthians agora vai ficar à minha direita. Eu estou contigo e não abro. Esperando muito mais do timão pra essa fase complementar no estádio do Pacaembu. Vai descendo a bola ali o Dodô, perto dele também o atacante Reinaldo. Alô, alô Brasil! Bola rolo, rolo!

Vinheta: Se for pro gol, me chama que eu vou!

Dirceu Maravilha: Repete!

Vinheta: Se for pro gol, me chama que eu vou! Dirceu Maravilha!

Dirceu Maravilha: Bola rolando no estádio do Pacaembu e bola vai sobrar aqui. No campo da defesa do Corinthians saiu driblando Marcelo para fazer a defesa. Bola para Gustavo Nery que vai tentar carregar a jogada. Vai embora Corinthians que eu quero é mais. Eu quero é muito mais nessa fase complementar de Corinthians e Botafogo.

Gustavo Nery bate na bola. Lança a bola, tá viajando. A bola já foi cortada, foi desviada. A bola fica no meio. Subiu Fábio Brás, cabeça na bola, passou, bola viajou. Sobrou outra vez no contra-ataque, o domínio é bom. Ele parou, dominou, não passou, rolou, armou, tentou pra Gustavo, a bola não passa, sobra na direita. A bola com Otávio, não tá mais comigo. Tá a bola pra Ailton. Ailton tá descendo, Botafogo tá apertando, o cruzamento é bom. É pra Finazi a tabela, tentou com Arce, vai sobrar, vai tentar a batida. Demorou demais. Quis ganhar falta, não ganhou nada! Preocupado em ganhar alta perdeu foi a bola. E dali contra-ataque. Esse é ligeiro, Zé Roberto, esse é ligeiro. Zé Roberto vem carregando. Zé Roberto já vai descendo.

Já veio buscar um café? Começo do segundo tempo, tá cedo ainda. Um minuto. A bola rolada na área esquerda, domina o time do Botafogo. Tentou cortar, Otávio vai chegar. Pode fazer o cruzamento. Ele segurou, olha, tá faltando quarenta e quatro pra acabar e já levou o café! É bola na direita, tá seguindo, tá dominando e a bola está passando e o árbitro tá marcando. É passe de bola favorável à equipe do Corinthians.

Cinco e dez da tarde no horário do Brasil! Esporte clube Corinthians paulista, fundado em mil novecentos e dez. A galera esperando muito mais do timão nesta fase complementar. Vai Corinthians que eu quero é mais. Se for pro gol timão, me chama que eu vou. Se for pro gol timão, me chama que eu vou! Desce o Botafogo, bola pra Zé Roberto que vai dominar, pode fazer a passagem mais na frente a bola enfiada, ai chegou antecipando, vem cortando a bola

para Carlão. Faz aqui na área esquerda da bola prá Ailton, Carlão sai para receber, ainda tentou dar um totó, nem eu entendi o que ele quis fazer. Ele chegou foi dando um totózinho no tornozelo do Leandro Guerreiro, não é isso Bruno Mendonça?

Bruno Mendonça: Fica caído. O jogador do Botafogo reclama com o Simon. Roger, que hoje está estreando, deixa a área para revezar a batida da falta.

Propaganda

Dirceu Maravilha: Este é o futebol da Record! E o tempo tá indo, dois e trinta e quatro jogados, futebol fase complementar. Tenta um com o pé direito, vira, lança, vai pro contra-ataque, enfiando, saiu Roger. Trinta e cinco anos já tem esse goleiro do Botafogo. Saiu para fazer a sua defesa. Não tem muita pressa para recuar a bola. Segura a bola dentro da sua área grande.

Já estamos já indo para o final da tarde, para o final da tarde e o placar continua zero a zero. E não tem pressa o Roger, tá ali com a bola, tá valendo, uai. Ele tem condição para fazer isso. Aí lança a bola pro ataque, Fábio subiu para dar o toque na bola, sobe a bola com Vampeta, que perdeu, aparece na cobertura, chegando Lúcio Flávio. Aí foi cravado na chegada da bola contra Athirson e a bola saiu na lateral. Não deu falta não, né Vanderlei?

Vanderlei Lima: Não. Só lateral. Athirson na cobrança.

Dirceu Maravilha: Ele já está se apresentando. Vai fazer a cobrança, trabalha pra Zé Roberto que vai dominar. Segura a bola Botafogo, é todo pressão. É bola do lado esquerdo, ele vai dominando. Três e dez! Segundo tempo, futebol da Record, a mil pelo Brasil! Tocou, armou, Fábio Brás vem de novo na defesa e a bola vai saindo da área. Direita. Outra vez é manual. Passe de bola novamente para a equipe do Botafogo que tá chegando, tá se apresentando.

Três e trinta. Segundo tempo de jogo. Zero a zero. O local é Pacaembu. Rádio Record, a mil pelo Brasil. É bola tocada, é bola lançada, é bola avançada. Gustavo Nery chegou, cortou, mas passou errado, a bola sobrou pra Leandro Guerreiro que abre a bola pra Joílson, dominou. Partiu pra Gustavo Nery, o gol não apareceu! Antecipou José Roberto!

Tá aí bola pra fora. Escanteio, Vanderlei Lima?

Vanderlei Lima: Escanteio providenciou a chegada do zagueiro e capitão corintiano Reinaldo. Estava esperando o rebote e não deu. Vem Lúcio Flavio na cobrança.

Dirceu Maravilha: Lúcio Flávio tá chegando, vai colocar a bola dentro da área grande do time do Corinthians que está apertando o Botafogo, o jogo é cá, o jogo é lá.

Aqui, o futebol é na Record! Vampeta sai da marcação do Zé Roberto. Lúcio Flávio vai colocar a bola dentro da área, Finazi vem como zagueiro pra ajudar. É bola cruzada. É Fábio Brás de cabeça, testando e afastando, ninguém do Corinthians pra chegar na bola. Recua para o lado esquerdo Athirson, a bola é boa, é na linha lateral. É Juninho que tocou pra Athirson, sim, é bola cruzada, é bola na área, vai tentar, agora viajou. Ele viu que a coisa não tava legal, manda a bola pra fora, Vanderlei Lima, escanteio.

Vanderlei Lima: É, dois jogadores botafoguenses, agora novo escanteio, mais uma vez Lúcio Flávio na cobrança.

Dirceu Maravilha: E tinha pressa pra fazer o toque pra José Roberto, mas o Vampeta vem ali, acabou com essa moleza de toda hora bater curto. E fica na marcação Lúcio Flávio pronto pra fazer a batida da bola.

[...]

Dirceu Maravilha: Toque-toque da bola. Tic-tac do tempo. Na Record você fica sabendo o tempo e o placar do jogo. A Record vai marcando, você vai conferindo. Cinco jogados, dez segundos no segundo tempo. Estádio do Pacaembu. Zero Corinthians, zero Botafogo. Rafael Spinelli.

Rafael Spinelli: Atlético Paranaense um, Palmeiras zero. Atlético Mineiro dois, Cruzeiro também dois.

[...]

Dirceu Maravilha: Recolheu Airton, pintou, dominou, ajeitou, não deu. Bola afastada vai pra fora. Era um bom, bom, bom momento do Corinthians. Zé Manuel Incendiou a galera. Preparou, ainda tentou cruzamento, não deu. A bola volta outra vez na linha lateral, a bola sobra para o contra-ataque do Botafogo. Empurra a bola pra Dodô. Dodô tá dominando, o Fábio fica em cima dele. O toque acontece, domina pelo time do povo, vai timão que eu quero é mais! Vai Corinthians que eu quero comemorar mais do que nunca hoje.

É bola lançada do lado esquerdo, vai tentar com Finazi. Finazi vai pra bola, tentou domínio, parou, ajeitou, não passou. Tentou o ataque pro meio, bola afastada, sobra bola pela linha lateral. Ele vai tentar tirar, vai tentar armar, ele vai tentar sair pro jogo. A bola pinta do lado esquerdo vai tocando girando a bola. Bola com Leandro Guerreiro, aperta Ailton, bota a bola com Juninho, descarrega pro time de ataque, agora vai quebrando, vai sobrar a bola com Betão.

[...]

Dirceu Maravilha: A bola vem pra área, bola aí com Renato Silva de cabeça, o desvio acontece, a bola vai pra escanteio, Bruno Mendonça?

Bruno Mendonça: Ele acertou a direita de ataque ao Corinthians. O torcedor Corinthiano se empolga no Pacaembu. Arce, o boliviano, vai pra bola.

Dirceu Maravilha: Vamos galera! Vamos gritar! Vamos cantar! Vamos embora! Vamos embora! Vamos embora! Treze e quarenta e cinco no tempo, eu quero é mais! É bola parada. Cruzamento é bom, a bola viajou, vai Fábio Brás! A bola passou. Escanteio! E ele quer aplauso, Bruno!

Bruno Mendonça: Ele quer aplauso, subiu na jogada o Alex. Arce, mais uma vez no escanteio.

Dirceu Maravilha: Bota no agito, vamos embora galera, bota no agito, que eu quero é mais. Vai pra bola, cruzamento é fechado, vai subir Fábio Brás de novo, vai por cima, testou, empurrou, a bola vai pra fora. Escanteio de novo, Bruno?

Bruno Mendonça: Agora pelo setor esquerdo de ataque, o Arce já sinalizou pra outro jogador fazer a batida. O Irã é que vai se apresentar. Continua na área Carlão e Finazi.

Vinheta: Tem gol !

Dirceu Maravilha: Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura! Cinco e vinte e três. É bola parada, lá vem de novo o time do Corinthians, apertando o cerco. Vamos embora Corinthians que eu quero é mais! Se for pro gol Corinthians, me chama que eu vou!

Olha o Cruzamento, a bola vem pra área, Fábio Brás tá de novo pra tentar um desvio da bola, sobra a bola, “el mariacchi” vai empurrar a bola prá Gustavo. Gustavo vai fazer a tabela pelo alto, a bola com Everton, dominou. Primeiro, segundo, passou. Tentou pra área, foi derrubado. Falta nele! Éveton “el mariacchi”, “el sombrero”. Eu quero é mais! Bola parada. É falta pro timão. Gol aonde Spinelli?

Rafael Spinelli: É gol de empate da raposa! Guilherme! Atlético Mineiro três, Cruzeiro também três.

Vinheta: Record!

Dirceu Maravilha: Vamos ouvir um pouco do torcedor. Só o torcedor, vai. Como é bom ouvir essa galera. Bonito! Tá em alto astral. Eu também estou em alto astral do futebol da nossa Record! Futebol do Brasil, eu quero é mais!

E como é bom você estar de bem com a vida. Como é bom você estar de bem com a vida. Apostando sempre no amanhã, um, dois, três, quatro, cinco. É a formação do time do Botafogo, segundo Corinthians! Quero ver quem vai bater. Iran, já pensou você batendo, marcando, estreando com gol do Corinthians? Gustavo Nery também está perto da bola, ali tá mais para Iran. Correu pra fora e encobriu todo mundo, o travessão e a bola foi embora. Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça: Ah, pegou muito mal na bola o Iran. Buscou o lado esquerdo o goleiro Roger, e apenas tiro de meta. Segue zero a zero.

Dirceu Maravilha: Toque, toque da bola, tic-tac do tempo. Na Record você fica sabendo o tempo e o placar do jogo. A Record tá marcando, você tá conferindo, estamos chegando com dezesseis jogados no segundo tempo, vinte e nove para terminar no Pacaembu. Refletores acesos. Estamos no final da tarde, daqui a pouco é noite, vai chegar nesse dezesseis de setembro de 2007.

[...]

Dirceu Maravilha: E vem Botafogo do lado esquerdo, ele parou, tabelou, rolou, errou a bola, olha o Botafogo chegando, o desvio. Vai sobrar com Joílson, tá sozinho! Agora já marcado.

Não tem espaço pra batida, cuidado. Vai tentar com Zé Roberto. A bola pra fora pra Lúcio Flávio! E chão pra bola, linha de fundo, Vanderlei Lima?

Vanderlei Lima: Primeiro bateu no Reinaldo, tirando da direção do gol, aí caiu naquele que sabe chutar, o Lúcio Flávio forte e pela linha de fundo, tiro de meta. Tudo igual aqui no Pacaembu.

Dirceu Maravilha: Estamos chegando com dezessete jogados pro timão. Essa é a fase complementar. Esse é o futebol do Brasil, o futebol da Record. É festa pra você conferir. E vem bola pro contra-ataque. Tá chegando o atacante Finazi. A bola está passando, está saindo da linha lateral. É lateral favorável à equipe do Botafogo.

[...]

Dirceu Maravilha: Zero a zero! Zero Corinthians e zero também para o time do Botafogo no futebol da Record, a mil pelo Brasil! Olha o cruzamento, olha o lance de área, vai tentar com Finazi, a bola tá viajando. Aí cabeceando a bola, veio Renato, sobrou com Gustavo Nery, Renato tá em cima dele. Um bolão pra Everton, cruzou pra área, Finazi! Roger chegou primeiro, fez a defesa, Bruno!

Bruno Mendonça: Nem Finazi do Corinthians, nem o Alex do Botafogo. Nenhum deles conseguiu tocar na bola. Ficou pro Roger, goleirão do Botafogo!

[...]

Dirceu Maravilha: Daqui a pouco o Corinthians vai mudar. Vai entrar o dezenove do Corinthians.

Vanderlei Lima: Lulinha daqui a pouco.

Dirceu Maravilha: Lulinha daqui a pouco, Lulinha vem. E aí, quem vai. Sabe quem vem? É o Betão! Botou na direita. Carlos Alberto. Agora vem. Agora vem gás. Agora vem, agora vem, quer ver? Olha o cruzamento! Vai marcar Everton! A bola quicou! Soltou, sobrou, Gustavo Nery chegou atrasado e não deu tempo. A bola volta com Joílson. Agora tem um

buraco. Esse Joílson é ligeiro. A bola parece que cola no pé dele. Parece que tem imã na ponta da chuteira. Vira a bola pro lado esquerdo, tenta com Moreno, tá dominando, o tempo tá indo, vinte e sete, bola cruzada. Vem pra área. A bola é boa. Botafogo, e a bola vai ficar à direita, com Adriano, Adriano tenta a volta, voltou, dominou, Dodô achou um espaço. GOOOOOOOOOOOOL!

Vinheta: Cadê o grito da galera?

Dirceu Maravilha: É do Botafogo! É de Dodô. Matador do Botafogo!

Música: Que bonito é, as bandeiras tremulando...

Dirceu Maravilha: O ataque foi preciso, a bola veio pra área, Adriano achou Dodô. E Dodô na área sem marcação é caça! Ele dominou, ajeitou, girou, marcou o primeiro gol do Botafogo! E marca o seu décimo gol neste Campeonato Brasileiro. Dodô atacante cheiro de gol! Dodô atacante cheiro de gol, chegou livre. Ninguém na marcação, encheu o pé, bota pra dentro. E o Botafogo marca pela primeira vez no Pacaembu. Vinte e sete e trinta. Primeiro tempo no Pacaembu. Pra lá é do Dodô! Pra lá é do Dodô! Um Botafogo, zero Corinthians!

[...]

Vinheta: Futebol é na Record!

Dirceu Maravilha: Este é o futebol do Brasil! Everton! Vamos lá Everton! Vai Everton! Vai, vai! Vai Everton! Vai Everton! Não deu pra fazer a batida. A bola vai sendo afastada. Sai pelo lado esquerdo, o Botafogo vai tirando. Trinta e três jogados. Futebo, a fase é complementar. Esse é o futebol do Brasil! Que vai unindo o Brasil inteiro através da bola. Você curte a sensação de emoção que só o rádio é capaz de proporcionar! Eu quero é mais! E como é bom você ouvir o rádio! Você ouve o rádio ao lado do pai, às vezes está ao lado da mãe, e como é bom você ouvir rádio há muito tempo. O rádio faz parte da vida da gente. Eu amo rádio, adoro rádio.

[...]

Dirceu Maravilha: Estamos chegando com trinta e cinco jogadas do timão. A fase é complementar. Bola parada! Posse de bola favorável ao time do Corinthians, bota pressão, bota pressão o timão! Bota pressão o timão! Eu tô sentindo que dá, eu tô sentindo que dá! Eu tô sentindo que dá! Eu tô sentindo que dá! Olha o cruzamento, ele bateu ficou de bumbum no chão e a bola sobrou do lado esquerdo, vai correr o lateral para fazer o domínio do lado esquerdo. Trinta e cinco jogadas do timão! A fase é complementar. Record voando mais alto, nosso grande comandante é o Cássio Lira, torcedor do São Paulo, ele tá a mil pelo Brasil! Record Voando. Voando. Voando. Voando mais alto!

[...]

Dirceu Maravilha: Paulo Roberto Martins, tá difícil para o Corinthians, hein Paulo? Um a zero para o Botafogo! E sorte agora.

Paulo Roberto Martins: É, nem o gol que o Botafogo marcou animou o Corinthians a tentar uma reação. O time não tem condições para isso. O Time é fraco! O time é mal orientado. O Corinthians precisa pensar seriamente nisso. E está completamente entregue, vivendo aí de uma bola parada talvez. De um escanteio, uma falta. Fora isso, a chance é zero.

Dirceu Maravilha: e agora, vai no contra-ataque, sempre faz uma falta. Mais um bom momento, favorável à equipe do Botafogo! Olha o Corinthians, como destacou o Paulo, tá péssimo! Tá horrível! Olha, é motivo até de chacota esse time do Corinthians. Bola parada! Falta pro time do Botafogo, Vanderlei Lima. A informação pra BV que tem dinheiro na hora para você! Diga aí Vanderlei Lima.

Vanderlei Lima: E quem cometeu essa falta foi o zagueiro, o volante Carlão! E o Juninho, capitão da equipe chuta muito forte, preocupado o goleiro Marcelo!

Dirceu Maravilha: Deixou para Moreno bater. Espalma o goleiro do Corinthians! A bola voltou do lado esquerdo. Tá dominando ali Gustavo Nery. Aquela famosa mão no peito, pra evitar a chegada, onde agora, o famoso empurrão, segurou na camisa. O arbitro mandou seguir. Não aconteceu nada, e é só lateral manual para o time do Corinthians! Já passamos de quarenta e dois, já estamos caminhando para o final do jogo no estádio do Pacaembu. Até agora o Corinthians vai perdendo pro Botafogo por um a zero. Você vai aumentando o

volume do seu rádio. Você vai curtindo o show do Brasil da Record. Muito obrigado a você que vai curtindo. Doutor Jairo Vidal! Jairo Vidal Tabacow, grande torcedor corintiano. Muito obrigado pela audiência! Agora pro campo de ataque. Todo mundo mudando, mudando para os mil do futebol da Record. Quarenta e dois e trinta, futebol, é segundo tempo. É bola parada. É contra-ataque. É o Corinthians que vem de novo. É o Corinthians que se manda. É o Corinthians que aperta o cerco. E a bola pro campo de ataque. Vai tentar a bola pra Everton, ele parou. Veio caído, dobrando entre as pernas, ganhou, girou, dominou. Lance do Everton, vai pra segunda, a sobra é corintiana, capricha Betão. Betão vai pro campo de ataque, domina, rola para Gustavo Nery. É bom momento, a bola com Betão. Betão tá descendo, aperta a bola, é bola de área, a bola viajou. Ailton. Aqui não acontece pra ninguém! Ninguém chegou. Botafogo com a bola. Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça: Acabou isolando, Cuca dá uma bronca no jogador do Botafogo que fez toque na bola. Público total no Pacaembu oito mil setecentos e cinqüenta e nove. E a renda bruta cento e vinte mil e cento e oitenta e dois reais.

[...]

Dirceu Maravilha: A bola está viajando e vem bola pro contra-ataque! A bola vai quicar, o Everton vai dominar, ele vai segurar, ele pode fazer o cruzamento, Everton, pra cima dele, a galera corintiana não arreda o pé. A bola viajou Finazi, olha o toque de cabeça. Defesa espetacular do Roger! Que defesaça do Roger! Espalma para escanteio. Se o ataque não resolve, pelo menos alguém da defesa vai pro contra-ataque pra tentar encontrar o caminho do gol, a cabeçada foi maravilhosa do Fábio Brás, Bruno Mendonça.

Bruno Mendonça: E o Cuca grita desesperado com o jogador Moreno que deu liberdade para o Fábio Brás arriscar o cabeceio. Uma linda defesa do goleiro Roger! Escanteio para o Corinthians no finalzinho do jogo, Dirceu.

[...]

Dirceu Maravilha: É boa a presença do público feminino essa tarde no estádio do Pacaembu. Todo mundo aqui, com o radinho curtindo numa boa. Muito obrigado alguns amigos que estão ouvindo a nossa rádio Record, muito obrigado pelo carinho da audiência. Já passamos de quarenta e quatro. Estamos chegando com quase quarenta e cinco. E como é bom você

estar no estádio, com seu rádio, ouvindo futebol. Mas ouvindo os mil da Record. Olha a torcida do gol de empate. E eu continuo com o Corinthians ainda. Daqui a pouco vai subir a placa de acréscimo. E vai ser longo. A bola é dominada, vai tocando a bola, vai subir mais quatro. É, a longa espera ainda para a torcida Corintiana pro final do jogo. Ainda restando, portando, quatro minutos. Vai Corinthians que eu quero é mais. Ataca Corinthians. Tentou sair, acabou perdendo Everton. E a bola entra pro Botafogo. A bola passou. É só lateral. Tem pressa o time Corintiano. Carlão! Carlão dá a bola para Betão. Betão tava de costas. Fica de frente. Nada tá definido ainda, o estádio do Pacaembu. A esperança continua no ar.

Daqui a pouco tem Juarez Soares, tem o China, daqui a pouco tem Lance Final! Lulinha, Lulinha. Tentou dar o primeiro, não conseguiu, toque. Acontece o corte, é bola pra fora. Bola rolada. Com Everton na cobrança do manual, domina Everton, alguém tem que vir perto dele, três em cima dele. Dominou Lulinha, lindo toque, linda a volta, lindo momento, cruzamento, não vem o Everton, caiu sozinho outra vez. Não aconteceu nada e a bola fica na defensiva outra vez, no Botafogo. Dois pra terminar. Quarenta e seis vai marcando o eletrônico da nossa Record a mil pelo Brasil. Recupera Fábio Brás, boa bola. É fora de área, com Finazi, é matador, girou, preparou, fuzilou fraco demais. Mais fraco do que coice de porco. Chute horrível. Péssimo dos péssimos o chute de Finazi. Quarenta e seis e vinte! Segundo tempo no estádio do Pacaembu. A bola com Joílson. Joílson tá dominando. Joílson bateu a bola nos pés do Simon, sobrou pro Corinthians, com Lulinha, ele armou um bom contra-ataque com o árbitro. Rolou pra Everton, pode ser agora o momento da explosão do Pacaembu. Dominou, pedalou, ajeitou, preparou perna esquerda, fuzilou, bateu no Renato! Bateu no corintiano. É tiro de meta!

[...]

Dirceu Maravilha: Vai terminar o jogo no estádio do Pacaembu. Vai terminar o jogo no estádio do Pacaembu. A torcida não gostou. Vai terminar o jogo! Vai encerrar o jogo o árbitro! Um pro Botafogo, gol de Dodô, zero para o time do Corinthians. Quarenta e nove, zerou, apita o árbitro! Quem ganhou, ganhou. Quem não ganhou, não ganha mais! Aqui, ferve o povo. Um trágico time do Corinthians! Um trágico time Corintiano! Perde o timão! Perde o timão! Mais uma vez, um pro Botafogo e zero para o Corinthians!

1° tempo

Corinthians X Palmeiras – 23 setembro 2007**Narração: Deva Pascowitch - Rádio CBN**

Deva Pascowitch: Atenção ouvinte da rede CBN de todo Brasil! Vai começar o jogo aqui no Morumbi! Nesse momento respeitando um minuto de silêncio.

Já, já informação pra você ouvinte da CBN, lembrando que você pode acessar o site da CBN www.cbn.com.br e interage com a gente até as sete da noite hoje depois do apito com Reinaldo Moreira depois do futebol.

Autoriza o arbitro a bola está rolando no Morumbi. Prepare-se torcedor Corintiano, prepare-se torcedor Palmeirense, começou as emoções de um grande clássico, extremamente importante, a briga para o Corinthians sair do rebaixamento. Uma briga pro verdão, como disse o Caio ainda sonhando com o título. Dentro de uma realidade entrar na vaga direto para a Libertadores da América em 2007.

Primeiros quarenta e cinco minutos em andamento. É agora! Toca o time do Palmeiras pela direita, chega de cabeça Betão, toque de cabeça Betão, vem pelo meio de campo. Recupera o time do Palmeiras!

Valdívia se mandou. Arrepiou a torcida do Corinthians, tentou levar e nada! Pega a sobra Everton, lançamento. Aqui na CBN você vai conferir todos os detalhes de um jogão de futebol!

O melhor som ambiente vai mais uma vez invadir o seu rádio, você pode interagir com a gente no www.cbn.com.br.

Fábio Brás entra pela esquerda, derrubado Nem em cima dele. Lance legal! Tentou levar o Caio. É bom jogador. Gosto do Caio.

Caio hoje vai ter liberdade, não vai ter obrigação de marcar ninguém nem o Valdívia. Quem vai ficar com a marcação são os três volantes ali, Pierre, Makelelê e Martinez.

Birner, você gosta dessa liberdade pro Valdívia e pro Caio Birner?

Vitor Birner: Olha, eu acho que o Caio tem que marcar porque você não pode abrir mãe de três jogadores, Márcio vai auxiliar a saída de bola e alguns cruzamentos, o Valdívia é um o péssimo marcador e por isso o Caio tem sim que auxiliar um pouco na marcação.

Com o Caio o Palmeiras ganhou um pouco mais de toque de bola, com o Luiz Henrique o Palmeiras ganhou um pouco mais de velocidade, um pouco mais a frente. Foi a opção do técnico Caio Junior entrar com o seu chara, o Caio.

André Sanches: O Caio é um jovem jogador de 22 anos. Rápido já tem dois gols no campeonato.

Vitor Birner: O Caio tem liberdade. O Caio e o Valdívia podem jogar. São jogadores que você tem realmente que dar liberdade, tem a finalização muito boa e nós precisamos de jogadores que cheguem.

[...]

Deva Pascovitch: Palmeiras Zero! Corinthians zero!

Vinheta: Esse é o futebol da rede CBN com Deva Pascovitch!

Deva Pascovitch: Esse é o futebol da rede CBN com muito mais informação e muito mais notícias para você!

Eu estou achando interessante este duelo ai com o Vampeta com o Martinez. Vampeta disse que ia comer um pouquinho, degustar um pouco e o Martinez respondeu:

Sonora do jogador Martinez: Ah! O Vampeta acho que por tudo já que ele fala. É uma pessoa agradável. Gente boa. Muita gente que tem amizade com ele, conheço muito jogadores que tem amizade fora de campo também então todo mundo já se acostumou com esse tipo de brincadeira e não tem nem como levar na maldade.

Deva Pascovitch: É não tem mesmo. Tem que levar na brincadeira para promover o espetáculo e só, né Birner.

Vitor Birner: Essa é a fase do Vampeta. Se ele tivesse jogando em um time de ganhadores, como time de ganhar tudo, se ele tivesse dito exatamente isso, certamente o adversário se encheria de grilos, ficaria irritado, daria uma resposta um pouco mais áspera. Mas como o Vampeta nesse momento com todo o respeito, pra quem já viu o Vampeta jogar, é digno de pena, o Martinez tirou sarro do comentário do amigo corintiano.

[...]

Deva Pascovitch: Agora primeiro tempo aqui no Morumbi. Vale a sua participação no www.cbn.com.br. Lançamento Felipe, jogadas, vai tentar jogar, o Finazi tocou de cabeça, ficou parado o jogo, falta marcada. Falta favorecendo a equipe do Palmeiras. Primeira vez. Lançamento recente. O Palmeiras, o verdão, utiliza esse uniforme no clássico.

O time usou apenas uma vez no campeonato brasileiro contra o Goiás, foi à estréia do novo uniforme e está jogando pela primeira vez em um clássico.

Olha o Max! Manda para Fabio Brás, tocou na direita, andou, driblou, passou a bola chegou no Max, a bola sobrou no meio. Vai tentar pro Betão, lançamento, bola pra área, arriscou, dominou, escapou, girou, recuou.

Começa o verdão, parte o Makelelê. Ligação de jogo, tentando aqui pela esquerda, vai Makelelê, acerta este passe Makelelê, acerta este passe Makelelê, tocando pra Max, dominou, entrou na área, Vampeta, cobrou em cima, vai bater pro gol e ele sentiu mais um drible e um toque, lançou e nada! Nada! Ele reclama pro Oliveira. O lance é legal.

Finazi tocou de cabeça, ajeitou, disparou o time Corintiano, foi derrubado o Rosinei. Foi falta.

Vitor Birner: Foi falta.

Deva Pascovitch: Lá vem verdão! Lá vem verdão! Caio! Passe sensacional! Vai medir pra Leandro. Passou. Lançou. Valdívia vai pra bola. Nada! Vai pro chão o chileno. Pra mim o lance foi normal.

[...]

Deva Pascovitch: Fábio caindo de cabeça ajeitou, pra cima da marcação, sai por baixo! Mais um toque e bola pra fora. A bola sai! Arremesso! Sai Felipe, Caio Junior está ali gritando o banco do Palmeiras ali. Está gritando o tempo todo o Caio. Vai ficar roco o Caio Junior hoje. Faz o toque na frente pra Valdívia, lançamento feito no peito, tranquilo! Pedindo o toque bola mais uma vez Iran, Fábio Brás está chegando no jogo, dispara o time Corintiano.

Vai Everton, vai Corinthians! Vampeta faz um toque na bola. Everton avança também Vampeta. Martinez agora pra cima dele. Ganhou pra direita. Lançamento! Tentou! Deixou e a bola veio direto e o goleiro fez a defesa.

[...]

Vinheta: Palmeiras!

Deva Pascovitch: Zero!

Vinheta: Corinthians!

Deva Pascovitch: Zero!

Vinheta: Futebol da CBN com Deva Pascovitch.

Deva Pascovitch: Sai pro time corintiano. Vampeta vem pro circulo central, toca do lado Fabio Brás, se apresentou, toca Palmeiras, lançamento perfeito direto paras as mãos do Cavalieri.

Segura tranqüilo o goleiro palmeirense. Ele foi pra lançar. Leandro já subiu. Chega em meio de campo. Vai Valdívia. Encosta, tentou sair da marcação, toca pra Makelelê, diz que não foi nada sai do jogo! Sai Corinthians! Sai Martinez, tem limpo, tentou, foi derrubado!

Vitor Birner: Pra cartão!

Deva Pascovitch: Tocou na bola, mas derrubou também o jogador. André Sanches, a sua informação, André.

André Sanches: Foi exatamente isso. Ele tocou a bola, ma também acertou o jogar Everton. Falta bem marcada pelo arbitro da partida.

Vitor Birner: Ou dá lateral, ou da falta e cartão amarelo. Não pode dar a falta e deixar de dar o cartão como está fazendo o arbitro.

Deva Pascovitch: É ele não teve a intenção de pegar, mas pegando.

Vitor Birner: De boa intenção o inferno está cheio.

[...]

Deva Pascovitch: A bola não sai. Wendel. Vem o time do Palmeiras, arremesso do verdão, pressão pra cima do Corinthians. Toque pra Vampeta.

Caio chegou, toca de pé direito, a bola vai sair, linha lateral, vem o toque de cabeça, passa pro time do Palmeiras, tentou pelo lado, cansou o Wendel, tentou o lançamento, explode na marcação!

A bola sai. Linha lateral. Arremesso mais uma vez para o time do Palmeiras. Pra bater logo ali Caio. Mandou colocar na área.

Não consegui, fez falta! É Caio dessa vez não deu né. Pelo menos obedeceram você Caio!

[...]

Deva Pascovitch: Movimentação é grande na área Corintiana. Pra bola Caio no pé direito. Vai bater o lançamento. Bateu. Chama pro gol. Finazi vem e mete a cabeça na bola.

Afasta o pedido da área corintiana. A bola sai. Arremesso do verdão o time sai. Zero a zero o jogo aqui no Morumbi.

Lançamento feito pra lateral da área corintiana. Jogada bonita Aplicou um meia lua, Rodrigo armou aqui no Morumbi, disparou Finazi, Vampeta vai chegando, vai Vampeta. Tocou pra direita. Iran subiu. Lançou mal Iran. Mal demais. Horrível o lançamento do Iran.